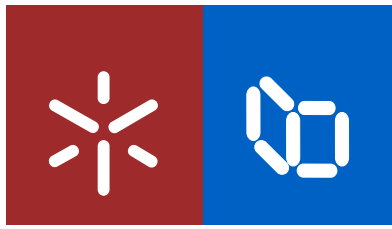


**Universidade do Minho**  
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Fernando da Conceição

**Estudo Comparativo Sobre as Tradições Rituais Cerimoniais entre os Povos Nativos Norte-Americanos e o Povo do Grupo Étnico Mambae, do Subdistrito Ainaro, em Timor-Leste.**



**Universidade do Minho**  
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Fernando da Conceição

**Estudo Comparativo Sobre as Tradições  
Rituais Cerimoniais entre os Povos  
Nativos Norte-Americanos e o Povo do  
Grupo Étnico Mambae, do Subdistrito  
Ainaro, em Timor-Leste.**

Dissertação de Mestrado em Língua, Literatura,  
Cultura Inglesas e Norte- Americana

Trabalho realizado sob a orientação do  
**Professor Jaime José Becerra da Costa**

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE  
QUALQUER PARTE DESTA DISSERTAÇÃO

Universidade do Minho, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## Dedicatória

A minha honra aos meus pais (defuntos).  
À minha querida família (esposa e filhos),  
pela paciência, esperança e amor.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer e expressar a minha gratidão mais profunda ao Professor Doutor Jaime José Becerra da Costa, pela sua assinalável disponibilidade, compreensão e dedicação demonstradas enquanto orientador da minha dissertação de mestrado. Agradeço à equipa do BabeliUM, liderada pela Doutora Maria Micaela Ramon, e especialmente à professora Vanda Figueiredo, pela sua ajuda com a língua portuguesa.

Quero agradecer, igualmente, à Universidade do Minho, especialmente ao Instituto de Letras e Ciências Humanas, que me deu a oportunidade de estudar no Mestrado em Língua, Literatura, Cultura Inglesas e Norte-Americana.

Agradeço ao Dr. Anthony Michael Lavander (coordenador associado do projeto da UNTL, de formação para docentes), ao Professor Doutor Aurélio Guterres (Reitor da UNTL), à Dra. Lígia Correia (Vice-reitora da UNTL, nomeadamente em assuntos de cooperação), ao Dr. Marcos António Amaral (Decano da Faculdade da Ciência de Educação, Arte e Humaniora da UNTL) e aos meus caros amigos professores, bem como a todos os que me deram o seu contributo em termos de ideias intelectuais e morais, direta ou indiretamente, na elaboração deste trabalho académico.

Agradeço também aos informadores/entrevistados que, com toda a sua paciência, disponibilidade e boa cooperação me narraram as histórias e tradições orais das cerimónias rituais, e me explicaram as suas funções, durante o tempo em que realizei o trabalho de campo. Com todo o meu respeito, quero mencioná-los: Alarico da Costa dos Reis, António de Araújo, António Magno, Domingos Magno, Fernando Xavier, João da Silva, Luís Marçal Magno, Nuno Bianco Araújo, Rafael Pereira e, por último, Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, SDB (Bispo Católico timorense e laureado com o Prémio Nobel da Paz, em 1996).

## RESUMO

O presente trabalho é um estudo comparativo entre duas culturas indígenas de dois povos, especialmente de grupos nativos da América do Norte e do grupo étnico *Mambae*, do subdistrito de Ainaro, em Timor-Leste. Em séculos passados, os dois povos eram tradicionalmente animistas e criam nos seus antepassados e no sobrenatural de acordo com as suas perspetivas. Os nativos da América do Norte, através dos ritos, dedicavam as suas orações ao Grande Espírito, que acreditavam que tinha poderes de criação: ao Avô Sol, à Avó Lua, à Mãe da Terra, aos Antepassados, à natureza e aos bons Espíritos que existiam em toda a parte da criação. Respeitavam e consideravam-nos como o Grande Espírito, símbolo da verdade na vida. Por sua vez, os timorenses, ou o grupo étnico *Mambae* de Ainaro, respeita-os e considera como *Lulik* ou *Maromak* (Sagrado/Santo ou Deus), que protegem a existência.

Neste sentido, o objetivo deste estudo é identificar se existem semelhanças e diferenças entre os dois ritos culturais e compreender as suas características positivas e negativas. Assim, debruçar-nos-emos sobre algumas cerimónias rituais dos nativos da América do Norte, tais como a Cerimónia da Dança da Águia, a Cerimónia da Dança do Espírito, a Cerimónia do Cachimbo Sagrado e a Cerimónia da Cura da Terra. Estes são os ritos culturais através dos quais se presta culto ao ser absoluto, Deus. Por outro lado, no que respeita ao grupo étnico *Mambae*, do subdistrito Ainaro, focar-nos-emos na cerimónia da *Saubatár* (um ritual praticado antes da época da colheita do milho), na cerimónia da *Orsaian* (um ritual aquando do nascimento de um bebé, que é apresentado), na cerimónia do *Tan-mat/da Koremetan* (uma cerimónia de comemoração no funeral dos defuntos, que é simboliza o desluto, nomeadamente por se tirarem as roupagens de luto) e no ato da *Tertota* (Oração). É de notar que estes são ritos culturais de tradição oral, praticados nos lugares sagrados, nomeadamente na *Uma Lulik*, *Bosok Lulik*, *Fatuk Lulik*, *Ai Lulik*, entre outros; através deles, os étnicos prestam, diretamente, culto aos seus antepassados, e ao sobrenatural e, indiretamente, a Deus (*Maromak*).

Poder-se-á afirmar que os ritos anteriormente referidos têm os mesmos objetivos. Têm, igualmente, há alguns aspetos negativos no que respeita à sua prática, designadamente em termos económicos, porque as cerimónias exigem muitos gastos. Por outro lado, entram em contradição com a doutrina católica no contexto de Timor-Leste.

## ABSTRACT

The present work is a comparative study between two indigenous cultures of the two societies, precisely those of the native of North Americans and the ethnic group of *Mambae* Ainaro subdistrict, in Timor-Leste. In past centuries, the two peoples were traditionally animists and believed in their ancestors and the supernatural according to their perspectives. The natives of North America, through the rites, dedicated their worship to the Great Spirits, whom they believed had powers of creation as part of Grandfather Sun, Grandmother Moon, Mother Earth, the Ancestors, nature and all good spirits that exist in every part of creation. Respected and regarded them as the Great Spirit, the symbol of truth in life. In turn, the Timorese, or the ethnic group of *Mambae* Ainaro, respects and considers those as *Lulik* or *Maromak* (Sacred / Holy spirit or God), who protects the human being.

In this sense, our objective is to identify whether there are some similarities and differences between the two cultural rites and to find out their positive and negative impacts. Thus, we will dwell on some ritual ceremonies of the natives of North America, such as the Eagle Dance Ceremony, the Ghost Dance Ceremony, the Sacred Pipe Ceremony and the Earth Healing Ceremony. The natives believe on God through their cultural rites and worship. On the other hand, with regard to the ethnic group of *Mambae*, Ainaro subdistrict, we will focus on the ceremony of *Saubatár* (a ritual practiced before the time of harvest corn), in the *Orsaian* ceremony (a ritual at the birth of a baby, which is displayed), the ceremony of *Tan-mat/koremetan* (a ceremony celebrating the funeral of the deceased, which is symbolizes *desluto*, namely due to take the garb of mourning) and the act of *Tertota* (Prayer). Note that these are cultural rites of oral tradition, practiced in sacred places, particularly in *Uma Lulik* (Sacred House), *Bosok Lulik* (traditional sacred altar), *Fatuk Lulik* (sacred rock), *Ai Lulik* (sacred tree), among others, through them, the ethnic lend directly to worship their ancestors, supernatural and, indirectly, to God (*Maromak*).

It could be argued that the aforementioned rites have the same goals. However, there are also some negative aspects concerning its practice, particularly in economic aspect, because the ceremonies require much expense. On the other hand, come into conflict with the Catholic doctrine in the context of Timor-Leste.

## REZUMU

Disertasaun ida ne'e nudár estudu komparativu ida, entre kultura ritual indígena husi sosiedade rua, mak rai-nain ka nativu Norte Amerika nian no grupu étniku Mambae iha subdistritu Ainaro, Timor-Lorosa'e. Uluk iha Beiala sira nia tempu, sosiedade rua ne'e mesak ema animista (sidauk hatene Maromak, fiar no adora deit ba Espíritu Lulik). Sira fiar ba Beiala sira no kbít natureza tuir ida-idak nia lisan no perspetiva. Nune'e liu husi halo ritual (adora lulik) ema nativu Norte Amerika, dedika no hasae sira nia orasaun ba iha Leten A'as ne'ebe iha kbít ba buat hotu, bolu dehan "Grande Criador" mak hanesan: Avô Loron, Avó Fulan, Avó Rai, Beiala sira, Natureza no Espíritu diak sira ne'ebe moris iha kriasaun hotu nia let. Neduni, sira respeita no konsidera nudar Espíritu Bot no Lia los iha moris loron-loron nian. Nune'e mos Timor oan sira, liu-liu grupu étniku Mambae Ainaro halo ritual ká adora Lulik, ne'ebe sira fiar katak, bele fó kbít ba ema nia moris hanesan mos ema sarani sira ne'ebe fiar no adora Nai Maromak.

Nune'e iha estudu ida ne'e atu buka hatene, karik iha prátika ritual husi parte rua ne'e iha karater balun ne'ebe bele hanesan no lá hanesan, nomo'os atu hatene sira nia impaktu positivu no negativu (lalaok diak no a'at).

Liu husi estudu ida ne'e identifica ona serimónia ritual oin hat (4) husi Nativu Norte Amerika nian mak hanesan: *the Eagle Dance Ceremony* (Serimónia ritual Dansa Makikit), *Ghost Dance Ceremony* (Cerimónia ritual Dansa Klamar), *the Sacred Pipe Ceremony* (Serimónia ritual fuma Kaiximbu Lulik), no *Earth Healing Ceremony* (Serimónia ritual Kura Rai). Aleinde ida ne'e, ami identifica mos ritual oin hat (4) ne'ebe koiñesidu iha grupu étniku Mambae Ainaro hanesan tuir mai: Serimónia ritual *Saubatár*, Serimónia *Orsaian* (bebé ida moris mai liu loron tolu ka hat tenke halo uluk serimónia mak foin bele lori bebé ba liur), Serimónia ritual *Tan-mat/* Kore-metan (ami fo'o esplikasaun ona ba diferente entre termu rua ne'e) no prátika ritual *Tertota* (Lia mulak). Lalaok sira nemak ita bolu ritu kultural no tradisaun oral (koalia hoibun deit) ne'ebe Beiala no Fiar-nain sira halao iha fatin lulik hanesan Uma Lulik, Bosok Lulik (altar tradisional), Fatuk Lulik, Aihun Lulik no seluk tan. Liu husi prátika hirak ne'e ema Mambae Ainaro hasae sira nia orasaun direktamente ba espíritu lulik (natureza) no Beiala sira ne'ebe sira konsidera mo'os hanesan Nai Maromak.

Ikus liu, bele hateten katak ritu kultural husi parte rua ne'e iha intensaun no fiar ne'ebe hanesan, hasae hotu ba espíritu lulik ne'ebe lá hare'e ho matan (invizivel), maibe, sira nia prátika no forma diferente. Nune'e mos ejisti impaktu negativu iha aspetu ekonomia, tambá halao serimónia ritual ida tenke iha gastu barak no seluk tan. Iha parte seluk, prátika ritual iha kontradisaun ho doutrina sarani katólíka nian, tuir kontekstu Timor-Lorosa'e nian.



## DEFINIÇÕES DAS PALAVRAS-CHAVE DOS NATIVOS NORTE-AMERICANOS

**Chanupa** = o Cachimbo Sagrado

**Eagle Dance Ceremony** = a cerimónia da Dança da Águia.

**Eagle** = um Passáro Grande e Sagrado para os nativos norte-americanos.

**Ghost Dance Ceremony** = a cerimónia da Dança do Espírito

**Hut** = a cabana é uma casa típica tradicional dos índios.

**Mitakuye Oyasín** = cada pitada de tabaco é considerada pelos nativos como uma forma de honrar todas as relações com todas as manifestações da vida da criação.

**Sacred Pipe Ceremony** = a cerimónia do Cachimbo Sagrado, amplamente conhecida pela maioria das pessoas como a cerimónia em que se fuma o cachimbo da paz.

**Earth Healing Ceremony** = a cerimónia da Cura da Terra.

**Wakan-Tanka** = a Divindade Suprema, o Grande Mistério e o Grande Espírito.

**Lakota** = uma das tribos da América do Norte onde apareceu o Búfalo Branco com o Cachimbo Sagrado.

**Sioux** = as numerosas tribos que têm uma origem comum e que falam uma mesma língua.

**Todas** = uma das tribos indianos.

## DEFINIÇÕES DAS PALAVRAS-CHAVE DO GRUPO ÉTNICO MAMBAE, DE AINARO, EM TIMOR-LESTE.

**Suco** = administração local em Timor-Leste, (como uma freguesia em Portugal).

**Saubatár** = uma cerimónia ritual que acontece antes da colheita do milho.

**Orsaian** = uma cerimónia ritual organizada para um bebé que nasceu. Durante os seus primeiros três dias de vida, se for do sexo feminino, ou quatro, no caso de ser do sexo masculino, a criança fica apenas dentro do quarto, só podendo sair de lá depois desta cerimónia de apresentação.

**Tan-mat** (*Hakoi mate*, Tétum) = uma cerimónia ritual feita para os defuntos, sem limite de tempo.

**Kore-metan** = o desluto (tirar a roupa preta), uma comemoração que é feita um ano após o falecimento de uma pessoa ou dos velhos.

**Tertota** (*Lia mulak*, em tétum, palavra de desejo, em português) um ato de oração dedicado aos antepassados e ao sobrenatural, que, pode acontecer em simultâneo com outras cerimónias rituais.

**Halo urat** = um pequeno ritual, onde se sacrifica uma galinha ou um leitão; abrem-se os intestinos para identificar os sinais de sorte ou má sorte no jogo, negócio, batalha e caça.

**Fetosan-Umane** = o conjunto de todos os parentes da esposa (*Umane*) e do marido (*Fetosan*). Simboliza a unidade familiar que é bastante e sólida entre as famílias dos casais em Timor-Leste.

**Lulik** (subs.) = rito animista, em sentido lato; o que é sagrado, venerado, intocável, em sentido restrito.

**Lulik** (ajd.) = proibido, misterioso; sagrado e santo.

**Uma lulik** = casa sagrada, o centro de uma geração, que é um lugar onde se realizam cerimónias rituais e um lugar para guardar os bens que são considerados sagrados.

**Lisan** = cerimónia; usos ou costumes.

**Uma lisan** = a casa sagrada mais alta na organização das *Uma lulik*. A *Uma lisan* pode ser uma *Uma lulik* onde estão objetos sagrados.

## ÍNDICE

RESUMO.....	v
ABSTRACT .....	vi
REZUMU .....	vii
DEFINIÇÕES DAS PALAVRAS-CHAVE.....	viii-ix
ÍNDICE .....	x-xii
CAPÍTULO I. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS .....	1
1.1. América do Norte.....	1-2
1.2. Timor-Leste .....	2-5
1.3. Metodologia da Pesquisa .....	5
1.3.1. Tipo da pesquisa.....	6
1.3.2. Objeto do Estudo.....	6
1.3.3. O procedimento .....	7
1.3.4. Projeto da pesquisa .....	8
CAPÍTULO II. O OBJETIVO DO ESTUDO, A SOCIEDADE DO GRUPO ÉTNICO MAMBAE DO SUBDISTRITO AINARO E OS RITOS CULTURAIS ..	8
2.1. Objetivo.....	8-10
2.2. A demografia e a sociedade do distrito Ainaro .....	10-11
2.3. A história do subdistrito de Ainaro .....	11-13
2.4. Os ritos culturais na sociedade do grupo étnico <i>mambae</i> de Ainaro.....	13-16
2.5. Os ritos culturais dos nativos da América do Norte .....	16-18
2.5.1. Sociedades e Culturas .....	18
2.5.2. Casamento entre os comerciantes brancos e as tribos.....	18
CAPÍTULO III. OS RITUAIS CERIMONIAIS ESTUDADOS DO GRUPO ÉTNICO MAMBAE DE AINARO E DOS NATIVOS NORTE-AMERICANOS.....	19-21
3.1. Os rituais cerimoniais estudados do étnico Mambae de Ainaro .....	21
3.1.1. SAUBATÁR .....	21-23
3.1.2. ORSAIAN .....	23-25
3.1.3. TAN-MAT/KORE-METAN.....	26-29
3.1.4. TERTOTA .....	29-34
3.2.1. Os Locais de Objetos Sagrados ( <i>Lulik</i> ).....	34-35
3.2.2. Os objetos e Locais Sagrados dos nativos da América do Norte .....	36

3.2.3. O Lulik na vida familiar do grupo étnico <i>Mambae Ainaro</i> .....	36-38
3.2.4. A Crença dos Antepassados no <i>Lulik</i> .....	38-45
3.2.5. A Crença Associada à Agricultura e aos Planetas .....	45-49
3.2.6. O Mito e a Lenda de Timor .....	49-51
3.2.7. Os Rituais Cerimoniais estudados dos Nativos da América do Norte .....	51
3.3.1. Eagle Dance Ceremony (a cerimónia da Dança da Águia).....	51-53
3.3.2. Ghost Dance Ceremony (a cerimónia da Dança do Espírito).....	53-55
3.3.3. The Sacred Pipe Ceremony (a cerimónia do Cachimbo Sagrado) .....	55-60
3.3.4. Earth Healing Ceremony (a cerimónia da Cura da Terra) .....	60
3.3.4.1. A descrição da cerimónia da cura da terra .....	61
3.3.4.2. A Oração .....	61-63
3.3.5. Cherokee Prayer (Oração Cerokee) .....	63-65

#### CAPÍTULO IV. CONTEXTUALIZAÇÃO

4.1.1. Análise dos Dados .....	66
a. os participantes.....	66- 67
b. os textos .....	67-75
c. o percurso da pesquisa .....	76-77
d. os aspetos positivos e negativos dos ritos .....	78-80
4.1.2. A sequência, as necessidades, o tempo, espaço e a personagens da atuação.....	81
4.1.2.1. Rituais cerimoniais do grupo étnico <i>Mambae de Ainaro</i> .....	81
a. O Saubatár .....	81
b. A Orsaian .....	81
c. O Tan-mat/ a Kore-metan .....	81-84
d. A Tertota .....	84
4.1.2.2. As sequências, as necessidades, o tempo, o espaço e as personagens da atuação dos rituais cerimoniais dos nativos norte-americanos.....	85
a. Eagle Dance Ceremony.....	85

b. Ghost Dance Ceremony.....	85
c. The Sacred Pipe Ceremony .....	85-86
d. Earth Healing Ceremony .....	86-87
4.1.3. As semelhanças e as diferenças entre os ritos .....	88-89

## CAPÍTULO V. CONCLUSÃO E SUGESTÕES PESSOAIS

A. CONCLUSÃO.....	90-91
B. SUGESTÃO PESSOAIS .....	91-92

BIBLIOGRAFIA .....	93-95
--------------------	-------

ANEXOS .....	96-123
--------------	--------

# CAPÍTULO I

## CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Este trabalho é um estudo comparativo entre duas culturas indígenas de dois povos, especialmente de grupos nativos da América do Norte, mais concretamente dos Estados Unidos, e do grupo étnico *Mambae* do sub-distrito Ainaro, em Timor-Leste.

### 1.1. América do Norte

Os Estados Unidos da América, possuem um vasto território e destacam-se como uma superpotência económica e militar. Têm uma superfície de, aproximadamente, 24,709,000 km<sup>2</sup> e uma população de 347,388 982 pessoas (tendo por base dados de 2011). Além disso, a América do Norte é uma região grande e variada, tendo um clima extremo e uma topografia vasta. Assim, possuem também uma gama de temperaturas variadas, como atestam os gelos do Ártico e os seus pântanos tropicais a sudeste.

Relativamente às tribos indígenas, normalmente são agrupadas de acordo com as regiões em que habitam. Os americanos nativos são originários no seu passado mais remoto do continente asiático, sendo considerados como o povo indígena da América do Norte, na medida em que já intregavam os Estados Unidos Continentais, incluindo parte do Alasca. É de notar que a colonização europeia das Américas se caracterizou por séculos de conflito e pelo ajustamento das sociedades nativas indígenas a um novo mundo pujante. Porém, os nativos, que viviam em sociedades de caçadores e de agricultores de subsistência, tinham um sistema de valores significativamente diferente do dos colonizadores europeus.

Historicamente, no início do século XIX, a maioria dos nativos americanos do sul foi removida das suas terras para permitir o alargamento do território, o que aconteceu com alguns grupos que residem atualmente no Alabama, Florida, Louisiana, Mississippi, Carolina no Norte e Tennessee. Devido à guerra civil americana, muitos indígenas foram transferidos para oeste do rio Mississippi, por causa da sua resistência em relação aos europeus, a qual se desenvolveu em forma de guerras indígenas, bastante perigosas para os seus adversários, foram frequentes até à década de 1890. Segundo Andrew Wiget, (1985:1),

Archaeologists have long argued that Native Americana arrived from Asia in successive waves over several millennia, crossing a lush flowered plain hundreds of miles wide that now lies inundated by 160 feet of water realeased by melting glaciers. For several period of time, the first beginning around 60,000 B.C. and the last ending around 7000 B.C., the land bridge now known as Beringia was open. The first people came than 30,000 B.C., traveling in the dusty tails of the animals they hunted, unaware of the historical consequence of their daily routine.

Os povos nativos norte-americanos, como uma das tribos do universo, têm a sua identidade própria através da prática cerimonial de rituais, com base na crença no animismo. Os seus antepassados deixaram-lhes as heranças culturais como a história, mitos, lendas, ritos, entre outras. Deste modo, neste estudo pretende-se explicar os ritos dos nativos norte-americanos – a Cerimónia da Dança da Águia (Eagle Dance Ceremony), a Cerimónia da Dança do Espírito (Ghost Dance Ceremony), a Cerimónia do Cachimbo Sagrado (The Sacred Pipe Ceremony) e a Cerimónia da Cura da Terra (Earth Healing Ceremony) – que são praticados hoje em dia para demonstrar a sua cultura e tradição. Queremos saber onde e quando se realizam e para quê. Esta será uma descrição baseada numa pesquisa feita na biblioteca e na internet. Porém, é necessário ter em conta que, para apreender correctamente os ritos dos povos, se deve viver com eles (tal como o fazem os anciões, crentes ou praticantes) e compartilhar todos os aspetos da sua vida.

## **1.2. Timor-Leste,**

Timor-Leste é, um pequeno país e o mais novo do mundo, que está localizada no sudeste asiático. Tem uma superfície de, aproximadamente, 14.610 km<sup>2</sup> e uma população de 1.066.582 (com base nos censos de 2010). Possui uma grande diversidade cultural e linguística; tem duas línguas oficiais, que são o português e o tétum; duas línguas de trabalho: o inglês e o *bahasa* indonésio; e outras quinze línguas nacionais, entre as quais vários dialetos que são falados em grupos étnicos linguísticos em todo o território.

Por outro lado, é o único estado dos oito membros da Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP) que, desde a restauração da sua independência, no dia 20 de maio de 2002, adaptou duas línguas oficiais, garantidas pela Constituição da República, designadamente no artigo 13<sup>1</sup>.

Em relação à diversidade e complexidade linguística de Timor-Leste, citamos a Dr. Geoffrey Hull que comenta:

East Timor has sixteen indigenous languages, belonging to two different language families or phyla. Twelve of these languages are of Austronesian origin (and therefore 'cousins' to Malay-Indonesian, Javanese, Tagalog, Malagasy, Motu, Fijian, Samoan and Maori). Although the Austronesian languages of Timor belong, with Malay, to the Western Malayo-Polynesian (or

---

<sup>1</sup> *Constituição da República Democrática de Timor-Leste*. Direcção Nacional dos Direitos de Cidadania, Dili, 2007.

Artigo 13 (Línguas Oficiais e línguas nacionais), p5.

1. O Tétum e o Português são as línguas oficiais da República Democrática de Timor-Leste
2. O tétum e as outras línguas nacionais são valorizadas e desenvolvidas pelo Estado.

Hesperonesian) division of Austronesian, they are too different in structure and vocabulary to be mutually intelligible with Malay-Indonesian<sup>2</sup>.

O país é uma metade da ilha de Timor onde nasce o Sândalo. Por volta do século XVII (1652), Timor foi dividido pelas potências europeias em duas partes: Timor Holandês (Occidental) e Timor Português (Oriental). Naquele tempo, os portugueses e os holandeses disputavam o território; e já antes do colonialismo, Timor tinha-se tornado, num espaço de trocas comerciais de sândalo entre a China, a Arábia e a Índia. Segundo Dom Carlos Filipe Ximenes Belo (2013:276),

Em 1662, os Holandeses apoderam-se de Cupão, obrigado os Portugueses a retirarem-se para a zona leste. Verifica-se a existência de um capitão-mor em Larantuca, com superintendência em Timor, e outro para as ilhas de solor e Timor.<sup>3</sup>

Neste momento, Timor-Leste é um país soberano e em desenvolvimento, cuja riqueza principal está nos seus recursos naturais. Além disso, é rico pela sua diversidade étnica e cultural, resultante de uma grande variedade de sistemas de conhecimento indígenas, de costumes e de estruturas de governação, apesar de a sua área geográfica ser relativamente pequena.

O povo de Timor-Leste, como outros povos do mundo, tem os seus hábitos, usos, costumes, artes e tradições que compõem a sua cultura e que importa preservar mediante a prática continuada.

De acordo com Constantino da C.C.X. Escollano Brandão, no estudo *Culture and its Impact on Social & Community Life. A case Study of Timor-Leste*,

Culture and customs are the center of the social order in Timorese communities. Even with a modest population of more than one million people, a variety of ethno-linguistics groups co-exist within the nation, each speaking a unique local language and adhering to customs originating from animistic beliefs systems that have been passed down since ancient times.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> HULL, Geoffrey. *The Languages of East Timor*. Instituto Nacional de Linguística Universidade Nacional de Timor Lorosaaé. Some Basic facts. Revised 9.2.2002. Fonte: [http://www.portphillip.vic.gov.au/default/Community GovernanceDocuments/The Languages of East Timor Some Basic Facts.pdf](http://www.portphillip.vic.gov.au/default/Community%20GovernanceDocuments/The%20Languages%20of%20East%20Timor%20Some%20Basic%20Facts.pdf). Acesso em: 5 de novembro de 2012.

Hull é um linguista, etnólogo e historiador australiano, o chefe do estudo académico para Timor-Leste na Universidade de Western Sydney. Ele também é autor de vários livros sobre as línguas indígenas de Timor e de diversas palestras na Universidade Nacional de Timor-Lorosa'e.

<sup>3</sup> BELO, Dom Carlos Filipe Ximenes. *Os Antigos Reinos de Timor-Leste. Reis de Lorosay e Reis de Lorothoba, Coronéis e Dados*. Porto, Porto Editora, 2013.

<sup>4</sup> BRANDÃO, Constantino da C.C.X. Escollano. *Culture and its Impact on Social & Community life. A Case Study of Timor-Leste*. Belun & Center for International Conflict Resolution. (2008:6). Fonte: <http://www.cicr-columbia.org/wp.content/uploads/2>. Acesso em 20 de Novembro de 2012.



Durante centenas de anos de colonização e de várias décadas de ocupação estrangeira, o povo timorense recebeu influências culturais e linguísticas, nomeadamente através da convivência continuada e, da ciência e tecnologia ocidentais, de modo que não há mais uma cultura pura. Por outro lado, no aspeto linguístico, são notórias as influências das línguas estrangeiras, tais como do Português, Inglês, Chinês e Malaio ou bahasa Indonésia, o que faz com que também não haja pureza linguística. Deste modo, pensamos que, para resolver este problema, é preciso mais investimento académico, de forma a preservar a cultura e a língua indígenas.

Timor-Leste tem várias etnias e tradições, no oeste, norte, sul, centro e leste. No entanto, queremos abordar, apenas a tradição de uma parte do centro de país, nomeadamente no subdistrito do distrito de Ainaro<sup>5</sup>, pois é bem diferente, em termos étnicos e linguísticos, da de outras regiões. O *Mambae* é um dialeto que se usa entre as sociedades nesta área, como língua de comunicação oral, mas também é a língua de origem utilizada nas narrações históricas, nas lendas e nas cerimónias tradicionais. O território da língua *mambae* está dividido em quatro distritos administrativos, nomeadamente Ainaro, Aileu, Ermera, Same e Bazartete (uma parte do distrito Liquiça), onde se fala a mesma língua, mas com algumas diferenças de carácter morfológico, sintático, fonético e ortográfico. A maior parte do território *mambae* é um terreno montanhoso de colinas e vales fluviais altos; a oeste, a paisagem é dominada por uma grande variedade montanhosa, onde se localiza a montanha *Tata-mailau* (nome de origem *mambae*), que foi denominada pelos portugueses como *Ramelau*. O monte *Tata-mailau* é o ponto mais elevado do país, tendo uma altitude de 2.963 metros, tendo sido, durante a época colonial, considerado como a montanha mais alta das províncias ultramarinas.

Os ritos que existem nas sociedades animistas acolhem também a crença que os timorenses têm nos antepassados. Surgiram antes de os timorenses conhecerem a religião cristã ou católica, e ainda perduram até ao presente, mas com algumas mudanças. Os ritos surgiram, porque se acreditava nos espíritos invisíveis, no sobrenatural, nas casas sagradas, nos rochedos grandes, nas montanhas, nas águas, nas grandes árvores e na terra, e, acima de

---

<sup>5</sup> O sistema do Governo de Timor-Leste é semipresidencial, composto por quatro órgãos de soberania, nomeadamente o Presidente da República, o Parlamento Nacional, o Tribunal do Recurso e o Governo. Tipo de divisões administrativas: Aldeia (chefe de aldeia), Suco (chefe do suco), Subdistrito (administrador do subdistrito), Distrito (administrador do distrito), Camra Município (Presidente da Camra Município), Secretário de Estado dos departamentos e Instituições, Ministérios (Ministros) chefiados pelo Primeiro-ministro.

todos estes, no céu, no sol, na lua e nas estrelas, considerados sagrados (*lulik*). Embora os dois povos em estudo sejam animistas, acreditando no sobrenatural ou invisível, possuem, na sua concretização, como é óbvio, diferenças notáveis, como veremos.

Este trabalho é uma investigação etnográfica dos ritos culturais, através da qual se pretende explicar o que são o *Saubatar* (a cerimónia ritual antes da época da colheita do milho), a *Orsaian* (a cerimónia ritual de nascimento de um bebé, antes de o apresentar publicamente de o “levar para fora”), o *Tan-mat/a Kore-metan* (uma cerimónia de comemoração no funeral dos defuntos) e a *Tertota* (um ato de oração, para obter graças ou, pelo contrário, para desejar que maldições aconteçam a outras pessoas). Será uma descrição baseada na pesquisa feita e na experiência vivida por aproximação e participação nas práticas rituais.

Deste modo, o trabalho organiza-se em cinco capítulos:

**No primeiro capítulo** faremos considerações prévias sobre a América do Norte e Timor-Leste e apresentaremos, igualmente, a metodologia da pesquisa, nomeadamente a estratégia utilizada e a forma como desenvolvemos o trabalho de campo.

**No segundo capítulo**, iremos debruçar-nos sobre o estudo que fizemos da sociedade do grupo étnico *Mambae* Ainaro e dos seus ritos culturais.

**No terceiro capítulo**, faremos a apresentação dos tipos cerimoniais rituais dos étnicos *Mambae* de Ainaro e dos nativos índios norte-americanos.

**No quarto capítulo**, apresentaremos a contextualização e a análise dos dados, tendo em conta os resultados obtidos, os quais daremos a conhecer de forma estruturada.

**No quinto capítulo**, faremos uma conclusão, deixaremos sugestões a todas as entidades competentes.

### **1.3. Metodologia da Pesquisa**

Normalmente, no mundo académico, para fazer uma investigação profunda e estruturada, de forma a que se obtenha um resultado científico, é necessário utilizar um método adequado durante o processo de investigação.

Segundo Abbas Tashakkori e Charles Teddlie (2002:82),

A method is appropriate if and only if it achieves its purposes. In fact, for researcher, method and purpose are used interchangeably. If it follows for this group of methodological pragmatists that a method may be evaluated in rational terms if it succeeds.

Neste sentido, este trabalho foi feito através de duas etapas de estudo, as quais descreveremos seguidamente.

### 1.3.1. Tipo de Pesquisa

O método que usámos nesta pesquisa foi o método qualitativo narrativo, através do qual distribuámos um questionário e, depois disso, fizemos entrevistas. Por meio das entrevistas, das perguntas previamente preparadas e das que foram surgindo, pretendíamos obter os dados empíricos dos entrevistados sobre os ritos tradicionais, na medida em que consideramos que estas informações nunca tinham sido escritas.

Abbas Tashakkori e Charles Teddlie descrevem o método qualitativo narrativo da seguinte forma:

The qualitative approach to research promoted a more subjective culture bound, and emancipator approach to studying individual behaviors and social phenomena, and it introduced innovative new research method for answering questions<sup>6</sup>.

Esta pesquisa consiste numa análise descritiva e contrastiva. Na análise descritiva, descrevem-se as fases dos ritos (como é feito nos capítulos I e II) e esclarecem-se as diferenças entre as palavras originais e os seus significados ocultos, através de alguns exemplos semânticos. De facto, pretendia-se analisar as frases e as palavras do grupo étnico *Mambae* de Ainaro, e dos nativos norte-americanos, que são considerados como materiais básicos, uma vez que cada palavra tem um uso e uma função específicos em cada tribo

### 1.3.2. Objeto do Estudo

Os objetos principais nesta pesquisa incidem sobre o estudo da comunidade étnica de *Mambae*, particularmente no subdistrito de Ainaro, e dos nativos norte-americanos, especialmente as tribos que praticam os ritos mencionados anteriormente. Assim, e no que respeita ao trabalho de campo efetuado em Timor-Leste, fizemos entrevistas em

---

<sup>6</sup> TASHAKKORI, Abbas & TEDDLIE, Charles. *Handbook of Mixed Methods in Social & Behavioral Research*. California. SAGE Publication, Inc., 1998. Fonte: <http://www.google.com/books>. Acesso em: 17 de novembro de 2011.

casas dos entrevistados, nomeadamente dos *Lia-Nain sira*, que são chamados de porta-vozes da cultura, de velhos (anciões) e de autoridades locais. Infelizmente, não foi possível ir contactar com os nativos norte-americanos, portanto, nesse caso, o estudo foi realizado com bases em pesquisas feitas na biblioteca e no acesso à internet.

### 1.3.3. O procedimento

O procedimento neste estudo é o seguinte:

#### 1. Estudo na Biblioteca

O estudo na biblioteca era necessário para procurar algumas referências essenciais, necessárias para a elaboração da proposta do projeto. Algumas, das referências também eram importantes para que se pudesse completar o estudo.

#### 2. Trabalho de Campo

O estudo de campo é o alvo principal desta pesquisa, o qual permitiu identificar e descrever os objetivos e as funções dos ritos em termos das suas vantagens e desvantagens.

#### 3. População

A população utilizada neste estudo foi, sobretudo, formada pelos líderes tradicionais ou líderes comunitários, e porta-vozes das *uma lulik* (casa sagrada), na sociedade étnica de *Mambae*, do subdistrito Ainaro, mas também por aqueles que acreditam possuir talentos tradicionais para narrar os ritos.

#### 4. Amostra

Após a determinação da população, seleccionámos os oradores oficiais (*Lia-Nain sira*), que têm estado envolvidos no processo dos eventos rituais. Além disso, escolhemos nove pessoas do subdistrito de Ainaro como informantes/narradoras, para responderem às perguntas baseadas no questionário que tinha sido feito e que foi usado durante o processo de pesquisa e nas entrevistas. Por outro lado, seleccionámos um entrevistado que representa a Igreja católica (um sacerdote), para nos dar a conhecer a sua visão da crença no animismo, nomeadamente no que respeita à contradição com a doutrina cristã católica.

#### 1.3.4. Projeto de Pesquisa

Para atingir os objetivos definidos, indicados no primeiro capítulo, foi usada uma combinação de uma pesquisa descritiva e de uma pesquisa de métodos analíticos. Recorremos a estes métodos para descrever os discursos feitos nos rituais, a fim de compreender e prever os fatores que determinam a sua diferença, de fazer a sua tradução literal e de compreender os seus significados.

## CAPÍTULO II

### O OBJETIVO DO ESTUDO, A SOCIEDADE DO GRUPO ÉTNICO *MAMBAE* DO SUBDISTRITO AINARO E OS RITOS CULTURAIS.

#### 2.1. Objetivo

Os objetivos do presente estudo são os de explorar os diferentes rituais cerimoniais tradicionais que têm existido ao longo dos tempos em sociedades aparentemente tão diferentes como as de Ainaro, em Timor-Leste, e as dos povos do continente norte-americano. Por isso, será importante revelar as semelhanças e as diferenças existentes entre estas sociedades.

Na medida em que se trata de investigar rituais de povos que se têm designado como primitivos, este projeto consistirá num estudo dos ritos tradicionais e das suas manifestações, como reveladoras de um mundo de crenças sobre a vida em geral e sobre as suas etapas. Assim sendo, este trabalho terá, necessariamente, de focar o aspeto religioso, mágico ou mítico de povos que têm vindo a ver as suas expressões de identidade grandemente ameaçadas. Por serem formas orais, será dedicada uma atenção especial à sua relação, ou não, com as manifestações literárias. Neste sentido não serão ignorados os estudos que a civilização ocidental (euro-americana) tem vindo a elaborar sobre a matéria em causa, o que poderá implicar alguma incursão na literatura oral do ocidente.

Temos um particular interesse em estudar as cerimoniais tradicionais de Timor-Leste, em especial do grupo étnico *Mambae*, do subdistrito Ainaro, à luz daquilo que se tem feito nos Estados Unidos com os seus povos nativos, já que, em Timor-Leste, um estudo como este será importante para preservar e valorizar as tradições culturais. De facto, pode dizer-se que

nunca foi realizado um trabalho deste tipo. Os investigadores estrangeiros, e até os naturais, raramente se centram sobre esta temática de tradição milenar.

Tal como já foi referido, muitos autores debruçaram-se sobre os nativos norte-americanos, nos últimos dois séculos, uma pesquisa que se tem revelado importante nos últimos anos, para chamar a atenção sobre os diferentes aspetos da vida destes povos. Uma questão interessante a tratar será a de perceber como prevalece a tradição no mundo altamente tecnológico em que vivemos. Existirá ainda algum lugar para a tradição oral de rituais?

Quando se faz um estudo sobre a uma tradição oral, deve ter-se em atenção a atitude de uma civilização oral em relação ao discurso, bem como a atitude de uma civilização que registou, através da escrita, mensagens importantes de alguns narradores. Uma sociedade oral reconhece que a fala não é apenas um meio para a comunicação diária, mas também uma forma de preservação da sabedoria dos antepassados, a qual é venerada como um elemento chave da tradição oral. De facto, ela pode ser definida, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra.

Em quase em toda a parte, a palavra tem um poder misterioso e mágico, pois os vocábulos criam coisas, têm um poder criativo ou performativo. Isto, pelo menos, é o que prevalece na maioria das tradições timorenses. A tradição oral compõe-se de testemunhos transmitidos, oralmente, de geração em geração, sendo o verbalismo uma característica particular e uma maneira de transmissão. A cultura timorense, em geral, e a cultura da sociedade Ainaro, em particular, fazem parte de uma cultura oral e narrativa, porque não foi escrita, resultando de um passar de palavras de boca em boca ou de um contar de uma história, de uma lenda e daí que chegue a ser considerada um mito, apesar de poder ter sido algo ligado à realidade.

Oral tradition has no such residue or deposit. When an often-told oral story is not actually being told, all that exists of it is the potential in certain human beings to tell it. We (those who read texts such as this) are for the most part so resolutely literate that we seldom feel comfortable with a situation in which verbalization is so little thing- like as it is oral tradition<sup>7</sup>.

Pode-se-á dizer, que a tradição oral não tem esse resíduo ou depósito. Na verdade, algo que é contado oralmente é muitas vezes, posto em causa e, por isso, chega a ser considerado um mito, tanto no seu sentido de ficção ou, algumas vezes, mesmo, num sentido mágico.

---

<sup>7</sup> WALTER J. Ong. *Orality and Literacy. The technologizing of the world*. Routledge. London, 1990.

Segundo Susan Berry Brill de Ramírez (1999:3),

Oral tradition is inclusive; it is the actions, behavior, relationships, and practices throughout the whole social, economic, and spiritual life process of people. In this respect, the oral tradition is the consciousness of the people.

Segundo Bruce A. Rosenberg comenta o seguinte:

Oral tradition is the transmission of cultural items from one member to another, or others. Those items are heard stored in memory, and when appropriate, recalled at the moment of subsequent transmission.<sup>8</sup>

Por outro lado, Walter J. Ong (1982: 175) salienta seguinte:

Orality is not an ideal, and never was. To approach it positively is not to advocate it as a permanent state for any culture. Literacy opens possibilities to the word and to human existence unimaginable without writing. Oral cultures today value their oral traditions and organize over the loss of these traditions.<sup>9</sup>

A ideia principal desta declaração é para valorizar as tradições orais, é essencial organiza-se escrita para não serem esquecidos as futuras gerações.

Eric A. Havelock (1986:68);

A general theory of orality must build upon a general theory of society. It requires communication to be understood as a social phenomenon, not a private transaction between individuals. Language of any acquires meaning for the individual only as that meaning is shared by a community.

## **2.2. A demografia e a sociedade do distrito de Ainaro**

Ainaro é um distrito localizado na região centro de Timor-Leste. Administrativamente, tem quatro subdistritos: o subdistrito Ainaro (223 Km<sup>2</sup>), o subdistrito Maubisse (241 km<sup>2</sup>), o subdistrito Hatu-bulico (127 km<sup>2</sup>) e o subdistrito Hato-udo (233 km<sup>2</sup>). No total, o distrito Ainaro tem uma superfície de, aproximadamente, 824 km<sup>2</sup>, com uma população de 59,175, de acordo com os dados de uma estatística de 2011/2012. Quanto ao subdistrito Ainaro (a área que será alvo da pesquisa), tem uma área de, aproximadamente, 223 km<sup>2</sup>, e uma população total de 15,558 habitantes. O subdistrito Ainaro, tem sete sucos (freguesias, em Portugal), nomeadamente o suco Ainaro que tem 6,937 habitantes; o suco Manutasi com 1,704 habitantes; o suco Soro que tem 1,861 habitantes; o suco Mau-Nuno, com 1,003 habitantes; o suco Suro-Craic, que tem 1,088 habitantes; o suco Mau-Ulo, com 470 habitantes; e o suco Casa, que tem 2,495 habitantes.

---

<sup>8</sup> ROSENBERG, Bruce A. *The Complexity of Oral Tradition*. (1987:80) Oral Tradition volume 2, Number1 Pdf. Fonte: <http://journal.oraltradition.org/issues/2i>. Acesso em 7 de junho de 2013.

<sup>9</sup> ONG, Walter J. *Orality and Literacy, The Technologizing of the Word*. New York (T.J.Press Padstow Ltd, 1982).

O mapa do distrito de Ainaro indica a população total, composta por 30,183 homens e por 28,992 mulheres, com 9,664 famílias.



O povo e a sociedade do subdistrito de Ainaro fazem parte, na sua maioria, do grupo linguístico *mambae*, enquanto uma minoria integra o grupo linguístico de *bunak*, composto por duas freguesias, nomeadamente o suco Mau-nuno e o suco Cassa.

A comunidade do subdistrito de Ainaro, antes de praticar o catolicismo, manifestava as suas crenças através de ritos culturais tais como cerimónias tradicionais, nas quais se utilizavam as *mantras* (expressões orais), ou seja, uma metalinguagem. Nestes rituais, fazia-se a adivinhação do futuro da comunidade (o tempo e o sucesso das colheitas dependiam da atitude de quem prognosticava as condições) e também se pedia o perdão quando se tomavam atitudes negativas contra a natureza, para evitar desastres naturais.

### 2.3. A história do subdistrito de Ainaro

Ainaro tem uma história muito própria, quando comparado com os outros distritos de Timor. Antes da colonização portuguesa já tinha o seu governo tradicional, que se dominava *An hin Pat An man Pat* (quatro filhas e quatro filhos)<sup>10</sup>, com dois Reis, o Rei *Metan* e o Rei *Mutin* (preto e branco), que começaram a sua governação nos sucos Suro-Craik, Soro, Nunu-Mogé, Mau-ulo e Ainaro.

<sup>10</sup> Quatro filhas e quatros filhos eram os filhos dos reis, dos quais desconhecemos os nomes. Os reis governavam tradicionalmente, de acordo com um sistema composto por grupos de famílias, casas sagradas (*uma lulik/uma lisan*), povoações (dato), sucos (Liurai) e Dom (acima dos liurais). O sistema era monárquico, facista e ditatorial.



Naquele tempo, viviam num ambiente limitado, numa pequena área densamente povoada. Por isso, “os avôs” tentavam dominar mais áreas através da guerra, de geração em geração, até à 7ª geração. Em relação à guerra, há uma expressão em *Mambae- Funu rat nó gia od mai bua gia od kida-*, que significa que quando se começa uma guerra, se plantam, ao mesmo tempo, coqueiros e arequeiras, e que até as plantas velhas não darem mais fruta, a guerra permanecerá. É óvio que, com este modo de pensar, a guerra existia sempre. O seu objetivo era o alargamento do território, que foi conseguido, pois, no final, foram incorporados mais dois sucos, nomeadamente o suco *Mau-Nuno* e o suco *Cassa*, que se juntaram ao *Assolaúsi* e ao *Builoko Berteli*. Posteriormente, no tempo da guerra de Dom Boaventura<sup>11</sup> Manufahi incorporou-se também a zona de Hato-Udo ao território de Ainaro. Portanto, *An hin Pat An man Pat* passou a ser composto por quatro reinos.

Ainaro foi o último distrito de Timor a ser dominado pelos portugueses. A primeira tentativa de invasão aconteceu em 1889, mas não foi bem-sucedida, pois, chegando até ao suco Mau-Ulo, os portugueses foram forçados a retirar-se a segunda em 1900, também não foi conseguida, a terceira tentativa de entrada, através do subdistrito Alas, permitiu que chegassem ao suco Suro-Craic, onde foi feito um pacto com os Reis (liurais) Naicosso e Naicau, para o estabelecimento de uma cidade no distrito, no centro de Ainaro, por volta do ano de 1902.

Antigamente, o nome original de Ainaro era *Orluli*. Etimologicamente, a palavra vem de *OR* e *LULI*, *OR* significa bambú e *LULI* significa sagrado, porque lá existia uma planta de bambu que era considerada sagrada. Como neste território não havia muitas árvores, a árvore mais alta de todas chamava-se *Aikapir*, que ainda existe hoje em dia. Por isso, Ainaro vem do nome *Ai* (árvore) e *Naru* (alto), que significa árvore alta.

Em 1907, começou a estruturar-se o subdistrito de Ainaro que era composto por oito sucos. O suco Nunu-Moge deixou de pertencer a Ainaro e juntou-se ao suco Mulo para estabelecer o subdistrito Hatobuilico; o suco Leo-Lima e o suco Beikala estabeleceram o

---

<sup>11</sup> Dom Boaventura foi um Rei timorense em Manufahi/Same, no sul do país, que se revoltou contra a colónia portuguesa, tendo sido morto pelas forças do Governo português em 1912.

António Magno (entrevistado) é um ancião comunitário ou líder tradicional do grupo étnico *Mambae* no Suco de Ainaro vilha. A sua entrevista foi feita no dia 4 de setembro de 2012 no suco Ainaro.

subdistrito Hato-Udo e os novos sucos estabeleceram o subdistrito Maubisse. Finalmente, o subdistrito Ainaro mantém os sete sucos até à data<sup>12</sup>.

Na sociedade ou grupo étnico de Ainaro fala-se, maioritariamente, a língua *mambae*, e uma minoria dos habitantes fala os dialetos *bunak e kemak*. Originalmente, a língua *mambae*, assim como outras línguas de Timor, tais como o *tetúm prassa*, *tetúm terik*, *kemak*, *tokodede*, *galole*, *naueti*, *idate*, *resuk*, *baikenu e atoni* e do grupo *waima'a* (*waima'a e madiki*) pertencem a uma família de línguas localizadas na Austronésia.

De acordo com a pesquisa de Geoffrey Hull (2002:1),

The **Timoric** (Timorese-Austronesian) vernaculars belong to the **Neo-Butonic** or **Santalic** branch of the Celebic languages and fall into two main groups: **Fabronic** and **Ramelaic**. The Fabronic languages (Tetum, Kawaiimina, Habun, Wetarese, Galoli, Bekais and Dawan) and the Ramelaic languages (Tokodede, Kemak, Mambae, Idalaka) descend from **Old Butonese**, introduced from the Muna- Buton-Tukang Besi region of South-East Celebes probably about one thousand years ago.

As línguas étnicas em Timor-Leste são consideradas como os instrumentos fundamentais que estabelecem e afirmam a identidade dos timorenses e consequentemente tem um papel significativo em relação a questões relacionadas como política, cultura, educação e os mais variados aspetos socioeconómicos.

#### 2.4. Os ritos culturais na sociedade do subdistrito de Ainaro

Os ritos são considerados como uma parte integrante da tradição e da cultura dos timorenses. A prática e a preservação da cultura são garantidas pela Constituição da República Democrática de Timor-Leste, onde, no artigo 59, sobre a Educação e Cultura, nomeadamente no seu ponto 5, se pode ler que “todos têm direito à fruição e à criação culturais, bem como o dever de preservar, defender e valorizar o património cultural.”<sup>13</sup>

Precisamos de fazer a seguinte questão o que é um ritual? O ritual é uma parte relevante de cada sociedade, de cada cultura e da vida de cada indivíduo, importante para proporcionar uma sensação e de lealdade a grupos, bem como a cada pessoa. Na verdade as pessoas praticam os rituais para demonstrarem o valor das suas crenças e para reforçarem a

---

<sup>12</sup> Foi narrado por António Magno, setembro de 2012. O texto original partiu de uma gravação oral, tendo sido transcrito da língua *tétum*.

<sup>13</sup> *Constituição da República Democrática de Timor-Leste*. Direcção Nacional dos Direitos de Cidadania, Dili, 2007.

solidariedade dos grupos. Consideramos que o ritual alguns aspetos específicos os quais serão, certamente, aceites pela maioria dos antropólogos.

Um estudo sobre o ritual é importante para entender as crenças que existem nas diferentes culturas, uma vez que fazem parte da religião. Além disso, o ritual é uma parte integrante da rotina diária e, por vezes, nem há a noção de que está a ser praticado. Relativamente a este aspeto de o ritual ser parte do quotidiano.

Arnold Van Gennep (idem, ix) apresenta-o como um sistema para a análise das alterações periódicas associadas a fenómenos naturais:

Ceremonies which accompany and assure the changes of the year, season, or month are rites of passage: new year ceremonies would include rites of expulsion of winter and incorporation of spring- the one dies and the other is reborn.

Neste sentido, os ritos são considerados como uma passagem, porque as cerimónias são feitas de modo a garantir as mudanças das estações, quando estas não ocorrem naturalmente. Gennep referiu que as mudanças sazonais poderiam afetar o interesse humano nas atividades económicas. Além disso, ao resumir os vários aspetos do seu trabalho, afirmou que:

“Our interest lies not in the particular rites but in their essential significance and their relative positions within ceremonial wholes, that is, their order.”

O autor quer, então, sublinhar que a importância de um rito está na ordem das etapas de uma cerimónia, uma vez que cada uma tem um sentido específico na vida humana.

Por outro lado, um ritual pode ser considerado como um guia ou um caminho para que os praticantes possam atingir os seus objetivos, através das suas expressões e dos seus movimentos. É um símbolo que pode representar uma ideia ou um pensamento da vida humana. No contexto das tribos norte-americanas, e na comunidade do grupo étnico *Mambae* de Ainaro, por exemplo, um búfalo possui diferentes sentidos. Para os nativos norte-americanos, o búfalo bisão era considerado, em muitas tribos, com um símbolo de abundância, pois era a sua carne que alimentava o povo, as suas peles que forneciam vestuário e abrigo, e os seus ossos e tendões que davam as ferramentas essenciais à sobrevivência, por sua vez, o grupo étnico de *Mambae* Ainaro sacrifica o búfalo sagrado no ritual do *Tan-mat/da kore-metan*, sendo as suas carnes consideradas sagradas, nomeadamente o pescoço, a costela e a orelha, que são entregues aos tios dos defuntos, como um símbolo de regresso às suas casas de origem e, para além disso, a carne do animal também serve para a alimentação. Conclui-se,

portanto, que as ideias atuam em vários níveis, sendo a interação entre as diferentes maneiras de expressão do símbolo que permitem que se crie o ritual e que se coloque em ação.

De acordo com Peirano,

Ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica, constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios.<sup>14</sup>

Segundo HELMAN (1994:196),

Os rituais consistem em uma característica de todas as sociedades humanas. São uma parte importante na maneira como qualquer grupo social renova o mundo em que vive e na maneira com que lida com os perigos que ameaçam aquele mundo.

Fredrick Van Amstel no seu trabalho apresentado para a disciplina de rituais e simbolismo, do curso de Ciências-Sociais e Antropologia da Universidade Federal do Parana, no Brasil (s/d, 2005:4), afirma que:

Na Antropologia, a análise de ritual é usada dentro de etnografias para perceber características proeminentes de uma determinada cultura. Segundo Peirano (2001), rituais são “tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados e, portanto, mais suscetíveis à análise porque já recortados em termos nativos.” O ritual é importante para a etnografia porque ele é realizado especialmente para reafirmar e renovar os valores culturais de seus participantes. Tambiah usa, por exemplo, a análise das rebeliões populares no sudeste asiático para mostrar que lá, a instituição do estado-nação não é adequada, pois o povo é constituído de muitos grupos étnicos rivais.<sup>15</sup>

Desde os tempos mais remotos, a sociedade étnica *Mambae* de Ainaro possui vários tipos de cerimoniais tradicionais, os quais foram identificados na nossa investigação. O povo de Ainaro acredita no animismo, como a população timorense em geral e ao longo dos séculos, os ritos foram sempre muito sólidos, na prática, quando comparados com a religião católica. De facto, naquele tempo, os mais velhos já acreditavam nos espíritos invisíveis, crença que era mais forte do que aquela que tinham no catolicismo, os quais tinham tendo um poder absoluto na vida quotidiana. Através da influência do catolicismo, os mais novos começaram a ser batizados (apesar de o porta-voz do ritual, chamado *kukun*, não o poder ser, porque esse ato entrava em contradição com a cultura e com a crença) e, assim, a conhecer Deus (*Maromak*, em *tetúm* e em *mambae*), porém, os idosos mantiveram a crença no

---

<sup>14</sup> PEIRANO, Mariza. *Rituais Ontem e Hoje*/Mariza Peirano-Rio de Janeiro. Brazil. (Jorge Zahar Ed; 2003:11).

<sup>15</sup> URL.Website.*Teoria do Ritual e análise da tarefa*. Fredrick Van Amstel, acrescentou no seu trabalho representado para a disciplina de Rituais e Simbolismo, do Curso de Ciências Sociais-Antropologia da Universidade Federal do Parana (Brasil, 2005), 4. Disponível em :<http://www.academia.edu/656673/> Teoria do Ritual e Analise da Tarefa um paralelo entre a antropologia e o desenho de interação. Acesso em: 27 de abril de 2013.

animismo, através das práticas rituais. Do nosso ponto de vista, são várias as diferenças entre a crença animista e a católica.

Os missionários<sup>16</sup> também sabiam que o rito existia nas sociedades animistas, em algumas partes do mundo, pois não se conhecia a religião cristã ou católica (e ainda existe atualmente, mas com algumas mudanças). O rito baseava-se na crença no sobrenatural (nas pedras, nas montanhas, nas águas, nas grandes árvores e na terra), nas casas sagradas e nas almas dos antepassados, que eram considerados sagrados (*lulik*), elementos que eram considerados fundamentais para se obter a felicidade, a fertilidade e a boa saúde nas comunidades e nas famílias sobre as quais poderiam recair maldições através de doenças e de desastres naturais.

O rito cultural de tradição oral é, igualmente, um veículo fundamental e valores educacionais, sociais, político-religiosos e económicos, isto é, está ligado à própria vida. Entende-se, aqui, vida como todos os sistemas de elementos que concorrem para a sobrevivência da comunidade.

#### **2.4.1. Os Ritos Culturais dos Nativos Norte-americanos**

Os ritos dos nativos norte-americanos também são considerados como uma parte integrante da sua tradição e cultura, sendo a sua prática e preservação garantidas pela lei dos EUA.

Parte da nossa investigação é sobre o continente norte-americano, centrando-se, mais especificamente, nos locais onde as tribos praticam os cerimoniais rituais mencionados acima, nomeadamente o ritual da Cerimónia da Dança da Águia, que é praticado pelas tribos Iroquois, Comanche, Lowa e Midwestern Calumet; o ritual da Cerimónia da Dança do Espírito, praticado pelas tribos Lakota, Pawnee, Nevada Paiute, Otoe-Missouria, Lowa, Osage e Quapaw; e os ritos da Cerimónia do Cachimbo Sagrado e da Cerimónia da Cura da Terra, praticados por todas as tribos de nativos norte-americanos.

Os rituais sempre foram atos muito importantes para os nativos, na medida em que acreditavam que, através deles, teriam um poder amplo, o qual seria distribuído por todo o universo dos índios. Assim, para o assegurar esse poder e para ganhar o favor de seres poderosos, os índios celebravam rituais e cerimónias. Pelo contrário, não fazer um ritual significava perder

---

<sup>16</sup> Segundo uma lenda, no início da presença dos missionários, eles juntavam-se sempre com os praticantes e crentes do *Lulik* (cerimónia ritual) e também acreditavam Nele. Os missionários diziam que adoravam o *lulik*, mas que este tinha o seu Pai e a sua Mãe. O Pai Dele era Deus (o Pai Eterno) e a sua Mãe era Nossa Senhora (Mãe de Jesus Cristo). Os praticantes ficavam admirados, assim, no final, acabaram por acreditar que venerar o *lulik* era igual a venerar Deus (*Maromak*).

poder e incitar a ira dos espíritos ofendidos. Por exemplo, no século XVIII, os elementos do movimento pan-indiano faziam com frequência os rituais, pois tinham a convicção de que era, dessa forma que, poderiam ganhar poder. Na verdade, Segundo Gregory Evans Dowd,

Throughout the Eastern Woodlands, Native American commonly believes that their rituals and ceremonies had once been gifts, donated by benevolent forces. According to some myths, culture heroes had received these ceremonies after crossing into other dimensions of the universe. Such passage were always dangerous and themselves demanded ritual.<sup>17</sup>

O primeiro europeu a chegar à América do Norte estabeleceu-se perto da costa e dos rios navegáveis, mas depois disso, começou a mover-se em profundidade, para o interior arborizado, em busca de peles e de terra de cultivo novo. Desejava consolidar a sua autoridade política e religiosa neste país desconhecido.

De acordo com Lowenstein (1997b: 9) comenta seguinte:

Growing European incursion into the North American interior during the nineteenth century saw native peoples driving relentlessly westwards. The Indian Removal Act, passed by the US Congress in 1830, forcibly removed five tribes from their original homelands in the southeast and resettled them west of the Mississippi. The Act provided for a new enclave of “Indian Territory” in an area covering the modern states of Kansas and Oklahoma, as well as parts of Nebraska, Colorado and Wyoming, but even this fell victim to white encroachment after mineral wealth was discovered in the region.

Todos os seres humanos têm versões das suas origens. Neste sentido, os nativos índios americanos tinham as suas próprias histórias, baseadas na natureza e no sobrenatural, que foram tratadas segundo a sua perspectiva baseada nas atitudes dos antepassados. De acordo com a história, há cerca de trinta ou setenta mil anos atrás, um pequeno grupo de caçadores imigrantes da Ásia que viajou através de Beringia, passou ao longo da costa, tendo alcançado o Alasca. Não sabemos se eles estiveram neste território apenas nesse momento ou se voltaram posteriormente. A partir das descobertas arqueológicas, o certo é que os seres humanos já viviam em quase todas as partes da América do Sul e do Norte, pelo menos há 12 mil anos.

Até ao final da Idade do Gelo, há cerca de dez mil anos, as pessoas, no continente, viviam, essencialmente, da caça dos animais selvagens e quando os animais foram extintos, começaram a depender da pesca e colheita de alimentos silvestres. Após o desaparecimento da grande fauna plistocénica, os cervos e outros pequenos animais eram caçados e fazia-se a colheita de castanhas, frutas, grama, sementes, legumes e frutas silvestres.

---

<sup>17</sup> DOWD, Gregory Evans. *A Spirited Resistance. The North American Indian Struggle for Unity, 1745-1815*. (The Johns Hopkins University Press. Baltimor and London, 1991:3).

No século XIX, os colonos brancos fizeram um ataque contra os povos nativos norte-americanos, com a finalidade de os deslocarem para oeste. Em 1830, a Lei de Remoção dos Índios, aprovada pelo Congresso dos EUA, fez com que fossem retiradas à força cinco tribos das suas terras originais, no sudeste, as quais foram enviadas para o oeste do Mississípi. O objetivo da lei era criar um novo território indígena e também conduzir à dominação das riquezas naturais dos nativos. A história do Oeste americano caracteriza-se, então, por atos de bravura, esperança e árduo trabalho, sendo também uma história feita de infelicidade e crueldade.

Uma estimação da totalidade dos nativos Norte-Americanos na época da invasão Europeia, naquilo que se conhece hoje como os Estados Unidos e o Canada, era de perto 1,2 milhões. No final do século XIX, o número de nativos ficou reduzido a 250.000, devido à importação de doenças, deslocação/desterro, escravidão, assassinato em massa.

#### **2.4.2. Sociedade, agricultura e cultura**

Durante o período da colonização europeia, os nativos deste continente tiveram de alterar o seu modo de vida, devido a obrigações políticas, económicas, sociais e religiosas. No nordeste, a maioria das pessoas indígenas vivia em pequenos grupos que se uniam no verão para formar aldeias maiores. Na prática agrícola, faziam jardins, pescavam. Na primavera e no verão, caçavam animais para sobrevivência. Plantavam milho, feijão, abóbora e outros vegetais, os quais eram cultivados por mulheres e, no fim, desfrutavam de uma série de cerimoniais que marcavam o amadurecimento das culturas e o ritmo das estações do ano. Na colheita, os alimentos eram secados, guardados e vendidos uns aos outros. São, assim, parecidos com os timorenses, do grupo étnico *Mambae* Ainaro que, também, cultivavam várias culturas tais como milho, feijão, abóbora, entre outras.

#### **2.4.3. O casamento entre os comerciantes brancos e as tribos**

Em 1800, devido ao casamento entre os comerciantes brancos e os membros das cinco tribos do sul, ou tribos que eram consideradas civilizadas (Cherokees, Choctaws, Chickasaws, Riachos, Seminoles), passaram a chamar-se também casamentos brancos, porque adotaram muitos padrões culturais dos brancos. Por isso, surgiram vários líderes mestiços defender a aculturação.

Na década de 1820, muitos líderes Cherokee mestiços a recolhiam algodão ou dedicavam-se a outras culturas de rendimento em grandes fazendas ou plantações, as quais eram trabalhadas por escravos negros. Os Cherokees tinham um governo tribal formado após o sistema federal, com um concelho bicameral, um chefe eleito e tribunais tribais.

### CAPÍTULO III

#### OS RITUAIS CERIMONIAIS ESTUDADOS DOS ÉTNICOS MAMBAE DE AINARO, E DOS NATIVOS NORTE-AMERICANOS.

Porque havia ritos? Naturalmente, a vida humana dependia muito dos benefícios da natureza, nomeadamente as necessidades primárias. Se os ritos não fossem feitos, a vida humana estaria sobe ameaça (o que chamamos malefício). Portanto, os ritos eram cerimoniais religiosos com base tradicionais, no animismo e em mitos. Hoje em dia, também precisamos de rezar a Deus para que Ele nos dê graças em todas as vertentes da nossa vida, como saúde, felicidade, sucesso, de acordo com as crenças de cada religião do mundo.

Historicamente, os rituais baseiam-se no Antigo Testamento da Bíblia, tendo sido feitos, inicialmente, pelos profetas, como Abrão e Moisés. Pelo contrário, os dos nativos índios da América do Norte e do grupo étnico *Mambae* de Ainaro são baseados na história/lenda e no sonho. A seguir apresentamos uma lenda de Nuno Bianco (entrevistado):

Antigamente, era na época do milho verde, quando as cacatuas e os corvos o comiam, *Sinamuti* começou a falar com os pássaros e disse-lhes que, em vez de comerem o milho, deveriam levá-lo à pessoas, porque havia um grupo que discutia sobre a seca, devido à falta da chuva. De repente, o corvo levou o milho verde e deixou-o ao grupo, o que fez com que os seus elementos perguntassem uns aos outros de onde vinha aquele milho verde. Foram procurar o lugar onde chovia e, depois de o encontrarem, pediram para a chuva parar, e a chuva parou. O *Sinamuti* pediu às pessoas para beberem água e para cantarem e dançarem; também pegou na água e começou a regar as pessoas e, assim, começou a chover. Choveu durante sete dias e sete noites, por isso, as pessoas chamavam-lhe *Loro Babulu*. Depois disso, ele casou outra vez com a filha do *Nai Tada Malaka* (o Rei) na zona ocidental, e começou a formar a *Feto ne'en Kaut ne'en* (seis mulheres que eram consideradas como seis sacos), que regressou a Timor Oriental, por isso, ainda hoje se mantêm muitas tradições. Foi com base nesta história que se começou, no tempo em não havia chuva, a fazer uma cerimónia ritual para haver chuva.

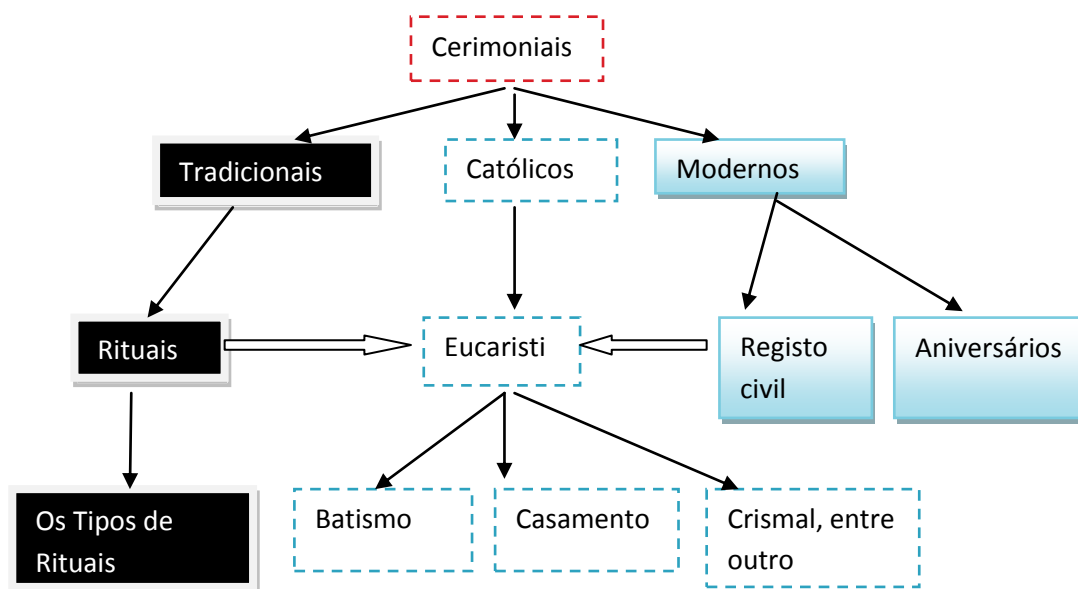
Há um estudo académico sobre as tradições orais do povo timorense e, em especial, do grupo étnico *mambae*. Hocart (1970) descreve o ritual dos *Mambae* do seguinte modo:

Mambae ritual is a technique of life-giving in *mambae* society, and it is organized around the ritual promotion of life.

Neste grande estudo comparativo identifica-se o ritual como uma técnica de vida na sociedade *Mambae*, que era essencial, porque a influência do sobrenatural na vida humana era extrema em muitas vertentes, como na alimentação, no crescimento, na saúde e na fertilidade.



Quando falamos sobre as cerimónias do território de Timor, podemos classificá-las em três modelos, como se pode verificar na estrutura seguinte:



Nos séculos passados, antes da colonização, só existiam ritos baseados na crença no animismo, por isso, os timorenses eram gentios. Contudo, através da presença dos portugueses, a religião católica foi introduzida e, assim, passou a realizar-se a cerimónia religiosa da eucaristia (missa), ao domingo, no dia dos santos e dos defuntos, no Natal e na Páscoa. Para além disso, começaram a ter lugar outros eventos, tais como os sacramentos do batismo, do crisma, do matrimónio, entre outros. Deste modo, as pessoas começaram a fazer uma distinção entre os batizados e os gentios, aos quais chamavam *sarani ho zintiu*. O *zintiu* eram os que ficavam com nomes de origem timorense, tais como, homens- *Maubere*, *Beremau*, *Beresiri*, *Lekimau*, *Maukei*, *Lekibere*, entre outros. Mulheres- *Buibere*, *Boebere*, *Kaibuti*, *Buikei*, *Buimau*, *Kubere*, *Kumau*, entre outras, *sarani* eram aqueles que tinham sido batizados com nomes cristãos, como os portugueses. Simultaneamente, os portugueses introduziram as cerimónias modernas, típicas da cultura europeia, nomeadamente a cerimónia da bandeira, do casamento civil e da comemoração do aniversário. Assim, os timorenses passaram a celebrar várias datas festivas, ao contrário do que acontecia anteriormente.

Neste contexto, podemos fazer uma pergunta: como conseguiram as tradições orais timorenses manter-se durante tanto tempo, apesar dos transtornos causados pelo novo, durante quatro séculos e meio, desde a chegada dos portugueses e do catolicismo? Conseguiram

porque as tradições orais dos timorenses têm bases fortes, como no grupo étnico *Mambae*, que sempre foi considerado uma das principais fontes de resistência da tradição oral animista. Apesar da repressão católica, a religião animista da sociedade *Mambae* conseguiu sobreviver através da tradição oral, nomeadamente do *Saubatar*, da *Orsaian*, do *Tanmat*, da *Tertota*, entre outros, mantendo-se até hoje. Estes ritos de tradição oral eram vistos pela igreja católica, na altura, como algo absurdo, como politeísmo, feitiçaria, construindo-se, assim, uma imagem negativa das tradições étnicas dos *Mambae* e da sua cultura. É importante lembrar que a tolerância ou reconhecimento dos ritos culturais de tradição oral pela igreja católica de Timor-Leste é algo ainda muito recente.

### 3.1. Os rituais cerimoniais estudados do étnico *Mambae* de Ainaro

Os rituais do povo do subdistrito de Ainaro são, o *Saubatár*, a *Orsaian*, o *Tan-mat* (*hakoi mate/estilos*, em *tetúm*), o *desluto* (*kore metan*, em *tetúm*), a *Tertota* (oração), entre outros, que variam segundo os objetivos e as necessidades que os motivavam. Havia, por exemplo, rituais para os desastres naturais, para as batalhas, doenças e também para atrair a boa sorte nos negócios (*halo urat*) e, para os estudos (fazendo-se o *tul bua nor mal*, em *mambae*, *tula bua-malus*, em *tétum*). No último caso, o curandeiro, ou o porta-voz da casa sagrada coloca na mão a aréca-bétele e pronuncia uma oração com um desejo dirigindo-se aos espíritos invisíveis para pedir graças.

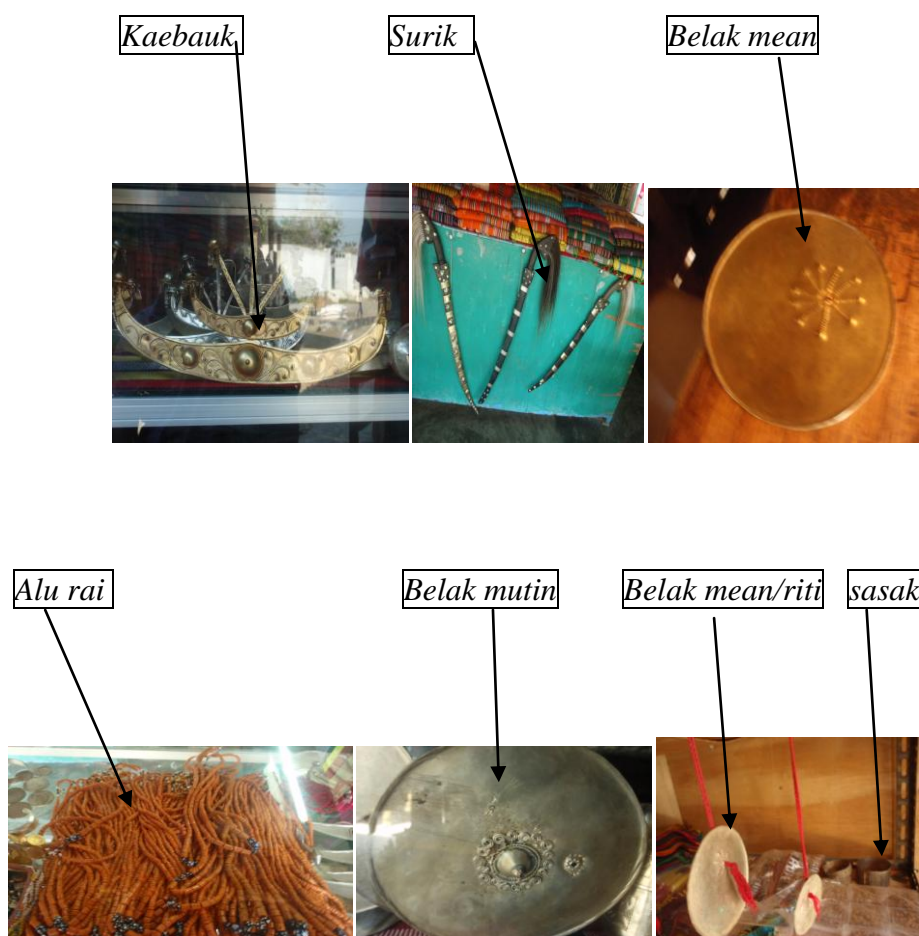
#### 3.1.1. SAUBATÁR

*Saubatár* é uma cerimónia que se celebra antes da época da colheita do milho. Etimologicamente, a palavra vem de *Sau* e *Batár*; *sau* significa colher e *batár* significa milho. Cada descendente de uma casa sagrada (*uma lulik*) tem a obrigação de participar na realização da cerimónia dentro da casa sagrada, com as famílias nucleares e a família real. A família nuclear é composta pelos pais e pelos filhos intregados numa sociedade, enquanto a família real é composta pelas famílias de uma geração. Deste modo, uma *Uma Lulik* é propriedade de uma família real. O objetivo deste rito é o de reunir a família grande, ou seja, serve para os seus membros fazerem o balanço das suas vidas durante o ano anterior, sobre os acontecimentos bons e maus que tiveram, tais como as desgraças, a boa sorte e tudo aquilo que de maneira geral afetou o rendimento da família. É também um ato de agradecimento aos antepassados e aos poderes do sobrenatural que garantiram a sua alimentação.

Cada casa sagrada também tem os seus objetos sagrados: *namluli* (em *mambae*), *sasan lulik* (em *tétum*); *Surik lulik* (em *tetúm*); *katán luli* (em *mambae*; espada sagrada/mágica, em português); *belak mean/mutin* (em *tétum*); *pil mera/buti* (em *mambae*, que é um medalhão timorense de grande dimensão, de ouro ou de prata); *Kaebauk* ou diadema (crescente de ouro ou prata usado como enfeite na testa, em dia de festa); *mortén/alu rai* (em *tetúm*); *al mera/buti*, *al rae* (em *mambae*, que é uma mistura de objetos naturais com ouro e prata, que também pode incluir um coral raro e de grande valor). Há sempre uma *Uma lulik* que guarda objeto mais sagrado, o *biru* (amuleto), geralmente de pedra azul/preta usada ao pescoço, a que é atribuído o poder de curar, de livrar de perigos ou malefícios e, sobretudo, o de tornar invulneráveis os seus portadores, na guerra.

Os étnicos adoravam estes objetos em cada casa sagrada, pois as propriedades que possuíam eram consideradas heranças adquiridas entre gerações.

Faremos referência, seguidamente, a alguns objetos mágicos adorados pelos étnicos de *Mambae* nas casas sagradas como *sasan lulik*, durante a prática ritual:



No processo do rito, cada família sacrifica e oferece animais, tais como porcos, cabritos e galinhas, e o seu sangue é utilizado para benzer os objetos mágicos, o que significa que estão a oferecer-lhes essa comida e a fortificar os seus espíritos mágicos. O velho ou o chefe da casa sagrada tem a obrigação de preparar o *bua-malus* (em tetúm; *bua-mal*, em *mambae*; areca e bétele, em português), que são os objetos mais importantes, os principais numa cerimónia tradicional timorense, como sinal do espírito e da força. Cada pessoa de cada casa sagrada obtém o *bua-mal* através da mistura da areca-bétele com cal, depois mastiga-a ou leva-a para guardar, com o objetivo de obter um novo espírito e força para a sua sobrevivência. Se essa cerimónia, o *saubatár*, não for executada de acordo com os costumes, a família não vai ter abundância na sua colheita e, como punição, sofrerá com morrer a fome e a desfortuna. Esta cerimónia tradicional, realizada de geração em geração, ainda continua a existir hoje em dia, nas áreas rurais e nos distritos.

### 3.1.2. ORSAIAN

*Orsaian* é uma cerimónia organizada para um bebé que nasceu. Durante os seus primeiros três dias de vida, se for do sexo feminino, ou nos primeiros quatro, no caso de ser do sexo masculino, a criança fica reclusa no quarto, só podendo sair de lá depois da cerimónia. Etimologicamente, a palavra vem de *orsai*, que significa levar para fora, e de *an*, que significa criança (refere-se a um bebé). A tradução literal é “levar a criança para fora.” Do nosso ponto de vista, esta cerimónia só existe no grupo étnico de *Mambae*, especialmente na comunidade de Ainaro e normalmente, é feita com o objetivo de o bebé ter uma mente e um corpo saudáveis durante o seu crescimento. Esta cerimónia tem, porém, outra correspondente em Baucau, por exemplo, chama-se *mata-lopodá* (em *makasae*), mas as suas formas são diferentes.

Os três dias para a criança (do sexo feminino) estão relacionados com a *lalean tolu* (*tolu* significa 3), porque dentro da casa sagrada há uma cozinha, e a tarefa de cozinhar cabe às mulheres, já que, tradicionalmente, na sociedade étnica *Mambae*, os homens não cozinham; para além disso, para colocar uma panela (*sanán*, em tetúm, *ur*, em *mambae*) no fogo é preciso ter três pedras, que são chamadas *lalean tolu*, em tetúm, *hat papur tel*, em *mambae*. Os quatro dias para a criança do sexo masculino referem-se às quatro colunas da casa sagrada (*ri'i mera pat*, em *mambae*), pois, de acordo com a tradição do grupo étnico *Mambae* de Ainaro, a construção de uma casa é uma tarefa do homem, uma vez que só ele é que tem força para a construir.

No processo do rito, os pais preparam comida e bebidas, tabaco e *areca-bétele* para os convidados; põem, também, água numa chapa e uma pulseira fina dentro dela. A água é chamada *Bé Lulik* (água sagrada) porque de madrugada, quando os galos cantam, o pai do bebé vai tomar água no poço natural em silêncio. Precisa, para isso, de uma mulher velha para levar o bebé ao colo e, normalmente, procura-se uma pessoa com um bom comportamento para que o/a bebé venha a ter uma atitude igual. Os visitantes ou as pessoas que assistem à cerimónia têm a obrigação de tirar da água uma pulseira fina<sup>18</sup> que pertence à família dos pais e de ver o sol nascer, esfregando os olhos depois disso, para terem uma boa visão. Esta cerimónia tradicional também passa de geração em geração, e ainda continua a ser feita hoje em dia, nas áreas rurais/remotas e nos distritos. De acordo com António Magno (entrevistado durante a nossa pesquisa),

O rito de *Orsaian* é para o filho primogénito (do sexo masculino), que tem uma cerimónia mais especializada do que os outros, a qual é feita através de uma pequena guerra (encenação) entre dois grupos, isto é, o grupo chefiado pelo pai e o grupo dos assaltantes/convidados. No início, atiram uns aos outros dejetos de cavalos e, depois disso, frutas, como goiabas, mangas e *kamí* (avelã). Chegam mesmo a atirar pedras, o que faz com que, muitas vezes, fiquem feridos. O objetivo desta cerimónia é ensinar à criança uma maneira de se defender a si e à sua família, quando for adulta.

Nos séculos passados, como os antepassados não sabiam contar a idade das crianças/filhos, desconhecendo, também, as suas datas de nascimento, calculavam os aniversários com base na estação do ano ou na época; viam, por exemplo, se o filho tinha nascido no verão ou durante a colheita do milho e, assim, faziam a contagem. Este facto devia-se ao analfabetismo, que fez com que não se deixassem dados escritos. Em relação à cerimónia ritual, como foi esclarecido relativamente ao rito da *orsaian*, constitui-se como uma etapa do início do crescimento uma criança.

Há centenas de anos atrás, a vida era muito difícil para as crianças, porque não havia oportunidades, não havia boas condições de vida, por causa do analfabetismo dos pais, realidade da qual não se podiam desviar. Assim, havia outro costume que os pais faziam aos filhos quando eles nasciam, o de não lhes cortar o cabelo enquanto fosse menor de idade (deixava-se o cabelo comprido). Assim, quando o menino atingia a idade jovem, os pais planeavam uma cerimónia ritual para lhe cortar o cabelo (*koi úl luli*), pois, quando está não se realizava, e apenas se cortava o cabelo, seria perigoso para o menino, que poderia ter uma doença, um desastre ou má sorte no futuro.

---

<sup>18</sup> A pulseira fina é feita de prata seja branco ou dourado, apenas uma material utilizada na cerimónia e não simboliza nada em particular.

Antes deste ritual, havia também um momento que consistia em rapar o cabelo do bebé quando atingia um ano, fosse menino ou menina. O cabelo cortado não colocado no lixo, mas numa planta dos tios ou dos avôs (*Umane*), num coqueiro ou numa bananeira, a qual passava a pertencer ao bebé, designadamente nas épocas da colheita, e sem limite. Durante esta cerimónia, estavam presentes os tios do bebé, para praticar o ato de *fetosan-umane* (em tétum, ou *hin hat uman*, em *mambae*), por quem o pai do bebé tinha uma grande consideração a qual era demonstrada através da preparação de dinheiro e de animais, como galo, cabrito, entre outros. Em troca, os tios (*umane*) levavam roupas tradicionais e um porco vivo. Esta era uma amizade criada num ambiente tranquilo e de prosperidade, sendo o objetivo o de melhorar a vida do(a) menino(a) e de dignificar o valor moral da cultura.

Para os nativos índios da América do Norte, havia uma cerimónia ritual que era feita para um bebé e para a sua mãe, a qual difere da cerimónia da *Orsaian*, do grupo étnico *Mambae* de Ainaro. Na verdade, os índios fazem cerimoniais rituais durante a gravidez e no parto, chamados ritos do *TODAS* (uma das tribos da Índia). Gennep (1960:42) descreve-os da seguinte forma:

Quando uma mulher está grávida, fica proibida de entrar nas aldeias ou nos lugares sagrados. No quinto mês, faz-se uma cerimónia, chamada *village we leave* (sair da aldeia), momento em que a mulher deve passar a viver numa cabana especial, ficando separada da restante tribo (centro da tribo *Toda* na vida social). No cerimonial, ela invoca duas divindades, *Pirn* e *Piri*, e, depois disso, queima ambas as mãos em dois lugares. Seguidamente, faz-se uma cerimónia ritual, que simboliza a saída da mulher da cabana, na qual ela bebe o leite sagrado. Daí, volta à sua morada até ao sétimo mês. Durante este mês, faz-se uma cerimónia ritual, do arco e flecha, para comemorar o dia em que o pai se prepara para receber o nascituro (*unborn child*), porque as tribos *Todas* praticam a poliandria. Por sua vez, a mulher retorna à sua casa, realizando os ritos apropriados. É de notar que as duas últimas cerimónias rituais ocorrem apenas durante a primeira gravidez, ou, no caso de a mulher ter um novo marido, se ela quiser que os seus futuros filhos tenham um pai diferente do que ela escolheu.

Após o nascimento do bebé, a mulher volta a sua casa, sem a presença de ninguém e sem cerimónias especiais. Dois ou três dias depois, mãe e filho vão morar numa cabana especial e serão realizados os ritos para a partida de casa, a partida da cabana e o retorno a casa, que são as mesmas que marcam a viagem anterior da mulher. Enquanto na cabana, a mulher, o marido e o seu filho são treinados com a impureza chamada *ichchil*. São realizadas cerimónias para os proteger contra o mau espírito *keirt*. Por fim, eles retornam à vida normal, quando bebem o leite sagrado.

A partir das descrições detalhadas destes ritos feitas por Rivers, é evidente que estes cerimoniais são feitos com a intenção de separar a mulher do seu meio, em três ocasiões distintas (sendo o seu estado de transição bastante longo), e para permitir a sua reintegração no seu ambiente habitual, apenas por etapas (por exemplo, ela é obrigada a viver em duas casas intermediárias, desde que sai da cabana até regressar à sua casa habitual).<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> GENNEP, Arnold Van. *The Rites of Passage. A classic study of cultural celebrations*. The University of Chicago Press. U.S.A. (1960:42-43).

### 3.1.3. O TAN-MAT /A KORE-METAN<sup>20</sup>

Antigamente, a morte de um bebé, de uma criança, de um jovem ou de um adulto era bastante comum, mas não havia nenhuma cerimónia extraordinária na família, aquando deste acontecimento, fazendo-se apenas um funeral normal. Quando morria uma criança, os pais tinham de dar uma compensação aos tios (o que atualmente, pode parecer um ato ilógico). Pelo contrário, quando morria um/a velho/a, fazia-se um funeral extraordinário.

O *Tan-mat* era a cerimónia mais importante para os descendentes, nos séculos passados, e ainda continua a realizar-se. Normalmente, é feita com o objetivo de eliminar a carga que cai sobre uma geração, por exemplo, a que os avós/avós, os pais, os tios, ou os antepassados que morreram, deixaram sobre ela. Literalmente, na palavra *tan-mat*, *tan* significa sepultar e *mat* significa defunto; em tétum chama-se *hakoi mate/estilo* (sepultar o defunto). No processo para a cerimónia, é necessário, em primeiro lugar, fazer o convite aos *fetosan* (em tetúm) ou *anahine-maneheu* (em *mambae*), que é um grau de parentesco adquirido por casamento, e aos *umane*, em tetúm, ou *uman*, em *mambae*, que são os sogros do marido, dentro de uma casa sagrada (*mauká-mauali*). Na tradição étnica dos *Mambae* há pessoas que se constituem como pilares importantes, nomeadamente os *ina-ama*, *nai nor tat*, *anahine-maneheu*, *uman* e *mauká-mauali* (os pais, tios e avós, filha e genro, sogros e irmãos), que têm uma relação íntima e forte, em termos de cooperação, bem como na preparação de qualquer evento tradicional, porque a tradição tem um valor significativo, de educação em relação à moral e ao respeito. Após a realização do convite, combinam-se outras questões, tais como as que se relacionam com a preparação dos animais (búfalos, porcos, cabritos, cães e galinhas do campo), do arroz, do vinho, entre outras.

A divisão para a preparação dos materiais faz-se da seguinte forma: o *uman* tem o dever de levar porcos, arroz e roupas tradicionais (*tais-feto e tais-mane*, em tetúm); o *anahine-maneheu* deve levar búfalos, cabritos e galos, bem como dinheiro. Os donos da casa ou os celebrantes, que são os *mauká-mauali*, em *mambae*, ou os *maun-alin*, em tetúm, (irmãos, em

---

<sup>20</sup> Há poucas diferenças entre o *Tan-mat* e a *kore-metan* que são as seguintes: o *tan-mat* é uma comemoração feita para os defuntos sem limite de tempo, por exemplo, pode acontecer 10 ou 100 anos depois da morte de uma pessoa, enquanto a *kore-metan* é o desluto, comemoração que é feita um ano após o falecimento de uma pessoa, de modo a tirar as roupas pretas que são vestidas durante um ano. Em relação à *kore-metan*, há uma flexibilidade, pois pode ser comemorada como o *Tan-mat*, isto é, pode matar-se um búfalo sagrado através da prática da *Fetosan-Umane*. O *Tan-mat* é uma cerimónia antiga, enquanto a *kore-metan* é uma cerimónia moderna e heterogénea (resulta de uma junção entre o animismo e o catolicismo).

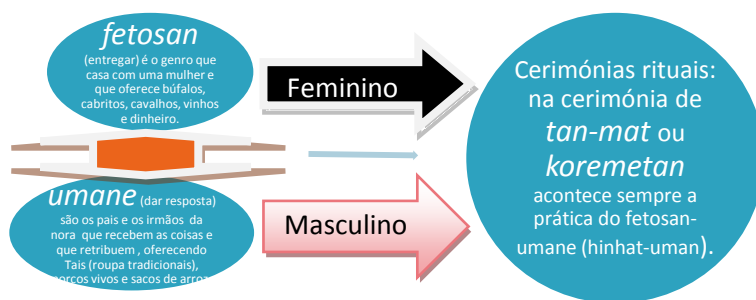
português), preparam a comida, as bebidas e outras coisas necessárias para a cerimónia, que ocorre durante dois dias ou mais.

Os pontos principais nesta cerimónia são o sacrifício dos búfalos, dos porcos e de outros animais para os defuntos, sendo o pescoço, a orelha e a costela do búfalo as carnes guardadas, símbolo dos defuntos. Quem tem o direito de levar as carnes sagradas são os tios ou avôs (*Umane*) do defunto e a restante carne é distribuída por todos os representantes de casas sagradas (*uma hun/lisan*, em tétum, e *um-hu*, em *mambae*), porque este acontecimento simboliza o ato de alimentar a terra e as pedras (refere-se a pátria), que representam a região ou o lugar onde as pessoas moram.

Antes do sacrifício dos animais, há uma cerimónia entre os representantes de casas sagradas. A comida é bem preparada- há carne, sangue, coração, fígado, vinho e arroz cozido- e tem de ser insossa e comida em silêncio. Os étnicos *Mambae* acreditam que, neste momento, os defuntos e o espírito da natureza também recebem a comida que é oferecida. Na tradição do grupo étnico *Mambae*, quando se sepulta o corpo do defunto é preciso sacrificar um cão e um galo, que se chamam *as-pelu* e *man-pelu* (literalmente cão amargo e galo amargo), cuja carne é comida pelos tios e avôs (*umane*). Crê-se que o cão vai acompanhar o defunto e indicar-lhe o seu caminho, sendo um bom amigo, e o galo irá acordá-lo. Eles serão os seus amigos no outro mundo.

O termo *Hinhath-uman* (em *mambae*), *Fetosan-Umane* (em tétum) designa, basicamente, os laços familiares existentes entre os pais da noiva e do noivo. *Hinhath* refere-se à parte do noivo ou dos pais do noivo, e podemos dizer que consiste em receber (comprar) a mulher; *uman* diz respeito à parte dos pais da noiva, que consiste em oferecer (vender) a mulher. Por outro lado, o *Fetosan-Umane* simboliza a unidade familiar, que é bastante sólida entre as famílias dos casais em Timor-Leste, particularmente na sociedade étnica *Mambae* de Ainaro. O *hinhath-uman* tem um papel importante em cada celebração tradicional de eventos culturais, como no *tan mat*, no casamento tradicional, entre outros. Além disso, é crucial para os habitantes desta região em particular, porque funciona como meio de transmissão de conhecimentos, para manter a ligação entre as gerações de uma família seja ela a família nuclear ou a real. O *hinhath-uman* celebra os valores morais e do respeito, bem como a consideração mútua entre as gerações, que poderão transmitir esses valores no futuro.





Hoje em dia, os mais novos modificam ou renovam algumas partes da tradição, por causa da sua crença na religião católica e da intervenção desta na educação, na ciência e na tecnologia. Atualmente, há quatro etapas nas cerimónias que se fazem quando há uma pessoa morre, nomeadamente o *hakoi mate isin* (funeral), a *aifunan moruk* (uma semana de comemoração), a *aifunan midar* (seis meses de comemoração) e a *koremetan* (tirar o luto, durante um ano de comemoração). A *Koremetan* é o ritual mais conhecido em todo o território de Timor-Leste. A palavra *koremetan* vem de *Kore*, que significa *tirar* e de *metan*, que significa *preto*. Literalmente, o vocábulo *koremetan* significa tirar o preto, já que normalmente, quando os pais morrem, os filhos vestem roupas pretas durante um ano para fazerem o luto.

Na *koremetan* acontecem as mesmas práticas que no processo do *tan-mat*. Contudo, o rito do *tan-mat* já acontecia antes da chegada do catolicismo, enquanto a *koremetan* só começou a ser celebrado na era moderna ou depois da crença católica, sendo, hoje em dia, uma mistura entre a prática do animismo e do catolicismo. De igual modo, a *Koremetan* (*desluto*), no subdistrito de Ainaro, é classificada como uma cerimónia que acontece um ano após a morte de uma pessoa. Nessa altura, reúnem-se as famílias e os amigos para beber, comer, rezar, cantar e dançar, em homenagem à pessoa que faleceu. Depois de levarem cravos e roupas pretas para o cemitério, e de semear cravos e queimarem velas, respetivamente, os filhos dos defuntos não vestirão mais roupas pretas.

Como mencionámos, a *koremetan* é a uma prática do catolicismo, mas tradicionalmente existia outra prática que presumia virar a roupa, pondo o interior para fora. De acordo com João Paulo T. Esperança (1992:22),

Na religião tradicional, a morte (*mate*) significa a perda da alma (*lakon klamar*), a qual se localiza na cabeça, durante a vida do indivíduo. A alma não morre, passa apenas para o outro mundo, o mundo sobrenatural, mas não logo que ocorre a morte física. De facto, durante um ano vagueia entre os dois mundos, voltando frequentemente à casa dos seus familiares (provocando, às vezes, doenças, por inveja), até que chega a altura de estes realizarem o último

ritual para separar a alma com a família (haketak klamar), que a manda definitivamente para o outro mundo.<sup>21</sup>

Concordamos com esta citação pois, ainda hoje, o grupo étnico *Mambae* de Ainaro acredita que a morte é uma separação entre a alma e o corpo. A morte é considerada como um retorno das pessoas ao outro mundo invisível e, acredita-se que as almas estão juntos com os vivos no dia a dia sendo invisíveis.

De acordo com Fernando Xavier<sup>22</sup> (entrevistado durante a nossa pesquisa),

A cerimónia *Tan-mat* estabelece uma relação entre os defuntos de uma casa sagrada e aqueles que ainda estão vivos. No início, os filhos dos defuntos estabelecem o horário determinado para se encontrarem, com o objetivo de traçarem um plano para a cerimónia. Durante o processo de preparação da cerimónia, o *fetosan*, ou seja, composto de a *kai-mai* (a tia de mais idade) e os *an-hine* (filhas e maridos/genros) recolhem búfalos, cavalos, cabritos, dinheiro, ouro e prata para entregar na *uma lisan*, a casa sagrada de onde são. Por sua vez, os *umane* recolhem porcos, Tais (roupas tradicionais), alimentos, tais como arroz, milho, carne/porco, e vinho, e também preparam os lugares para receber a *fetosan*.

Quando perguntámos quais eram as vantagens e as desvantagens desta cerimónia, Fernando Xavier referiu que a vantagem é a de permitir saber quantos *kai-mai*, *manefoun* (*fetosan*), *umane* (filhos/filhas ou gerações) existem dentro de cada casa sagrada. A desvantagem é a perda de tempo e de riqueza, na medida em que têm de se fazer várias ofertas durante a prática dos rituais. Na sua opinião, este rito precisa de ser promovido, porque é como a Páscoa, no sentido em que se recordam defuntos, portanto, sugeriu que o Governo, através do Secretário de Estado da Cultura, o apoiasse, para se poder preservá-lo.

#### 3.1.4. A *TERTOTA*

Etimologicamente, *Ter-tota* vem das palavras *Ter* e *Tota*; *ter* significa palavra e *tota* significa desejo (*tertota*, em *mambae*, *Lia-Mulak*, em *tétum*, oração em português). Esta era uma expressão utilizada para designar um desejo ou um tipo de reza ou oração que era feita antes da prática de uma cerimónia ritual, normalmente realizada pelos anciões da comunidade, líderes tradicionais e por aqueles que guardavam as *Uma Lulik sira* (casas sagradas), que chamam *Kukun* (*Gas-Ubu* ou *Ter-Ubu*, porta-voz em português), por isso, a *tertota* tem um papel muito importante na vida familiar e social. Depois desta reza, tem início o processo de preparação do ritual: em primeiro lugar, é escolhido o lugar e o orador; posteriormente, reúnem-se os animais e a comida para sacrificar e oferecer.

<sup>21</sup> ESPERANÇA, João Paulo T. *Primavera de 1996*. Ópio–Revista da Associação da Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1996.

<sup>22</sup> Fernando Xavier é um comissário da verificação de dados dos antigos combatentes e, simultaneamente, um líder comunitário. A sua entrevista foi feita na cidade de Ainaro em setembro de 2012.

Antigamente, os avôs/antepassados faziam sempre o *tertota* à noite, porque durante a noite, tinham de orar ao *maer hine*, *maer mane* (defuntos), ao *um nor áp* (literalmente, casa e fogo, isto é, casa sagrada) e ao *hát nor rae* (em português pedra e terra, conotativas da natureza e da pátria), para pedirem a sua proteção, boa sorte e saúde, à semelhança do que fazem os religiosos quando rezam a Deus.

O ato da *tertota* pode ser composto por orações positivas e negativas. Pode ver-se em seguida um exemplo de uma oração positiva:

*Ó ...lao hat nor rae, um nor áp, maer hine, maer mane herla ailau tura nor naru, pei ma, hihir ma, tulun ma ne'e bisa nor mluru ma, sat got moras nor susar bae pe há en am, mada'a am ni kou nor mor od niri no debel manhati nei hat nor rae nor um nor ap.*

Apresentamos, agora, a tradução literal em tétum e em português:

Tétum:

*Ó.....ba fatuk ho rai, uma ho ahi, matebean sira ne'ebe iha aitutun badak ka naruk, hare'e no tau matan no tulun mai, haraik malirin mai, sata netik ami husi moras no susar sira, atu nune'e ami nia kous sira bele buras nafatin ba oin iha fatuk ho rai no uma ho ahi.*

Português:

Pedra e terra, casa e fogo, defuntos que vivem nas árvores altas e baixas, olhem-nos, ajudem-nos, deem-nos a nova vida, salvem-nos das doenças e dificuldades, para que as nossas gerações continuem a viver na pedra e terra, casa e fogo.

Metaforicamente, a Pedra e a Terra referem-se à pátria; a Casa e o Fogo referem-se à *Uma Lulik* ou *Uma Lisan* (casa sagrada com os seus objetos sagrados); e os defuntos referem-se às almas/espíritos dos falecidos. Os crentes acreditam que as almas dos defuntos estão em cima das árvores, como os pássaros, e que os sopros do vento são os espíritos invisíveis (natureza), e que as almas dos antepassados acompanham sempre a vida humana. Portanto, quaisquer pedidos apresentados serão sempre concedidos.

No que concerne à oração negativa, esta é feita quando, numa geração, alguém (homen ou mulher) está contra os velhos: pais, tios, avôs e *Uma lulik*. Podem rogar da seguinte forma:

*Ó hat nor rae, um nor áp, maer hine maer mane, nai nor tata pei ma, hihir ma, ura kontra sul ni sai hati debel hati. Rom hei babeur no hei od o lao lel bia, nagtas, o hei sae purlul lau met, o hei la et akdirupu nor aidahapu, o hei lao mou nei ilu nor naru.*

Tétum:

*Ba Fatuk ho Rai, Uma ho Ahi, Matebean sira, Tiun ho Avô sira iha ne'eba hare'e ba, nia kontra fali nia sai no moris fatin. Se o kontra, sira sei babeur no lori o ba hetan manas no nani tasi, o sei ba Purlul laumet (matebean fatin iha Ramelau), o sei ba hetan akadiruhun no aidakhun, o sei ba monu ba naruk.*

Português:

Pedra e Terra, Casa e Fogo, aos Defuntos, Tios e Avôs, olhem-no/a, ele/a, está contra a sua origem. Se estás contra, eles vão castigar-te e trazer-te para te queimarem no sol quente, para te afundarem no mar fundo. Tu vais a *Purlul laumet* (lugares das almas dos defuntos no monte Ramelau), tu vais ver as plantas e palmeiras e vais cair no buraco.

Metaforicamente, Pedra e Terra referem-se à terra natal ou pátria; Casa e Fogo referem-se à *Uma Lulik*; os Defuntos são as almas/espíritos vivos dos tios e avôs que faleceram (acredita-se que os defuntos existem no mundo invisível). O *lel-bia*, a *nag-tas*, o *purlul laumet* e o *ilu nor naru* são as más palavras, conotadas com os lugares que são considerados como o inferno, para castigar as pessoas que estão contra aos mais velhos. Por isso, a intenção desta oração é a de liquidar uma pessoa.

Para pedir perdão, era necessário dar uma compensação aos tios e à *Uma lulik*, de modo a serem retirados os desejos negativos. Depois disso, a pessoa deve ir à *Uma lulik*, onde os tios ou avôs lhe dão uma fatia da areca e uma folha da bétele, as quais deve segurar com as duas mãos, para os tios ou avôs soprarem, e colocarem na testa, dizendo a seguinte *tertota*:

*Oh.. tugla um nor áp, hat nor rae, baléb al la ter, am dad sul gugu nor lama des urá ma- sul mou oe.*

Tétum:

*Oh..husu ba uma ho ahi, fatuk no rai, keta hola ba lia, ami dada fali ibun ho nanál, tamba nia mai fali monu ain.*

Português:

Peçamos à Casa e ao Fogo, à Pedra e à Terra que não se ofendam. Tirámos já a nossa boca e língua, porque ele/a arrependeu-se dos seus erros.

Neste caso, a Casa e o Fogo referem-se à *Uma Lulik*; a Pedra e a Terra referem-se à Pátria (terra natal); a boca e a língua referem-se às palavras que são ditas.

A *tertota* ainda existe hoje em dia, nas áreas remotas do país. De facto, há pessoas que ainda creem e que conservam este costume, porque ainda há casas sagradas, com os seus

objetos mágicos, e ainda permanecem as crenças nos defuntos. Assim, quando, por exemplo, os filhos vão estudar para países estrangeiros, os pais vão à casa sagrada para fazerem a *tertota*. Neste caso, as pessoas que guardam os objetos mágicos, que são consideradas sagradas (*kukun*, em *mambae*), e, os guardas irão dar-lhes folhas de bétele e areca (*bua-mal*) para levarem, o que significa que os espíritos dos defuntos e do sobrenatural (invisível), bem como das casas sagradas, estarão junto dos filhos que vão partir, que os acompanharão nas suas viagens, e onde eles irão morar e estudar, para, um dia, poderem regressar à sua terra natal. Seguidamente, apresentamos um exemplo de uma *tertota* em *mambae*:

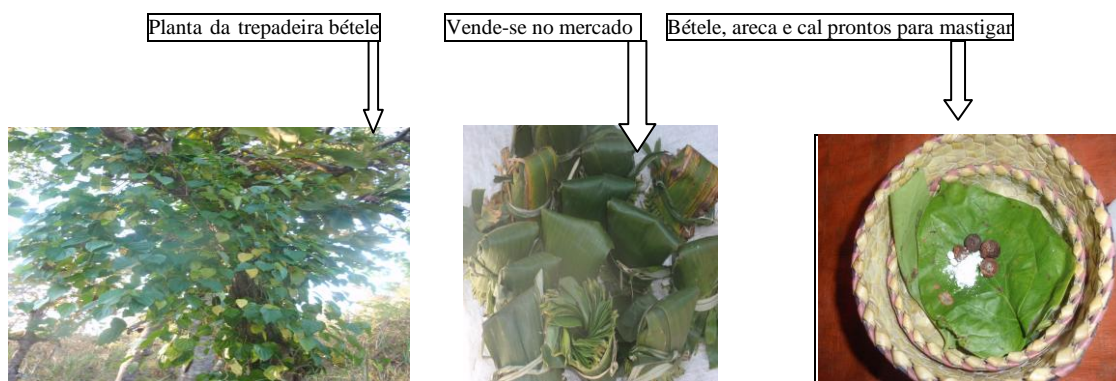
*Palpe au ana, au ubu, au gatal, hin ka man..od um nor ap, hat nor rae, maer hine, maer mane rom nigala, od bua nor mal rai nei o eta, o leb lao her bae bae, du nor sae, rom hei tomtom, od ne'e bisa nor mlúru, rom hei sat got, nei ilu nor naru, rom hei tapar salolo, lae neo nor lala pun ada, od hanoín et nam hai rai met, od et matenek rat lel ban id hei suli sul ma od tló o hatu, o rae, od degi nor bali manhati nei um nor up.*

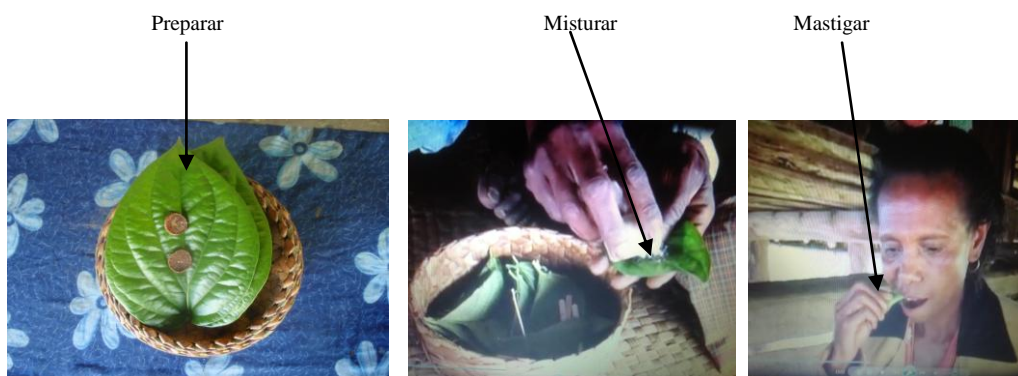
Apresentamos, agora, a tradução literal do excerto anterior:

Meu filho (sobrinho, neto, menino ou menina), em nome da casa e do fogo, e dos defuntos, entrego-te bétele e areca para teres contigo. Tu podes ir a todo o lado, eles vão-te acompanhar-te, indicar-te um caminho, proteger-te, dar-te força e saúde. Por fim, vão abrir o teu coração, pensamento e inteligência para atingires um grande sucesso. Depois, um dia regressarás para desenvolver a tua terra e pedra (conotadas com-Pátria) e guardar a tua casa sagrada.

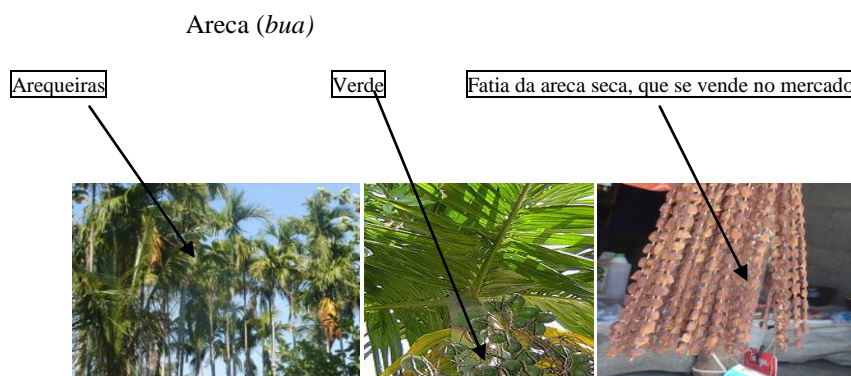
Os componentes mais importantes usados em qualquer cerimónia rituais são os produtos agrícolas, os quais estão representados figuras seguintes:

Areca-bétele e cal (*Bua-malus no ahu*, em tétum; *Bua-mal nor gau*, em *mambae*).





Coloca-se um pouco de cal numa folha de bétel e numa fatia de areca; em seguida, enrola-se tudo e mastiga-se. Antes de pôr na boca, sente-se uma sensação impressionante de amargo e quente na boca. O ato de mastigar tem vários objetivos, nomeadamente criar amizade entre os mastigadores. Quando não está integrado num ritual, serve apenas para pintar os lábios, como um baton.



Os *bua-malus no áhu* (areca-bétel e cal) são produtos agrícolas, mas os antepassados dos timorenses usavam-nos em todos os eventos tradicionais e para mastigar diariamente. Os velhos, quando se juntavam, usavam-nos sempre para servirem uns aos outros, para mastigarem. No entanto, para os estrangeiros, estes produtos podem ser considerados como drogas, porque contêm álcool, por isso, a pessoa que não estava habituada a mascá-los, quando o fazia, ficava embriagada. Mas estes produtos, assim como o tabaco, são dados a alguns estrangeiros para mastigar e fumar, o que simboliza a primeira etapa de uma amizade. Pelo contrário, nos eventos rituais a areca-bétel e a cal são consideradas importantes, sendo as matérias principais e determinantes numa cerimónia. Na verdade, se não houvesse *bua-malus*, não se realizava a cerimónia ritual.

De acordo com a nossa experiência, quando visitámos a nossa casa sagrada (*uma lulik*), recebemos o *bua-malus* para levar e guardar. Isto significa primeiro, uma salvaguarda;

serve para garantir que Deus e os espíritos dos antepassados, *uma lulik*, bem como o sobrenatural, nos acompanhem e nos salvem sempre, dando-nos força para a nossa sobrevivência. Segundo, implica uma ativação da memória, para que não se esqueça a casa sagrada, a terra natal e os defuntos.

Por outro lado, o curandeiro tradicional utiliza o *bua-malus no áhu* para tratar pacientes. Para isso, começa por rezar com fé (*tertota*), para suplicar aos defuntos, à casa sagrada e ao sobrenatural, depois masca-a substância e cospe-a no local que está doente, acreditando na recuperação. Para as pessoas modernas e para os estrangeiros, este é um ritual que pode parecer estranho e ilógico, mas real, sendo ainda é praticado pelos curandeiros locais nas suas comunidades.

Relativamente às práticas rituais e às substâncias utilizadas, atente-se nas seguintes palavras de António Magno (entrevistado):

Na prática das cerimónias rituais, há produtos agrícolas que são considerados principais, tais como a *Bua*, o *Malus*, o *Áhu* e o *Tabaku* (areca, bétele, cal e tabaco). O conjunto destes produtos é uma composição que os timorenses utilizam em qualquer cerimónia ritual, pois oferecem-nos aos donos da terra (aos espíritos invisíveis) antes de orar. A oração depende do que se vai pedir. Nesta oferta, necessita também de estar o ouro e a prata, que são recolhidos simbolicamente em sete pedaços de algodão. Por exemplo, se os caçadores não conseguem caçar javalis e veados, eles praticam este rito e, depois disso, vão encontrar muitos animais destes e matam-nos. Além disso, há a tradição da luta de galos, jogo em que os timorenses apostam dinheiro e riquezas. Se querem ganhar, fazem o pequeno rito que se chama *halo Urat*.

### 3.2.1. Locais de objetos sagrados (*Fatin lulik*)

O termo *Lulik*, em tetúm, *luli* em *mambae* (que significa sagrado, em português) é uma palavra principal que está ligada a todos os tipos de rituais. Efetivamente, quando não havia o *lulik* não se fazia a cerimónia ritual.

É de salientar que o *lulik* foi atacado por algumas instituições, como a igreja e pelos colonizadores, porque era considerado como uma crença animista, como uma atitude atrasada, como uma coisa mágica e ilógica. Por isso, hoje em dia, os timorenses educados talvez tenham vergonha de praticar os ritos, acabando, por isso, por esquecer a prática do *lulik*.

Por outro lado, para os timorenses o *lulik* é um ritual central. É um conceito que representa o cosmos, é uma entidade altíssima, um mundo espiritual, o lugar dos antepassados, a base da sobrevivência da vida moral, que é considerada como o valor fundamental.

O *lulik*, segundo a crença dos timorenses, é classificado em duas categorias: a comunicação estabelecida socialmente e o mundo espiritual. De acordo com a primeira categoria, pode dizer-se que o *lulik* é fundamental na comunicação estabelecida socialmente, nomeadamente nas famílias (entre os avôs, os tios, os pais e os irmãos), bem como entre os sacerdotes, curandeiros (médicos tradicionais), líderes tradicionais (informal) e governantes (formal). Estes foram considerados como *lulik*, porque têm papéis importantes e determinantes para a família, sociedade e para o povo em geral, que precisavam, portanto, de os respeitar, para não terem consequências perigosas no futuro. Quando não respeitavam estas pessoas, incluindo quem guardava a casa sagrada, acontecia-lhe a *malisan*, em tetúm, maldição, em português, porque elas eram vistas como os pilares das relações estabelecidas com o mundo espiritual (invisível). Para além disso, também existia o castigo das leis tradicionais, em vigor na sociedade, consideradas como leis não escritas.

Em relação ao mundo espiritual, acreditava-se que os antepassados, as casas sagradas, a natureza, entre outros, tinham espíritos vivos (invisíveis), os quais não se podiam ver através da visão humana, mas que tinham uma relação forte com o mundo. Na sociedade étnica de *Mambae*, tinha-se medo da expressão *lisan-malisan* (a tradição e a maldição), porque as pessoas acreditavam que, se fizessem alguma coisa contra a tradição, encontrariam a maldição.

O *lulik* ainda tem uma influência forte no dia a dia dos timorenses, porque, como já foi dito anteriormente, a crença no *lulik*, acima de todas as coisas, é como a crença em *Maromak* (Deus), com um sentido diferente do da religião católica. *Maromak*, no conceito original, representa a ideia de fertilidade do feminino, pois é a base do nascimento, do crescimento, da paz e prosperidade. Neste caso, a mulher é considerada como a *Feto Maromak/Inan Maromak* (Deus Mãe), porque o Homem vem da mulher. Relativamente ao *lulik*, António Magno (entrevistado) afirmou o seguinte:

Quando falamos sobre o *lulik*, referimo-nos a tempos antigos, quando se vivia num ambiente em que prevalecia o animismo, o que significa que os timorenses criam e adoravam *lulik*, tal como na *uma lulik*, *ai lulik*, *fatuk lulik*, *be matan lulik*, *Bosok lulik* e nos objetos sagrados que existiam em cada casa sagrada (*uma lulik/uma lisan*). A passagem do animismo para o catolicismo começou com as homilias dos sacerdotes. As pessoas começaram a deixar a crença no *lulik* e começaram a crer em Deus, porque os sacerdotes lhes disseram que adorar o *lulik* era uma prática do antigo testamento da Bíblia. Por outro lado, podemos dizer que os nossos antepassados acreditavam em Deus através da adoração do *lulik sira*, isto é, dos lugares e dos objetos anteriormente mencionados. Por exemplo, o *Bosok lulik* era um lugar de reunião de uma assembleia ou um altar para reunir e matar/sacrificar os animais para oferecer a Deus, tal como o que estava narrado na Bíblia em relação às ofertas dos profetas Abrão e Moisés. Com a presença da Igreja Católica em Timor, as pessoas deixaram o antigo sistema. Assim, com a aparição de Nossa Senhora em Fátima, os católicos começaram a dedicar-lhe as suas práticas, como a reza de terços, o que significa que já havia uma modificação na fé dos timorenses.



### 3.2.2. Os objetos e locais sagrados dos nativos norte-americanos

Os nativos norte-americanos possuem uma relação especial com as forças da natureza. Assim, consideram como lugares sagrados as montanhas, os penhascos, as árvores, as pedras, os túmulos e os templos, pois é aí que residem os poderes do sagrado. Para além disso, consideram que qualquer lugar próximo da água está repleto de força espiritual. Como são lugares que sublinham a importância do ambiente natural, tratam-nos com grande respeito para não ofender os espíritos que ali habitam e para obterem a sua proteção.

Por outro lado, alguns lugares são santificados mediante os mitos, devido à sua origem sobrenatural como locais de eventos importantes. Afirmam que, todos os lugares sagrados têm uma importância significativa na concretização da identidade do povo, portanto, são procurados para realizar os cerimoniais de agradecimento e os rituais propiciatórios.

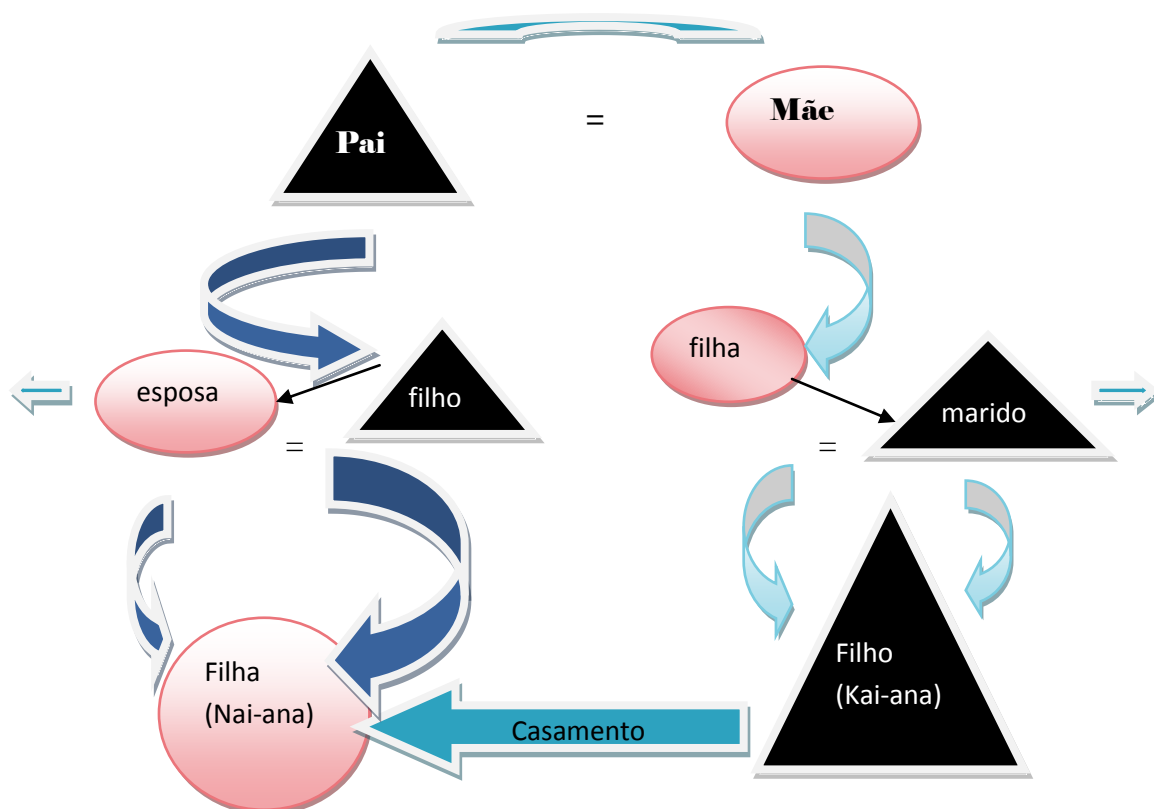
### 3.2.3. O *Lulik* na vida familiar dos Grupos Étnicos *Mambae* Ainaro

Dentro da família, há uma grande consideração pelos pais, irmãos e tios, que são considerados sagrados (*lulik*). Chamam-lhes *aman-inan lulik*, porque são eles que põem os filhos no mundo. *Tio lulik*, porque os tios são filhos das avós maternas (*umane*); *maun-feton lulik*, porque os irmãos/irmãs do mesmo sangue não se casam, pois é proibido pela lei tradicional e também pela lei da Igreja Católica, apesar de os filhos dos irmãos e irmãs em primeiro grau se poderem casar, ou seja, o filho da irmã pode casar-se com a filha do irmão (*Kai-ana Nai-ana*, em *mambae*); *Kai-ana* é o filho da tia e *Nai-ana* é a filha do tio, mas o filho do irmão não se casa com a filha da irmã, na medida em que é proibido pela tradição.

Poderemos dizer que o rapaz tem o direito absoluto de casar com a filha do seu tio, porque, economicamente, as riquezas como o *barlaque* (dote) não saem da família em primeiro grau. De facto, o casamento tradicional tem, habitualmente, muitos custos, por isso, casar com uma mulher é o mesmo que a comprar. Os tios vendem as suas filhas aos sobrinhos, o que é autorizado pelas regras verbais tradicionais, mas é proibido pela igreja. Quando não se cumpre este princípio, há, portanto, uma sanção tradicional. Por exemplo, quando a mãe e os filhos (*fetosan*) faltam ao respeito, à tradição, ou seja, quando falam mal dos irmãos ou dos tios (*umane*), é preciso fazer uma reunião familiar, para resolver a situação e para se fazer um pedido de desculpas, através de um ato de compensação material, sendo dado dinheiro, cigarros ou animais (búfalo, cavalo e galo); para além disso, os pais e os irmãos retribuirão com as roupas tradicionais (*Tais*, em *tétum*) e com porcos (*Fahi-Táis*).

Neste caso, podemos dizer que nas relações familiares não pode haver tabu. Esta prática tem a vantagem de contribuir para reforçar e dignificar o valor da relação entre a família nuclear ou real, a qual os mais novos poderão preservar.

O casamento em primeiro grau é autorizado pela lei tradicional no grupo étnico *Mambae* de Ainaro, chamada *Kaiana-Naiana*. Mostraremos, detalhadamente, a estrutura na imagem seguinte:



O sistema do casamento dos étnicos *Mambae* é o sistema *Kaben Sai*: tradicionalmente, quando uma filha casa, não tem mais direito às riquezas dos pais, mas tem direito absoluto às riquezas do marido, direito que é ainda maior quando têm filhos. O sistema existe na maioria do território de Timor, o que é descrito por Brandão da seguinte forma:

The Kaben Sai system is the most widespread system of matrimonial customs in Timor-Leste, prevalent amongst all ethno-linguistic groups in Baucau, Viqueque and Lauten, the mambae speaking groups (Aileu, Ainaro, Ermera and Same). Kemak (parts of Ermera/Atsabe and Bobonaro), Baikeno (parts of Oecusse), and also certain groups in Atauro. In this system upon marriage the wife enters into the husband's *uma lisan* (clan). Barlake is paid by the husband's family to the wife's family, the amount of which differs according to each ethno-linguistics group.<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Ibid., 17

Também há outros sistemas para além deste, como o *Kaben Tama* e o *Kaben Mistura*. No sistema *Kaben Tama*, a filha não sai de casa dos pais e o marido junta-se à família da esposa. Este sistema só é praticado em alguns grupos etnolinguísticos de *tétum terik* (em Suai, Same e Viqueque) e é a família da esposa que dá o dote à família do marido, ao contrário do sistema *Kaben Sai*. No grupo étnico de *Mambae* acontece o *Kaben Tama*, quando a família do marido não tem capacidade para dar o dote (*barlaque*) ou por outras razões especiais.

De acordo, também com Brandão:

The Kaben-tama system is practiced by ethno-linguistic groups that speak Tetum-terik (in Suai, several areas in Same and Vikeke), Galolen (certain areas of Manatuto), and Bunak (parts of Maliana, Suai and Ainaro). In this system, no barlake is paid but a symbolic exchange of goods takes place to honor the *uma lisan* of the wife's family (*umane*). Upon marriage, the husband leaves his own *uma lisan* and joins the wife's family.<sup>24</sup>

O sistema da *Kaben mistura* é um sistema moderno que foi desenvolvido durante o período português e da ocupação indonésia. Neste momento, geralmente é mais praticado pelos timorenses por causa do desenvolvimento económico, da modernização sociopolítica, do aumento do número de migrantes para as áreas rurais e do entrecruzar entre os timorenses e estrangeiros, como de Portugal, da Austrália, da Indonésia, da China, entre outros.

Brandão acrescenta,

The *Kaben-mistura* (mixed marriage) system developed during the periods of Portuguese and Indonesian occupations and has recently become more commonly practiced, particularly in urban centers. This system has evolved in tandem with the processes of economic development, socio-political modernization and increasing migration of rural population to urban areas. Different ethno-linguistics groups have come to settle alongside one another in close quarters in towns and cities, and thus marriages between individuals from different ethno-linguistic backgrounds are ever increasing.<sup>25</sup>

### 3.2.4. A Crença dos Antepassados no *Lulik*

Nos séculos passados, antes da chegada dos portugueses e da religião católica, os timorenses acreditavam no *lulik* como num Deus. Tinham fé em várias coisas sagradas que consideravam como *lulik*, tais como *uma lulik* (casa sagrada), *rai lulik* (terra sagrada), *fatuk lulik* (pedra sagrada), *we matan lulik* (buraco aberto na terra que contém água natural, considerada sagrada), *foho lulik* (montanha sagrada), *aihun lulik* (árvore sagrada), *bosok lulik* (espaço para a realização das cerimónias construído em pedra). Para a religião católica, os sacerdotes eram considerados como *Amo lulik* (sacerdotes sagrados/ santos).

---

<sup>24</sup> Ibid., 16

<sup>25</sup> Ibid., 17

Os timorenses têm bastante respeito e medo pelas coisas que são sagradas. Portanto, quando falamos sobre o *lulik*, devemos ter em conta que Timor tem uma grande riqueza em termos de cerimónias rituais, por isso é necessário fazer uma investigação académica para identificar os locais, os objetos, e tudo o que se relaciona com o sagrado, para preservar as suas origens. Como exemplo da coisa sagrada, podemos referir a *Uma Lulik*, sobre a qual se apresentam, a seguir, várias visões de intelectuais timorenses, de acordo com uma entrevista feita em Timor-Leste, no ano de 2011, pela equipa da Associação Luso-Galega de Antropologia Aplicada (ALGA), composta, entre outros, por Luís Gárate Castro e Maria Jesus Pena Castro.

Fernando La Sama de Araújo<sup>26</sup> quando foi entrevistado afirmou que,

A *Uma lulik* é uma casa sagrada que os avós timorenses deixaram às futuras gerações, com regras estabelecidas às quais devem obedecer, mesmo que não estejam escritas. A *Uma lulik* é o centro de decisão e oração onde as gerações anteriores se juntaram, rezaram e reuniram, para honrarem os espíritos dos antepassados, que acreditavam que estavam lá e que, por isso, podiam contar-lhes os seus problemas. O objetivo era rezar para as gerações futuras, para que elas crescessem com saúde e inteligência. A *Uma lulik* representa a ligação entre os antepassados e os presentes, os que estão vivos, e também com a futura geração. Além disso, a *uma lulik* é também o sítio onde se guardam as heranças tradicionais que os avós deixaram aos netos.

Por sua vez, Benjamim de Araújo e Corte-Real<sup>27</sup> fez a seguinte descrição:

A *uma Uma Lulik* pode ser entendida em duas dimensões, tendo um sentido material e outro espiritual. No sentido material, é como que uma construção física com as suas exigências arquitetónicas próprias, isto é, deve ser um lugar de abrigo, um lugar de refúgio, um lugar de recolha para meditação, com espaço para um conjunto de pessoas mais ou menos grande. É o espaço de uma genologia e, por assim dizer, o lugar onde os vários elementos se reúnem para cerimónias e ritos tradicionais, sendo um repositório dos bens materiais que se herdaram, de geração em geração, e um repositório da memória institucional de uma linhagem, no sentido físico ou material. No sentido espiritual, podemos dizer que o lugar do sagrado é um ponto de ligação entre os vivos e os mortos, entre os vivos e os espíritos dos antepassados; em última análise, é um ponto de ligação entre os vivos e o sobrenatural, o invisível, que é Deus.

Além disso, Corte-Real salientou que,

Uma *Uma lulik*, para os timorenses, é, de facto, um microcosmos, porque, ao longo das suas vidas, os timorenses deparam-se com incógnitas, com dificuldades, com calamidades, portanto, têm a necessidade de voltarem sempre a uma *uma lulik* para recolherem e meditarem, para tentarem compreender que os sinais do tempo, que estão constantemente ligados à vida terrena e à vida socioeconómica, se relacionam com o mundo espiritual. Deste modo, quando os atos são aprovados por Deus, pelos espíritos dos antepassados e da natureza, acredita-se que há uma harmonia entre os desígnios espirituais e a vida concreta/diária. Portanto, uma *uma lulik* é o centro da vida cerimonial onde se desenrolam os ritos.

---

<sup>26</sup> Fernando Lasama de Araujo é o ex-presidente do Parlamento Nacional e o atual vice Primeiro-Ministro do V Governo constitucional da RDTL.

<sup>27</sup> Benjamim de Araújo e Corte-Real é o ex-reitor da Universidade Nacional Timor-Lorosa'e (UNTL) e atual Presidente do Instituto Nacional de Linguística (INL).

A seguir, apresentamos o testemunho de Eugénio Sarmento<sup>28</sup>, que transmitiu outra visão,

Em primeiro lugar, a *uma lulik* é uma sombra para todas as entidades ou pessoas que nela permanecem. Em segundo lugar, na cultura timorense é como uma metáfora, ou seja, o espírito que está na *uma lulik* vai proteger qualquer pessoa que faça parte do seu sistema ou tradição.

Segundo o testemunho de Virgílio Smith<sup>29</sup>,

Uma *Uma lulik* é um umbigo que une e protege a relação entre as gerações. No contexto das crenças timorenses, considera que é o centro da vida e, por isso, é costume, quando uma criança nasce, o cordão umbilical ficar conservado na *uma lulik*, sendo este uma ritual que mantém a relação entre as gerações. O simbolismo de guardar o cordão umbilical na *uma lulik* tem a ver com evitar que haja quebra ou rotura de laços familiares ou de gerações.

Do nosso ponto de vista, as várias visões dos entrevistados são absolutamente corretas. É necessário, no entanto, juntar e completar as ideias deles num contexto uniforme, porque os termos ou as expressões metafóricas que foram utilizados só fazem sentido segundo as regras e estruturas da *Uma Lulik*, em geral, e, especificamente do grupo étnico de *Mambae*.

Por sua vez, os *Mambae*, estudados por Traube identificam a *uma lulik* como:

The term fada “house” refers to dwellings and to social groups, or more precisely, the image of dwelling together in one place symbolizes ties that unite persons. An additional and socially critical feature of this representation is that the ideal state of co residential unity is associated with the past. House groups are composed of people who organize a common source or origin place, to which they return only on specified ritual occasions. The idea of common origins provides the basis for ritual cooperation in the present.<sup>30</sup>

Segundo Hicks defini a *uma lulik* como:

(...) a building set aside for the storage of descent group’s sacred possessions and it is that place more than any other where the interests of ghosts and kin most tangible convene. The material artifacts symbolizing the bonds that unite these two categories of kin are stored and public rituals of reciprocity by which ghosts and the descent group collectively satisfy each other’s needs are carried out.<sup>31</sup>

Na nossa pesquisa, encontrámos a classificação das casas sagradas através de vários nomes, tais como *Uma Lulik*, *Uma Lisan*, *Uma kain*. Uma *Uma Lisan* é superior à *Uma lulik*; a *Uma lulik* é onde os objetos sagrados são guardados como heranças dos antepassados para os novos; a *Uma kain* é a casa de cada família, ao longo das suas várias gerações.

---

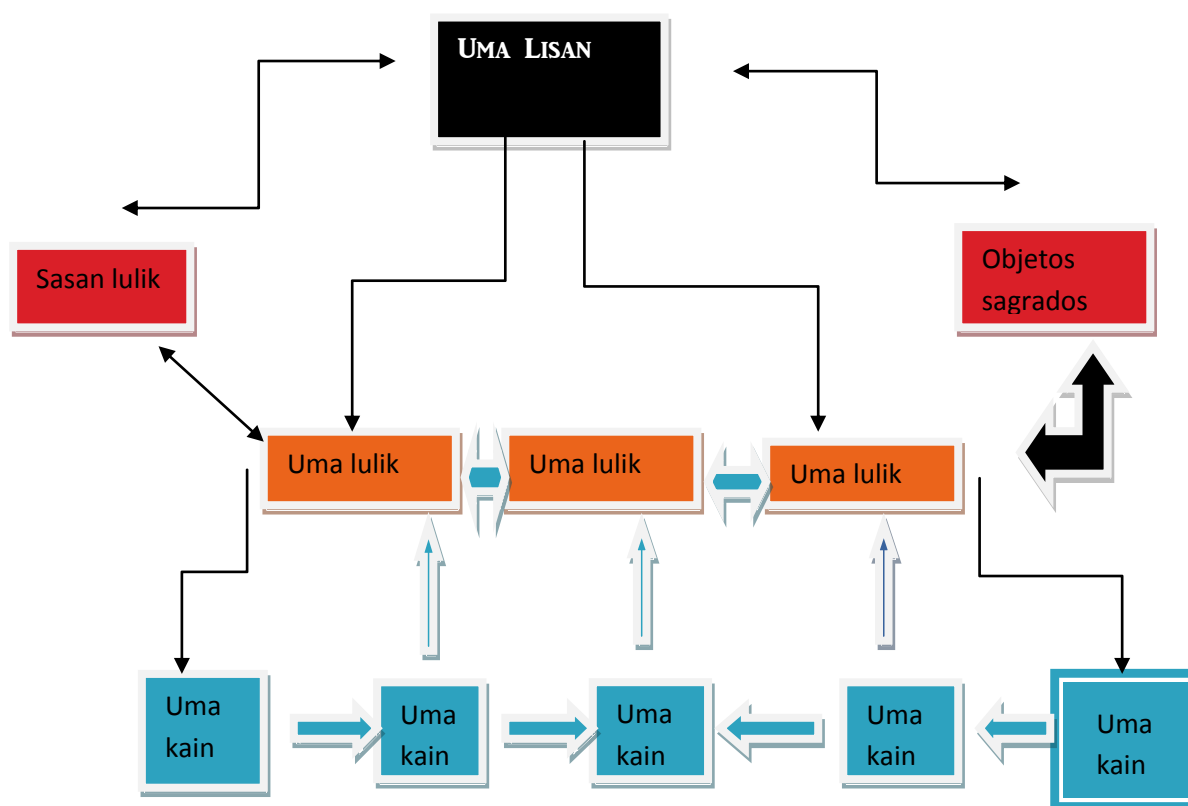
<sup>28</sup> Eugénio Sarmento é o diretor no departamento cultura do Secretário Estado da Cultura da RDTL.

<sup>29</sup> Virgílio Smith é o ex-secretário de Estado da Cultura do IV Govrno constitucional da RDTL.

<sup>30</sup> Traube (apud Sousa, 1986:66).

<sup>31</sup> Hicks (apud Sousa, 2004: 91).

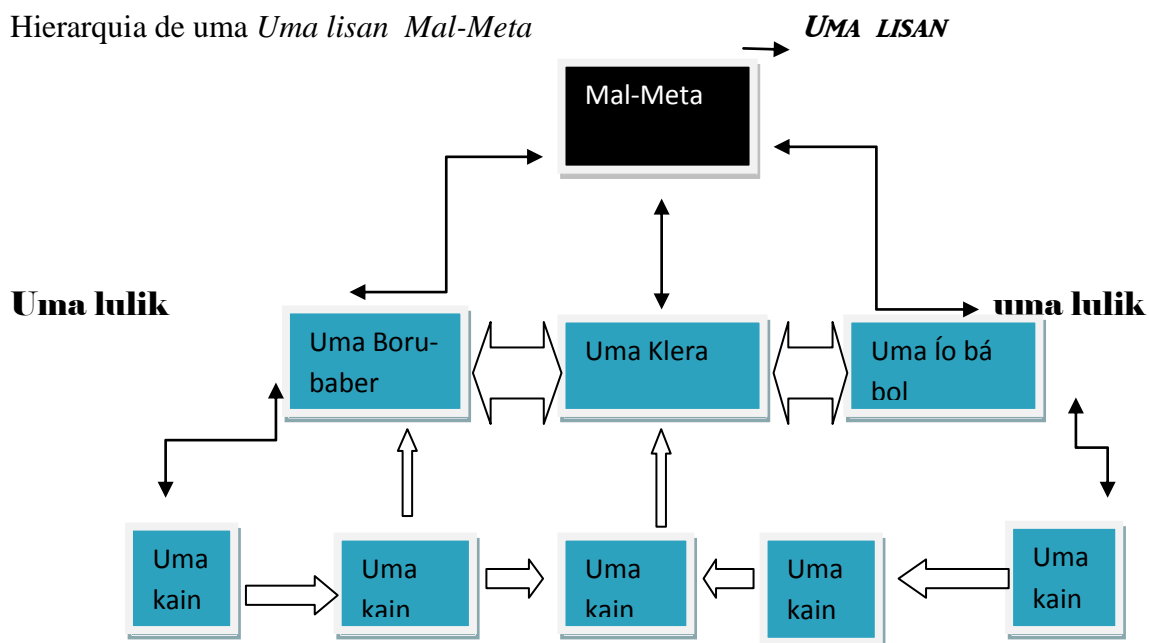
A hierarquia da uma *Uma Lisan* é a seguinte:



A *Uma Lisan* é uma combinação entre duas ou três *Uma lulik* da mesma geração. A *Uma lulik* é o ramo das casas das famílias (*Uma kain*) da mesma geração. Por exemplo, a *Uma lisan* do António Magno é uma *Uma Aisur* que é composta por uma *Uma Bukar*, *Uma Darha* e *Uma Puko*; estas três são compostas por uma *uma lulik*, com várias *uma kain*. Podemos referir outro exemplo, como a *Uma Lisan* de Alarico dos Reis. Esta *Uma Lisan Mal-Meta* é composta por uma *Uma tolu* e *Ahi tolu*, constituídas por uma *boru-baber*, uma *klera* e uma *Ío bá bol*. Antes e depois da presença dos portugueses em Ainaro, os dois Reis conhecidos na governação do sistema monárquico eram da *uma lisan Mal-Meta*, em primeiro lugar, e depois, com Rei *Mal-Buti* da *uma lisan Um Aisur*.

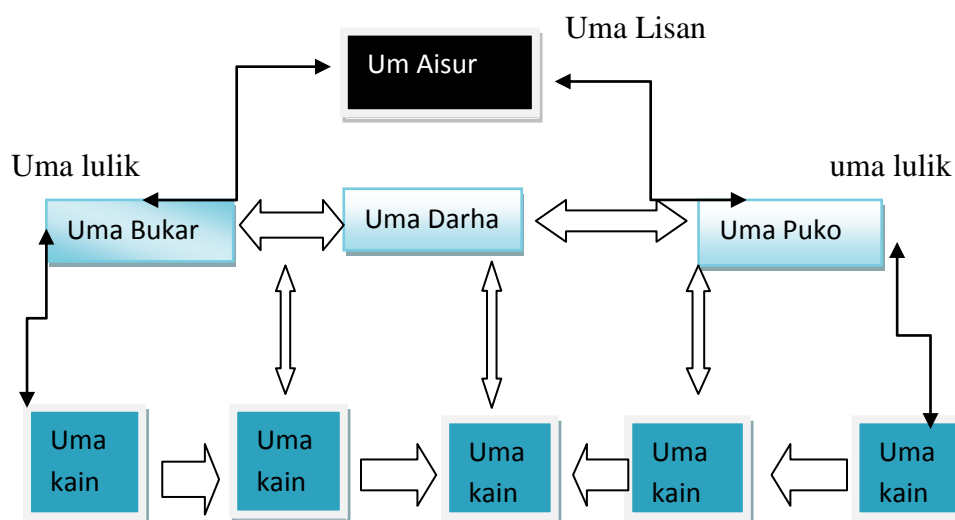
A estrutura da *Uma lisan* de António Magno e de Alarico Dos Reis apresentam-se de seguida:

Hierarquia de uma *Uma lisan Mal-Meta*



O outro exemplo:

Hierarquia de uma *Uma lisan Mal-Buti*



Pelo contrário, uma *uma lisan* também pode ser uma *uma lulik*, o que depende do local onde os objetos sagrados, as riquezas ou as heranças são colocados, porque essa *uma lisan* não tem nenhuma ligação com outra *uma lulik*, sendo, diretamente ou verticalmente, composta por uma *uma kain* da mesma geração. Por exemplo, a aldeia *Builíco* é uma povoação composta por 12 casas sagradas (*uma lisan/uma lulik*, em *tétum*; *um lisa/um luli*,

em *mambae*), tais como: (1).Um Dat-tete, (2) um Dat-sua, (3) um Lia-Nai, (4) um Leo-Dulu, (5) um SaiLeu-Berlik, (6) um Sia-Lae, (7) um Kab, (8) um Aiása, (9) um Mlae, (10) um Határu, (11) um Resleo e (12) um Asae.

Estas *uma lisan sira* também são as *uma lulik sira*, compostas pela *uma kain* de uma linha de geração, onde as famílias se podem juntar, reunir e discutir as suas questões e os seus planos para melhorar a vida das gerações e também para projetarem melhor o futuro. A *uma lisan/lulik* também funciona como um centro de adoração para honrar os antepassados, do mundo visível ou invisível. No contexto social e político, as *uma lisan/uma lulik sira* têm um papel importante na governação, porque alguns elementos de uma *uma lisan* têm um poder e uma posição nobre, de leigos ou juízes, o que dá segurança aos outros.

Um exemplo concreto, é o de um chefe de família de numa *uma kain*, que está diretamente submetida à *uma lisan/uma lulik* do pai (patriarcal); trata-se, neste caso, de uma *Uma Saileu-Berlik*. A *Uma Lisan/uma lulik* da mãe (matriarcal) é a *Uma Leo-Dulu*, mas se a mãe casou com o pai, é considerada a nora de uma *Uma Saileu-Berlik* e tem direito e poder absoluto nas heranças e na tomada de decisões na casa sagrada. A *uma lulik Leodulu* é dos avôs e dos tios, por isso, a mãe já não tem mais direito na casa sagrada dos pais. Em relação às práticas rituais, quando o *Leodulu* faz uma cerimónia ritual, seja o *Tan-mat* ou o *koremetan*, irá praticar a *Fetosan- Umane*. *Fetosan* é da linha do pai de *Uma Saileu Berlik* e *Umane* é da *Uma lisan Leodulu* de onde a mãe vem (os avôs e os tios). Neste sentido, as duas partes estabelecerão uma relação de amizade, e de boa cooperação, sendo evitado o tabu. O *Fetosan-Umane* não é só uma prática da tradição cultural, mas, contemporaneamente, também se pratica no contexto das relações sociais.

*Uma lulik*



*Uma lulik* Diurpu suco Manutasi, e *Uma lulik* Sialae, Builico, suco Ainaro

Fotografia, de setembro de 2012



Nestas *Uma lulik sira* há duas dimensões fundamentais. A primeira refere-se à construção física arquitetónica, segundo a qual uma *Uma lulik* deve ser composta por quatro colunas vermelhas (*Ri'i Mera Pat*, em *mambae*), que representam os defuntos/avôs que sustentam e sustentarão as suas gerações para agradarem na sobrevivência. A casa sagrada tem dois telhados, que se chamam *sulu rua*, em *mambae*, para a proteção da casa e das gerações. A segunda dimensão é espiritual, e significa que uma casa sagrada tem um papel importante em relação ao invisível, é uma crença: quando um elemento quer viajar para longe da família, para trabalhar ou estudar (ou para desenvolver outras atividades), o velho que guarda a casa sagrada vai orar ao *Sulu Rua nor Ri'i Mera Pat* (dois telhados e quatro colunas vermelhas, em português) e usa-se o bétete e a areca (*bua nor mal*, em *mambae*), de modo a garantir que tenha um bom sucesso e que volte à casa sagrada. De facto, acredita-se que na casa sagrada também há espíritos vivos que podem receber as promessas e dar graças.

Numa entrevista que fizemos para compreender as diferenças entre as crenças tradicionais e catolicismo, um entrevistado referiu que os antepassados praticavam o *lulik* através do sacrifício de animais no *Bosok lulik* (a construção das pedras), que é como um altar para a cerimónia ritual e na *uma lulik*, de acordo com o Antigo Testamento, como o profeta Abraão fez.

Por sua vez, Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, bispo timorense, laureado com o Prémio Nobel da Paz em 1996, diz que o Antigo Testamento “pertence ao passado; com a presença de Cristo, o Antigo Testamento perdeu-se. Com Cristo temos um novo sacrifício, um novo altar e temos de deixar o passado, porque Cristo é um novo homem, uma nova cultura e tradição, por isso, é preciso ter uma renovação forte.

Além do mais, para os timorenses, a crença no catolicismo tem sempre uma vertente cultural, pois através dela podem purificar-se. No que respeita à cultura dos timorenses, há alguns aspetos que têm valores positivos, que podem ser melhorados para poderem ser perfeitos, o que depende dos antropólogos, humanistas e religiosos, a longo prazo. Por exemplo, neste momento, em Timor, estão a ser construídas as *Uma lulik sira*, e, podemos constatar que, as autoridades civis e religiosas estão envolvidas nesse processo.

É de notar, neste contexto, que à frente da igreja de Maubisse foi construído o *Bosok lulik* (altar tradicional) e dentro da igreja há um altar característico da religião católica. Como é que se podem relacionar os dois altares?

De acordo com Dom Ximenes, “há aqui uma função pedagógica é um modo de entregar a natureza timorense ao catolicismo; é uma maneira que a igreja pode aceitar para, conseqüentemente, ir atraindo os praticantes a adorarem o altar que existe dentro da igreja em vez de adorarem o que está no seu exterior.”

No nosso entender, a prática timorense de adorar o *lulik* será, no futuro, apenas uma prática cultural.

Dom Ximenes Belo acredita que será atingido o objetivo que referiu: “Por exemplo, o povo japonês é um povo desenvolvido nas vertentes da ciência, tecnologia e civilização, mas retorna às suas origens no que respeita à cultura, isto é, os japoneses seguem os seus usos tradicionais para demonstrarem a sua identidade como povo japonês. Por isso, os timorenses também têm estas tradições, mas precisam de se purificar e de as aperfeiçoar.”

Quando perguntámos ao bispo qual era a sua visão sobre os objetos sagrados e as casas sagradas (*uma lulik*) que foram benzidos por sacerdotes.

Dom Ximenes Belo referiu que considerava este ato como uma cerimónia. Por outro lado, em Timor ainda existe a crença no *lulik*, mas não evita as doenças, os desastres ou incidentes e a morte, portanto os timorenses têm, também, uma mentalidade pagã, o que faz com que as duas crenças existam paralelamente. De facto, existe o termo Malefício, que significa que ainda há um *lulik* que ameaça os timorenses, que faz com que eles tenham medo. Este sentimento obriga-os a adorarem-no e, a cumprirem a tradição.

É necessário considerar que, segundo Dom Ximenes, “ há vantagens nos rituais: por exemplo, quando estes se fazem há chuva, e as hortas e os campos de arroz dão bons produtos, em qualidade e quantidade. O mesmo existe na tradição Cristã, que tem orações para pedir graças e a bênção de Deus para os produtos agrícolas, entre outros. Neste sentido, ainda falta um estudo, especialmente dos sacerdotes, incluindo eu, para analisar todas as questões, porque, até à data, no meu ponto de vista, ainda ninguém aprofundou isto.”

### **3.2.5. A Crença associada à Agricultura e aos Planetas**

Para além dos ritos, os antepassados também associavam a agricultura a uma crença nos planetas, como o sol, as estrelas e a lua que acreditavam que eram corpos altíssimos, ao mesmo nível das divindades. Segundo as suas interpretações, no céu, havia uma comunidade com Deus, onde há existência era agradável e plena de milagres.

Por outro lado, os ancestrais acompanhavam os movimentos do sol, das estrelas, da lua e das estações, relacionando-os com as atividades agrícolas, para garantirem a sua

sobrevivência. Isto acontecia porque os avôs não sabiam contar as semanas, os meses, os anos e as horas, por isso, apenas seguiam os movimentos e os sinais das estrelas, da lua e do sol. Por exemplo, quando viam, à noite, muitas estrelas no céu, sabiam que o clima frio ia dar lugar ao verão; quando a lua estava a metade (quarto crescente), significava que ia haver chuva (*u'us has hulai mata*, na língua *mambae*), e quando estava lua cheia (*hulai tema, mambae*) não haveria chuva. O sol (*lel*) e a estrela grande (*hit mera*) são fatores determinantes da hora: quando a *hit mera* aparecia na parte leste, acima do mar, era madrugada e podiam começar-se as atividades da manhã; quando se pisava a própria sombra, sabia-se que já era meio-dia; quando as sombras das árvores se viravam para leste, chegava a tarde; o pôr-do-sol mostrava que já era noite.

Em relação às estações do ano, sabe-se que cada região, continente e país no mundo têm as suas estações, temperaturas e climas. A ilha de Timor faz parte de uma região do Sudeste Asiático que tem estações semelhantes às da Indonésia, Brunei Darussalam, Singapura, Malásia, entre outros, e também às do Pacífico, como em Darwin, na Austrália. Timor-Leste tem apenas duas estações em cada ano, nomeadamente a estação chuvosa e a estação seca (que corresponde ao verão). Além disso, o clima é regido pelas monções tropicais, que trazem uma alternância entre uma estação seca e uma estação chuvosa. A estação chuvosa é curta e irregular; em oposição, a estação seca é prolongada.

Há duas fases na estação chuvosa: a primeira, desde o mês de outubro até dezembro, é para cultivar o milho, e chama-se *ús tona*, em *mambae* e *udan tinan*, em *tétum*; do mês de janeiro até ao mês de março verifica-se o crescimento das plantas e era a época da colheita do milho- que se chamava *oi batár tona* em *mambae*, *silu batar tinan*, em *tétum*; contemporaneamente, durante esta fase, faz-se a cerimónia ritual do *Saubatár*. Durante este período, ocorriam vários desastres naturais, como erosões, tornados, e cheias, o que era perigoso para circular, porque não havia pontes para os carros circularem. A segunda fase decorria entre abril e junho, estação chamada *us hit era*, em *mambae* (a tradução literal é chuva de água da estrela; *us* é chuva, *hit* é estrela, *era* é água). Este período é o segundo do cultivo do milho: *grua batár lelo* (cultivar milho no verão). Na colheita do *batár lelo* (milho de verão) não havia o rito do *Saubatar*, mas apenas aqueles se faziam para a colheita de produtos agrícolas.

De acordo com a investigação científica “Alternância Sazonal no Simbolismo Ritual”, Elizabeth G. Traube (1986: 229) refere o seguinte:

In the sixth and last native month of the dry season (usually coinciding with October), the elder of Raimaus begin “to observe the moon.” As the lunar cycle approaches its end, members of the ritual center assemble in Raimaus to open ceremonial cycle at the moment when the “moon dies.” The dark of the moon signals two concurrent natural events: the end of dry season and the emergence of new plant life underground. The first half of the inaugural performance consists of rites of transition that are intended.

Veja-se, a este propósito, a seguinte citação:

Oid ket usa nor leola      to separate rain and sun

Oid ket heua nor aika      to separate new and old

Esta é uma citação que resulta de uma pesquisa feita no grupo étnico de *Mambae*, do distrito Aileu, e tem relação com as estações e os sinais dos planetas.

Quando, no sexto mês, o último da estação seca (geralmente coincidindo com outubro), o mais velho, que se chamava Raimaus, começou a observar a lua disse “o ciclo lunar aproxima-se do fim”. Naquele momento, os membros que faziam o ritual concentraram-se em Raimaus para abrir o ciclo cerimonial, quando a “lua morre” (*hulai mate*), isto é, quando a lua estava escura. O escuro da lua simboliza dois eventos naturais: o fim da estação seca e o surgimento de uma vida nova.

Em *mambae* Ainaro, as expressões são as seguintes:

*Od ket ús nor lél*      para separar a chuva e o sol

*Od ket heu nor ági*      para separar o novo e o antigo

A existência destas estações é útil para a sobrevivência dos timorenses, porque os seus meios de subsistência baseiam-se na agricultura e, apenas recentemente, no petróleo que existe no mar de Timor, bem como noutros recursos naturais. Quando não houver chuva e sol, não se imagina como viverão.

Também é importante identificar os produtos agrícolas que constituem a base da alimentação dos timorenses. Destacam-se alguns alimentos famosos e originais, como o arroz, o milho, o feijão, as amêndoas, a mandioca, a abóbora, a batata-doce, o inhame, entre outros. Os vegetais/legumes são o repolho, a mostarda, as batatas, o feijão-verde, entre outros. As frutas são a jaca, o coco, a laranja, a mamão, a banana, a goiaba, o pepino, entre outras. Quanto aos animais, destacam-se os búfalos, os cavalos, os porcos, as cabras, os cães e as galinhas; há animais selvagens, como veados, javalis, esquilos, gambás, cobras, entre outros;

e pássaros, como os papagaios, loricos, pombos, perdizes, cacatuas, entre outros. Também há uma grande biodiversidade no mar, que tem vários peixes, crocodilos, tartarugas, corais e outras espécies indígenas, que habitam o fundo do mar. Por causa da colonização, da ocupação e da globalização passaram a existir outros alimentos e animais para além dos que foram mencionados.

Em quase em todo do território de Timor, a atividade agrícola é organizada de acordo com as chuvas. Na sociedade étnica de *Mambae*, a subsistência é baseada no cultivo itinerante de milho (*batár*, *batar* -em tétum), arroz (*San*, *háre*, em tétum), mandioca (*aiuhi*, *aifarina*, em tétum), batata- doce (*mláe*, *féhuk*, em tétum), inhame (*hut*, *talas*, em tétum) e diversas variedades de feijão (*hur*, *huras* e *ás*, *koto*, em tétum). O milho, os tubérculos, o feijão e os vegetais são cultivados em pequenas parcelas no alto das colinas.

A estação seca ocorre, normalmente, de julho a outubro. Por causa de a educação pública dos agricultores timorenses ainda ser baixa, durante esta estação, geralmente, eles derrubam florestas em grande escala, para queimarem enquanto esperam a estação chuvosa para plantar. Esta prática agrícola, feita todos os anos, acabou por derrubar a floresta. Relativamente à estação chuvosa, geralmente começa em novembro, estendendo-se até março, com chuva torrencial e inundações maciças em todas as áreas, havendo uma diminuição da precipitação entre abril e junho.

A limpeza e queima de roçados começam no final de agosto. O plantio é programado para coincidir, tanto quanto possível, com as chuvas. A estação das chuvas é um período de atividade intensa no jardim, coincidindo com o ciclo anual de rituais agrícolas. Nos campos, o arroz é colhido em junho, altura em que se fazem cerimónias menores. Ambos os sexos participam no trabalho agrícola. Os homens executam a maior parte da desflorestação e fazem as queimadas, enquanto as mulheres são responsáveis pela maior parte da capina diária. O plantio e a colheita são realizados por homens e mulheres.

Note-se que no grupo étnico de *Mambae*, no subdistrito Ainaro, tradicionalmente, os antepassados/avôs tinham os seus próprios nomes para se referirem aos meses, de acordo com as estações.

Segundo Domingos Magno, António Magno e Lucinda Sarmento, os avôs só contavam os meses durante a época agrícola, a época dos rituais e a época de caça dos animais. Os entrevistados ainda se recordam dos nomes, que agora podemos comparar à contagem que se faz atualmente:

1. **Hulai Laússi** (mês de janeiro), na época dos rituais do distrito de Aileu;
2. **Hulai Katrai** (mês de fevereiro), na época dos rituais do distrito de Ermera, durante o qual se dava comida aos pássaros;
3. **Hulai Hohúl** (mês de março), na época de *aihulu*, que consistia num ritual especial realizado numa casa sagrada (*uma lulik*) o *Hohúl*, no distrito de Aileu;
4. **Hulai Hohrae** (mês de abril), que era a época em que as pestes atacavam a planta do milho, o que era considerado como um grande falhanço para os agricultores;
5. **Hulai Goulora** (mês de maio), a época de cultivar o milho de verão, porque em Timor há duas épocas para o fazer;
6. **Hulai Nunmog** (mês de junho), que era a época de cultivar o feijão;
7. **Em Hulai Datpat** (mês de julho) colhia-se a batata-doce;
8. **Hulai No-ulo** (mês de agosto), era a época de caça dos animais selvagens;
9. **Em Hulai Asolaús** (mês de setembro) queimava-se a floresta para aproveitar a carne dos animais selvagens;
10. **Hulai Mauede** (mês de outubro) era um mês para plantar milho, durante a estação chuvosa, em todo o território de Timor-Leste;
11. **Em Hulai Ritlúl** (mês de novembro) realizava-se o ritual para a época da *kafé funan* (flor de café), para que o café fosse produzido em grande quantidade e com qualidade;
12. **Hulai Mamrem** (mês de dezembro) era um mês vazio, pois não havia nada relacionado com a atividade agrícola.

É de notar que os timorenses, em geral, e os do grupo étnico *Mambae*, em particular, chamavam *Fulan* (em tétum) e *Hulai* (em *mambae*) aos meses. *Fulan/Hulai* significa lua, porque os antepassados calculavam as épocas de acordo com o movimento dos planetas.

### 3.2.6. O Mito e a Lenda de Timor

Em relação ao mito, ao *lulik* e à lenda (que são a visão do mundo e do cosmos), Timor-Leste tem muitos mitos e lendas na sua história. Podemos referir, como exemplo, a famosa lenda sobre a forma como surgiu a ilha de Timor:

Conta a lenda que há muito tempo, um crocodilo já muito velho vivia numa ilha da Indonésia chamada Celebes. Como era muito velho, este crocodilo já não tinha forças para apanhar peixes, por isso estava quase a morrer de fome. Certo dia, resolveu entrar terra adentro à procura de algum animal que lhe servisse de alimento. Andou, andou, andou, mas não conseguiu encontrar nada para comer. Como andou muito e não comeu nada, ficou sem forças para regressar à água. Um rapaz ia a passar e encontrou o crocodilo exausto. Teve pena dele e ofereceu-se para o ajudar a voltar. Então, pegou-lhe pela cauda e arrastou-o de volta à água. O crocodilo ficou-lhe muito agradecido e, em paga, disse ao rapaz que fosse ter com ele sempre que quisesse ir passear pelas águas do rio ou do mar. O rapaz aceitou a oferta e, a partir daquele dia, muitas foram as viagens que os dois amigos fizeram juntos. A amizade entre os dois era cada vez maior, mas, um dia, a fome foi mais forte e o crocodilo pensou que comer o rapaz era a melhor solução. Antes de tomar esta decisão, perguntou aos outros animais o que achavam da ideia. Todos lhe disseram que era muito ingrato da parte dele querer comer o rapaz que o tinha salvado. O crocodilo percebeu que estava a ser muito injusto e ficou com muitos remorsos. Então, resolveu partir para longe, para esconder a vergonha. Como o rapaz era o seu único amigo, pediu-lhe que fosse com ele. O rapaz saltou para o dorso do crocodilo e deixou-se guiar pelo mar fora. A viagem já ia longa quando o crocodilo começou a sentir-se cansado. Já exausto, resolveu parar para descansar, mas, naquele momento, o seu corpo começou a crescer e a transformar-se em pedra e terra. Cresceu tanto que ficou do tamanho de uma ilha. O rapaz, que viajava no seu dorso, passou a ser o primeiro habitante daquela ilha em forma de crocodilo<sup>32</sup>.

Esta crença dos timorenses acabou por se tornar uma verdade. Como os antepassados adoravam e respeitavam o crocodilo, chamavam-lhe o avô *lafaek* (avô crocodilo), e o animal passou a ser considerado *lulik* (sagrado).

Na sociedade do grupo étnico de Ainaro também se tinha receio, mesmo, medo, do *lafaek*, também considerado como o “avô lulik”, por isso, se alguém o matasse ou dissesse mal dele, iria chover sem limites todos os dias e noites; as praias e as lagoas ficariam cheias de água; as atividades humanas seriam seriamente afetadas. Neste caso, deveria fazer-se o ritual para pedir desculpa e, assim, a chuva e o mar paravam. Quando as pessoas queriam ir à praia tinham cuidado para não falar contra a natureza, e o mar e não mencionavam o nome crocodilo, só diziam avô *lulik*.

Apresentaremos a seguidamente, outro mito que, até à data, não foi referido por qualquer escritor:

Antigamente, em Timor, havia uma ligação entre o céu e a terra, que estavam muito pertinho porque havia a planta da corda (*tali kalík*, em tetúm; *hlow tali*, em *mambae*) que os pegava e juntava, por isso, os moradores dos dois planetas eram vizinhos. Na terra, havia um casal que, um dia, não tinha lume para cozinhar, por isso, a mulher foi lá acima (céu) para pedir lume. Como demorou muito tempo, o marido ficou zangado; pegou numa catana/espada e cortou o *tali kalík*. Como resultado, houve uma separação entre o céu e a terra, como existe agora.

---

<sup>32</sup> . URL.Website, Lenda Timor, site Junior, Rua-Portugal. [Acesso a 28 de Maio de 2012. Disponível em (<http://www.junior.te.pt/servlets/Rua?P=Portugal&ID=781>.)

De acordo com Alarico da Costa dos Reis, a geração do Rei *Mal-meta* (*Nai mal-meta*) contou que o seu bisavô tinha um livro sagrado, como uma *Bíblia*, que fora adorado pelos antepassados e que, por isso, ninguém lhe podia pegar. Porém, não sabia quem era o autor do livro e em que ano tinha sido escrito. Quando Alarico era estudante no liceu, em 1960, depois de regressar a casa, tentou abri-lo, que estava quase ilegível, pois tinha sido escrito com carvão, e viu que continha coisas misteriosas e mágicas sobre o modo como Deus criara a terra, momento em que deixou de existir a escuridão.

Apresentamos, agora, outra lenda sobre um casal (*Tata man nor tata hin id, em mambae*), composto por um avô e uma avó, que morava perto da planta *Kalik*. Segundo Alarico dos Reis,

Era um dia, como não havia fogo para cozinhar, o velho ordenou à velha que subisse lá a cima (céu) para ir buscar lume. No entanto, quando chegou lá, a avó encontrou uma multidão numa grande festa para assassinar uma menina grávida. A avó não aceitou que ela fosse assassinada, portanto, saiu diretamente para o curral dos búfalos, onde encontrou um búfalo a defecar e a urinar ouro e prata. Embrulhou e amarrou o ouro e a prata na cintura e voltou para junto da multidão, mas, como o ouro e a prata tinham um cheiro desagradável, as pessoas ordenaram-lhe que os deitasse fora, o que ela disse que não podia fazer, porque era um remédio, e perguntou-lhes onde estava a menina grávida. Responderam-lhes que a menina estava na cela e que iria ser morta, por ser muito malcheirosa. A velha decidiu visitá-la, sem saber porquê. Acabou por ajudar no parto dela, quando o bebé nasceu, houve uma grande chuva, trovões e ventos, devastadores. O velho (avô) que estava à espera na terra, achou que a avó estava a demorar muito, por isso, zangou-se, levantou-se e cortou a planta ou o *kalik talin* (*holou tali, em mambae*). A partir desse momento, houve uma separação da terra e do céu, isto é, o céu ficou longe da terra, que se mantém até ao presente.

Do nosso ponto de vista, esta história/lenda/ mito é verdadeira, mas, como não foi escrita, não sabemos se aconteceu antes ou depois de Cristo. Por isso, é considerada como uma narrativa verbal que os antepassados deixaram, a qual podemos contar como uma lenda ou como um conto de fadas. Esta lenda tem um valor significativo, pois destina-se a relembrar as gerações de que os timorenses têm as suas próprias riquezas em termos de histórias e de lendas. Segundo Eduardo Amarante,

O mito designa uma “história verdadeira”, porque sagrada, quer dizer um acontecimento primordial que teve lugar no começo do tempo. O homem é aquilo que é hoje porque uma série de acontecimentos ocorreram *ab origine*. Os mitos contam-lhe esses acontecimentos e, ao fazê-lo, explicam-lhe como e por que razão ele foi constituído desse modo.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> AMARANTE, Eduardo. *Universo Mágico e Simbólico de Portugal*. (Projeto Apeiron, Lda. Portugal, Portimão-Algarve, 1ª Edição-janeiro, 2013:17)



### 3.2.7. Os Rituais Cerimoniais estudados dos Nativos de América do Norte

#### 3.3.1. Eagle Dance Ceremony

A Eagle Dance, ou Dança da Águia, é uma cerimónia tradicional das tribos dos nativos norte-americanos. As tribos que praticam a dança são, nomeadamente, a tribo Cherokee, a tribo Iroquois, a tribo Lowa e a tribo Choctaw do México. Esta cerimónia de dança realiza-se por diferentes razões: para criar amizades, para assegurar uma caça bem-sucedida ou o sucesso numa batalha, para curar doenças e para criar a paz entre as tribos antagónicas. Consideram a Águia como “o Grande Pássaro Sagrado”, que tem um poder de cura, e também como o animal telúrico, que mantém a conexão com o “Mundo Divino”, sendo, assim, uma influência material e espiritual. Por fim, acreditam que, a Águia simboliza a sabedoria, a força e o poder.

A águia é o grande pássaro sagrado em quase todas as tribos nativas dos índios, e cada grupo tribal tem as suas próprias histórias e lendas a respeito da Águia.



A águia



As dançarinas que vestem penas de águia.



A figura abaixo demonstra a cerimónia da Dança da Águia feita pela tribo Choctaw.



a. A origem da Dança da Águia

As tribos nativas americanas que realizam a Dança da Águia acham este animal tem a capacidade de se movimentar entre o céu e a terra e, em tempos idos, acreditavam que tinha poderes sobrenaturais; além disso, acreditam que a águia tem o poder de controlar a chuva e os trovões. Portanto, a Dança da Águia surgiu como resultado deste sentido atribuído à águia.

b. O propósito da Dança da Águia

As tribos nativas americanas realizam a Dança da Águia quando há a necessidade de intervenção divina. Historicamente, os nativos americanos realizavam a dança tendo em vista uma variedade de objetivos, incluindo a criação de amizade e a cura de uma doença. Basicamente, acreditam que a águia tem o poder sobrenatural de conduzir as suas orações aos deuses.

c. A crença simbólica na Águia

Os nativos americanos acreditam que a águia simboliza a força, a sabedoria e o poder. Além disso, algumas tribos acreditam que o voo da águia significa a passagem de movimentos do sol.

As penas da águia são consideradas sagradas, especialmente as da Águia de Ouro, portanto, é um privilégio usá-las, nomeadamente como decoração e nas cerimónias da Dança da Águia. É de notar que se acredita que as penas da águia nunca devem tocar no chão.

As tribos usavam a águia como algo medicinal e acreditavam que este animal tinha o poder do grande espírito, a conexão com o divino. Tinha a habilidade de viver no domínio do espírito e ainda de permanecer conectada e de ser um elemento equilibrador no domínio da terra. Deste modo, se alguém sonhasse com uma águia, a comunidade organizava uma “Dança da Águia” assim que fosse possível, o que só poderia ser feito no final do outono ou do inverno.

### 3.3.2. Ghost Dance Ceremony

O Ghost Dance (A Dança do Espírito) é um movimento religioso incorporado em numerosos sistemas de crenças nativas americanas. O ritual da dança é praticado pelas tribos Nevada Paiute a oeste da América: Califórnia e Oklahoma. O ritual tradicional, a dança da

roda, tem sido feito por muitos nativos americanos desde os tempos pré-históricos, o que constatado em 1889, por Jack Wilson<sup>34</sup> entre os Paiute Nevadas.

A dança do espírito começou por ser uma cerimónia para a regeneração da terra e, posteriormente, para proporcionar aos cuidadores da terra a sua antiga vida de felicidade.

A dança também espalhou-se rapidamente pelas várias nações indígenas da América. De facto, acreditava-se que, assim, se poderia visitar parentes ou amigos. É de notar que os líderes de várias tribos, tais como Lakota, Cheyenne e Arapaho, expandiram o significado da cerimónia, ao acreditavam que, ao usarem determinadas roupas durante a dança, iriam proteger as pessoas nas batalhas. Estas crenças serviram para afastar os medos que se tinham de suspeitos e, por vezes, de brancos, mas revelaram-se inúteis no final.

Embora a dança do Espírito tivesse sido um ritual para unificar os povos indígenas e até as tribos com uma tradição de conflito, a solidariedade desses grupos era considerada pelos oficiais do governo como uma ameaça, nomeadamente quando o Arapahoes, Cheyennes e Sioux se uniram para derrotar Custer (George Custer) um general dos E.U.A, que se tornou famoso para sua luta pela união durante a guerra civil americana. O Governo também tinha medo do poder espiritual desta dança, portanto reagia sempre quando era feita. A dança era realmente mágica e havia gente por perto que sentia que os espíritos dos dançarinos estavam sempre presentes.

Historicamente, quando havia uma encenação da dança dos espíritos, vários nativos americanos, idosos e jovens, sentavam-se em círculo, vestiam camisas de dança e passavam entre si um cachimbo sagrado. Assim, poderia sentir-se como os praticantes (crentes) entravam em contacto com os espíritos e mostravam o amor pela terra<sup>35</sup>. Esta cerimónia ainda é praticada hoje em dia entre os nativos norte-americanos como parte fundamental da cultura e crenças indígenas.

---

<sup>34</sup> Jack Wilson era um nativo com o seu nome original Wovoca. Nasceu no oeste Nevada ocidental, hoje *Esmeralda county*, por volta de 1856. Aos 14 anos, o seu pai morreu, foi criado pela família de David Wilson, um colono branco. Daí ele assumiu o nome de Jack Wilson. Wovoca foi um Paiute místico com cujos pronunciamentos religiosos a Dança do Espírito se difundiu entre as tribos de todo o oeste da América.

<sup>35</sup> Fonte: <http://www.native-americans-online.com/native-american-ghost-dance.html>. Acesso em 12-02-13

As figuras abaixo demonstram a cerimónia da Dança do Espírito.



Apesar de inúmeras tribos indígenas em todo o oeste norte-americano terem praticado a Dança do Espírito durante a segunda metade do século XIX, a maioria da literatura centra-se na Dança do Espírito da Lakota Sioux, de 1890. Para os lakotas, a Dança do Espírito era uma forma muito familiar da prática religiosa, que evoluiu através de experiências e das visões das suas crenças. Os dançarinos tornaram esta prática numa hostilidade contra os brancos, por isso, os *Lakotas fellow*, que se opunham à religião, tentaram interromper a dança. Porém, a camisa do espírito (as vestes usadas pelos dançarinos) não era utilizada para promover a guerra, mas sim como forma de refletir a cultura tradicional dos lakotas. De facto, a utilização de roupas contra as balas parece ter surgido após a chegada do exército. No entanto, os brancos não reconheciam a dança como um fenómeno religioso, mas como um gesto agressivo.

### 3.3.3. The Sacred Pipe Ceremony

A cerimónia do Cachimbo Sagrado é uma crença dos nativos índios norte-americanos. As meditações que se fazem nesta cerimónia servem para se elevarem as intenções ao Grande Espírito, por isso, as pessoas juntam-se para partilhar um cachimbo, através do qual fumam como um poderoso remédio ancestral de cura. O ritual é considerado como uma cerimónia do avô tabaco, sendo o cachimbo conhecido como “Cachimbo da Paz,” pois trata-se de um instrumento sagrado, de muito poder, que eleva as orações, propósitos, intenções e agradecimentos ao Grande Mistério (Deus). Segundo reza a tradição este cachimbo foi entregue pela lendária Mulher Novilho Búfalo Branco. No momento da entrega, a mulher explicou que o forninho representava a Terra, e tudo o que nascia sobre ela. Representava tanto o feminino como o masculino e a união dos dois simbolizava o princípio da criação, da fertilidade. A cada pitada de tabaco honra-se o que os nativos chamavam “de Todas as Nossas

Relações (Mitakuye Oyasin),” as relações e as manifestações da vida da Criação, seres elementais, animais, insetos, peixes, pedras, plantas, entre outras.

É de notar que o cachimbo Sagrado vem de uma lenda ou história, como a que é descrita em seguida:

“No passado, era inverno, no início da manhã, dois Lakota (índios) estavam a caçar com os seus arcos (*bows*) e flechas (*arrows*) e, como estavam de pé numa colina com vista para o movimento dos animais, viram algo à distância a ir na direção deles de uma maneira muito estranha e maravilhosa. Quando a coisa misteriosa chegou mais perto, viram que era uma mulher muito bonita, vestida com uma camurça branca e com um pacote nas costas. Esta mulher era muito boa no olhar, mas um dos Lakota achava que ela tinha más intenções e, por isso, contou ao seu amigo o seu receio, mas este bom homem disse que ele não devia ter tais pensamentos, pois, certamente, aquela era uma mulher *wakan*. A pessoa misteriosa ficou muito perto dos homens e, em seguida, depois de tirar o seu pacote das costas, disse àquele que tinha más intenções para se aproximar dela. Quando o jovem se aproximou da mulher misteriosa, ambos foram cobertos por uma grande nuvem, e quando ele se levantou, a mulher sagrada estava lá e, aos seus pés, estava o homem com os maus pensamentos que, naquele momento, não era nada, apenas ossos, e cobras terríveis estavam a comê-lo.

" Eis o que você vê!", a estranha mulher disse ao homem bom. "– Estou a chegar para ver o seu povo e desejo falar com o seu chefe *Hehlokecha Najin* (*Chifre Oco pe*). Dirija-se a ele, e diga-lhe para preparar uma grande tenda em que deve reunir todo o seu povo, e para se preparar para a minha vinda. Gostaria de dizer-lhe algo de grande importância! "

O rapaz dirigiu-se à tenda do seu chefe e disse-lhe tudo o que tinha acontecido: que aquela *wakan* vinha para os visitar e que todos deviam preparar-se. *Chifre Oco Pe*, tinha várias barracas, e oferecer-lhes como um ótimo alojamento, preparado tal como a mulher sagrada havia instruído. Enviou um pregoeiro para dizer às pessoas para vestirem as suas melhores roupas de camurça e para se reunirem imediatamente no local de alojamento. As pessoas foram, é claro, estavam todas muito animadas enquanto esperavam no alojamento pela vinda da mulher azevinho, e todos se perguntavam porque é que aquela mulher misteriosa vinha e o que ela queria dizer.

Os homens jovens que estavam a assistir à vinda da pessoa *wakan*, anunciaram que tinham visto algo à distância abordá-los de uma forma bonita e que, de repente, ela tinha entrado no alojamento, tinha andado em torno do sol-sábio e tinha ficado em frente do *Pe Oco Horn*. Ela voltou a agarrar o pacote e, segurando-o com as duas mãos em frente ao chefe, disse: " Eis aqui este sempre amor. É *lela wakan* [sagrado], e você deve tratá-lo como tal. nenhuns homens impuros devem estar autorizados a vê-lo, pois dentro deste pacote há um cachimbo sagrado. Com ele, você vai, durante os invernos que virão, enviar as suas vozes a *Wakan-Tanka*, ao seu pai e avô.

Depois de a mulher misteriosa dizer isto, tirou um tubo do pacote e uma pequena pedra redonda que colocou no chão. Segurando o tubo com o seu tronco, disse para o céu: " – Com este cachimbo sagrado vocês vão caminhar sobre a Terra, pois a Terra é a sua avó e mãe, e ela é sagrada. Cada passo que é dado em cima dela deve ser uma oração, a bacia do tubo é de pedra vermelha, o simboliza a Terra; e o que está esculpido na pedra, no centro, é um bezerro de búfalo, que representa todos os quatro-patas que vivem em cima da Terra. A haste do cachimbo é de madeira, o significa que é representa tudo o que cresce sobre a Terra. E estas doze penas que pendem aqui onde a haste se encaixa na bacia são de *Wanbli Galeshka*, a águia manchada, e representam a águia e todos os alados do ar. Todos os povos, e todas as coisas do universo, estão unidos a vós, quando fumarem o cachimbo e enviarem as vossas vozes a *Wakan-Tanka*, o Grande Espírito.

Quando vocês oraram com este cachimbo, significa que vão orar a todas pessoas. A mulher *wakan*, então, tocou um pé no tubo, atirou a pedra redonda para o chão, e disse: " – Com este

cachimbo, você estará ligado a todos os seus parentes: ao seu avô e pai, à sua avó e mãe, este é o lugar onde você vai viver e crescer<sup>36</sup>.”

Gary Null (copy right,1996) narrou a história da seguinte forma:

According to Lakota [Sioux] lore, a long time ago, during a time of famine, a woman appeared, wearing white buffalo skin, and carrying a sacred pipe. She explained that the wooden stem was for the trees, and everything growing on earth, the red bowl symbolized the flesh and blood of all people, and the smoke was the breath of their prayers going to Wakan Tanka, the Creator. The woman showed the people the pipe ceremony, where offerings were made to the four directions, while drums were played, and sacred songs were sung. The people learned of the connection between the sky and the earth and the unity of all life. They learned that offering thanks to Wakan Tanka with the pipe would yield many blessings here on earth. Before leaving, the woman said that she would return when the time was ripe. Then she turned into a buffalo, changing colors several times. Finally, she changed into a white buffalo calf, and disappeared into the distance. The people followed her teachings and were hungry no more.

O cachimbo sagrado e a sua cerimônia são, então, o coração da cultura das populações nativas. Os nativos viajaram através da *Red Road*, a estrada natural do equilíbrio, num bom caminho, o seu, que também era o do *Wakan-Tanka*, o Criador, da *Tunkashila*, o sopro vital do Mistério do Grande Espírito, e dos Auxiliares. Este era o caminho do amor e da liberdade, que ficava na parte de trás da Mãe Terra. Na cerimônia que faziam, a fumaça que saía da boca simbolizava a verdade do que estava a ser dito, e as nuvens de fumaça forneciam um caminho para as orações, de forma a alcançar o Grande Espírito e para o Grande Espírito viajar para a Mãe Terra.



O Búfalo Branco é a *wakan Tanka*, o Grande Espírito que deu à tribo o cachimbo sagrado.

---

<sup>36</sup> . BROWN, Joseph Epes. *THE SACRED PIPE. Black Elk's Account of the Seven Rites of the Oglala Sioux*. (London University of Oklahoma Press, Seventh printing, 1988: 3-7).





A estrutura do Cachimbo sagrado é a seguinte:

- o forninho é de pedra vermelha, representando a Terra. Esculpido na pedra, na parte da frente e no centro, está um bezerro de búfalo, que representa as quatro patas que vivem em cima da sua mãe, a Terra;
- a haste do tubo é de madeira, o que simboliza tudo o que cresce sobre a Terra;
- as doze penas de águia representam a Águia e todas as asas do ar;
- na extremidade do cachimbo existe um orifício para encher e fumar;
- a fumaça que sai do cachimbo simboliza a prece e lembra que o espírito está presente em todas as coisas, significando, igualmente, a verdade.

A reunião de todos os índios nativos norte-americanos para fumarem o cachimbo sagrado significava que todas as coisas do universo estavam unidas, para enviarem a voz da *Wakan-Tanka*, o Grande Espírito.



A cerimônia do Cachimbo Sagrado dos índios nativos norte-americanos é feita de acordo com a instrução do búfalo sagrado entre os sioux.



O Búfalo, ou o bisão, é considerado por muitas tribos como sendo um símbolo de abundância, pois era a sua carne que alimentava o povo, que dava o couro para o vestuário e abrigo, os ossos e os tendões que permitiam fazer as ferramentas de sobrevivência.

Na lenda do Cachimbo Sagrado, foi o Búfalo Branco que deu o Cachimbo Sagrado aos Sioux, como um vigilante da Nação Vermelha. Este cachimbo guardava o poder do Grande Espírito, trazia a mensagem de paz e anunciava uma boa caçada e a transformação numa grande nação. A aparição de um búfalo branco é, então, um sinal que os rezadores têm ouvido, que significa um tempo de muita abundância.

Se o nome de uma criança tivesse a palavra "búfalo" os índios acreditavam que a criança seria especialmente forte e que iria amadurecer rapidamente. Se um guerreiro



recebesse outro nome após uma visão, uma grande caçada ou um feito de guerra, e o seu novo nome incluísse a palavra "búfalo" significava que o búfalo era o seu guia espiritual, que ele demonstrava ter a força de um búfalo, ou que era um caçador extraordinário. Por outras palavras, o nome descrevia os poderes de um homem, poderes entregues ao ser humano.

Para além disso, as sociedades que recebiam o nome de búfalo tinham o animal como seu protetor, os homens santos que viam búfalo suas visões durante as quais eram convocados a praticar a medicina, deveriam, a partir daí comungar com o Grande Espírito através do búfalo.

Relativamente ao cachimbo sagrado, no princípio, o cachimbo era um objeto utilizado para fumar, algo que existia em todo o mundo e também no étnico *Mambae* de Ainaro. Porém, o cachimbo adquiriu outro significado, nomeadamente através de uma cerimónia praticada pelos nativos, uma cerimónia religiosa praticada de acordo com as regras ordenadas por um búfalo branco que apareceu como uma mulher que pegava num cachimbo, os quais simbolizavam o Espírito de Deus, e o cachimbo com as suas regras representava os mandamentos de Deus, como no Antigo Testamento da Bíblia (Deus deu uma ordem ao profeta Abrão para Ele fazer sempre um ritual para venerar Deus). No contexto do catolicismo, designadamente no Novo Testamento, houve aparições, como a de Nossa Senhora Maria de Lourdes, em França, a Nossa Senhora Maria de Fátima, em Portugal, para nos lembrar que devemos venerar Deus através de orações, para não cairmos nas tentações do demónio.

#### **3.3.4. Earth Healing Ceremony**

A cerimónia da Cura da Terra é uma oração dedicada ao Grande Criador, aos seis poderes da criação, nomeadamente ao Avô Sol, à Avó Lua, à Mãe da Terra, aos antepassados, à natureza (a todos aqueles que andam, rastejam, voam e nadam, visíveis e invisíveis) e aos bons espíritos que existem em toda a parte da criação. No entanto, esta cerimónia também tem uma relação com outros cerimoniais rituais nos quais se pedem graças e saúde ao espírito sobrenatural (invisível), nomeadamente nos rituais da Dança do Espírito, do Cachimbo Sagrado e da Dança da Águia.

Quando falamos sobre a cura de uma doença, devemos ter em atenção que, para os nativos americanos, a saúde se constitui como um processo contínuo de ficar forte em espírito, mental e fisicamente. Eles têm as suas crenças tradicionais e obedecem a dogmas

tribais e religiosos, por isso, propõem que as pessoas devem tentar manter a harmonia constante, diária, e contactar com o Criador, seguir todos os ensinamentos sagrados e tratar toda a vida (animais, plantas, rochas, rios e as pessoas) com respeito. Por outro lado, enfatizam que a violação de princípios ou leis tribais tem consequências como a doença física ou mental, a deficiência, a falta de sorte na vida e o trauma.

Acreditam que a maioria das doenças está relacionada com uma causa espiritual, o que cria desequilíbrios entre o corpo, a mente e o espírito. Como são os maus espíritos que causam o mal, consideram que a forma mais válida para curar doenças e a prática de certos rituais (que as pessoas de volta a harmonia) e uso de remédios à base de plantas recolhidas da natureza.

#### **3.3.4.1. A descrição da cerimónia da Cura da Terra**

Cura é um termo amplo que refere crenças e práticas curativas de centenas de tribos indígenas da América do Norte, que combinam religião e espiritualidade. Nessas práticas usam-se, ervas medicinais e fazem-se rituais para tratar as pessoas com doenças físicas e emocionais.

Todavia, as evidências científicas não confirmam o poder da cura através da prática de cerimoniais rituais tradicionais.

Na perspectiva dos nativos, a medicina incide mais sobre a cura da pessoa do que sobre a cura de uma doença. Assim, as visões dos curandeiros tradicionais centram-se no bem-estar e na harmonia entre a comunidade e o espírito da natureza que, às vezes, é tido como um milagre de Deus ou do Grande Mistério. A cura nativa norte-americana é baseada na crença de que tudo e todos na terra se encontram interligados, pois cada pessoa, animal e vegetal têm um espírito ou uma essência. Mesmo um objeto como um rio, uma pedra, uma montanha, e a própria terra, podem ser considerados como tendo este tipo de espírito.

#### **3.3.4.2. A Oração**

A seguir apresentamos o modelo da oração da cerimónia da Cura da Terra na sua versão original em Inglês e a tradução em Português.

##### Inglês:

O Great Creator,  
I come before you in a humble manner  
And offer you this sacred pipe.  
With tears in my eyes and an ancient song in my heart I pray.

To the four powers of Creation,  
To the Grandfather Sun,  
To the Grandmother Moon,  
To the Mother Earth,  
And to my ancestors.

I pray for my relations in Nature,  
All those who walk, crawl, fly and swim,  
Seen and unseen,  
To the good spirits that exist in every good part of Creation.

I ask that you bless our elders and children and families And friends,  
And the brothers and sisters in prison.  
I pray for the ones who are sick on drugs and alcohol  
And for those homeless and forlorn.  
I also pray for peace among the four races of humankind.

May there be good health and healing for this Earth,  
May there be Beauty above me,  
May there be Beauty below me,  
May there be Beauty in me,  
May there be Beauty around me.  
I ask that this world be filled with Peace, Love and Beauty.

## Português:

Ó Grande Criador,  
venho, diante de Ti, de maneira humilde,  
oferecer-Lhe este cachimbo sagrado.  
Com lágrimas nos olhos e uma canção antiga no meu coração eu oro.

aos quatro poderes da Criação,  
ao Avô Sol,  
à Avó Lua,  
à Mãe Terra,  
e aos meus antepassados.

Eu oro pelas minhas relações com a Natureza,  
por todos aqueles que andam, rastejam, voam e nadam,  
visíveis e invisíveis,  
aos bons espíritos que existem em toda a parte boa da Criação.

Peço que abençoe os nossos idosos e crianças, família e amigos,  
e os irmãos e irmãs que estão na prisão.  
Eu rezo por aqueles que estão doentes devido a drogas e ao álcool  
e por aqueles que estão desabrigados e desamparados.  
Eu também rezo pela paz entre as quatro raças da humanidade.

Que haja boa saúde e cura para a Terra,  
que haja Beleza acima de mim,  
que haja Beleza abaixo de mim,

que haja Beleza em mim,  
que haja Beleza ao meu redor.  
Peço que este mundo seja cheio de paz, amor e beleza.

Os rituais, como a cerimônia da Dança da Águia, a cerimônia da Dança do Espírito, a cerimônia do Cachimbo Sagrado e a cerimônia da Cura da Terra, têm sentidos significativos, tais como o sentimento de respeito pelo espírito do sobrenatural, pelos planetas e pela terra, porque a natureza alimentava as criaturas, os homens e os animais, e garantia as necessidades primárias, como a alimentação, o vestuário, entre outras.

### 3.5. Cherokee Prayer (uma oração da tribo Cherokee)

Além dos quatros cerimoniais rituais mencionados, os nativos norte-americanos também faziam uma oração chamada “Cherokee Prayer”, durante a qual usavam diferentes materiais sagrados ou mágicos. Os objetos sagrados tinham, muitas vezes, significados simbólicos. Abaixo estão alguns nomes que estão associados aos materiais utilizados.

KOKOPELLI significa que muitos dos materiais utilizados pelos nativos americanos foram pensados para possuir poderes mágicos e místicos, sendo usados em cerimônias religiosas. Muitas desses materiais eram colocados num saco e eram usados como um medicamento para proteção ou para a cicatrização.

BUFFALO significa búfalo, animal que é considerado um grande protetor espiritual, que traz alimento para o corpo e para alma. Quando um búfalo branco nasce, acredita-se que trará a paz entre as nações.

SUN FACE é o sol, que é o calor, um abrigo para os mais velhos, um futuro brilhante e a diversão para os jovens.

BEAR significa urso, símbolo da força e do poder. Um urso é considerado um dos mais poderosos e sagrados entre os animais. Quando hiberna, considera-se que trará o presente da renovação.

TURQUOISE significa turquesa, uma das principais pedras que o Navajo utiliza no seu trabalho com joias e nas cerimônias religiosas. Pensa-se que promove a cura e que traz a boa sorte. Os índios nativos americanos já usavam a turquesa antes de 1600, sendo extraída no Irão, Afeganistão, na Austrália e, nos Estados Unidos, no Arizona e Novo México. A turquesa pode ser encontrada em várias cores, como verde ou azul.

HEMATITE significa hematite, um mineral de óxido de ferro. A hematite polida foi usada em joias e na arte criada pelos índios americanos. Pensa-se que servia para dinamizar e revitalizar o corpo e a mente e que também tinha efeitos positivos na corrente sanguínea.

PICTURE JASPER significa que as pedras preciosas que têm a cor da terra (castanho, bege e creme) dão energia à mente. São encontradas em Idaho, nos Estados Unidos. Acredita-

se que também têm propriedades para nutrir, proteger contra a negatividade e promover a cura dos rins, baço, fígado e da bexiga.

SNOWFLAKE é o aparecimento de um floco de neve no vidro vulcânico, o qual é produzido por cristais internos formados através da lava fria. Pensa-se que traz a verdade, que ajuda a superar os medos, a trazer a calma e a manter o equilíbrio no tempo de mudança. É encontrado no Arizona e no Novo México, nos Estados Unidos.

UNAKITE é o nome de um lugar que foi descoberto na Carolina do Sul, nos Estados Unidos. É uma mistura de verdes e vermelhos que lembram os prazeres do outono.

TIGER EYE é um mineral natural da África do Sul. Acredita-se que faz o balanço entre a energia negativa e positiva, trazendo clareza e, possivelmente, aumentando a capacidade psíquica<sup>37</sup>

Os timorenses, em geral, e o grupo étnico *Mambae*, em particular, também têm semelhantes materiais ou objetos mágicos para a proteção e a cicratização. Tal como KOKOPELLI, PICTURE JASPER e BEAR, os timorenses possuem *BIRU*, *BUA MALUS*, *AIÁBUT*, *AIKULIT*, *AITAHAN*.

*BIRU* é uma pedra preta (um amuleto). Começou por aparecer como uma pedra viva aos anciões, curandeiros e chefes da casa sagrada (*uma lulik*), à noite durante os sonhos, dizendo: “Encontrou-me e a palavra sou eu. Guarda-me consigo e vou protegê-lo em qualquer perigo.” Assim, passou a acreditar-se que, quando a pedra é bem tratada e adorada produz mais pedras pequeninas, ou seja, é como se tivesse mais filhos para poder ser dividida com outros que acreditem no seu poder. Em vez de pequeninas pedras, poderia distribuir-se areca-bétele e fazer-se a *tertota* (*lia mulak*) na casa sagrada, pois, automaticamente, o poder e o espírito invisível estaria presente.

A mesma coisa acontecia com *AIÁBUT* (raiz das árvores), *AIKULIT* (cascas das árvores), *AITAHAN* (folhas das árvores), assim como com a pele, o rabo e os dentes do crocodilo e da cobra, úteis para a proteção e cicratização, dependendo sempre da fé das pessoas a este respeito. Na realidade, durante a resistência contra a ocupação dos militares da Indonésia, os guerreiros da FALINTIL (Forças Armadas da Libertação Nacional de Timor-Leste) e os membros da resistência utilizavam-nos para resistir nas montanhas e em todo território, durante 24 anos.

---

<sup>37</sup> Fonte: <http://www.tatonkatradingcompany.com/meanings.htm> . Acesso em 30/10/2011

Também havia pessoas que utilizavam estes materiais com má intenção, designadamente, para se vingarem de outros, e em grupo, funcionando com o culto do espírito do diabo em situações de perigo. Muitas vezes, quando acontecia na sociedade, chama-se *BUAN* (feiticeiro; bruxa: indivíduo que mata o seu semelhante ou que lhe come a alma), más, não havia provas concretas ou científicas sobre esta prática, era um fenómeno da cultura e crença timorenses.

É de salientar que, também existe um ritual de carácter oratório que era feito nas comunidades tribais dos nativos, que significa que o sobrenatural de uma comunidade não pretendia abordar o de outra comunidade. Segundo Andrew Wiget,

Ritual Oratory occurs within the tribal community (the supernatural of one community do not presume to address another community), either between the people and one of the representatives of the supernaturals, as in the Pima and Papago instance, or between the people and supernaturals who are not present, as in the Iroquois.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> WIGET, Andrew. *Native American Literature. New Mexico State University*. (Boston, G.K. Hall & Company, 1985:24).

CAPÍTULO IV.  
CONTEXTUALIZAÇÃO

4.1.1. ANÁLISE DOS DADOS

A. Participantes

Número	Nome	Sexo	Idade	Posição na sociedade tradicional de Ainaro	Observação
1.	Alarico da Costa dos Reis	M	65 anos	Ancião da comunidade e chefe da <i>uma lulik</i> (antigamente, em Ainaro, correspondia ao Rei do Maltmeta)	
2.	António de Araújo	M	69 anos	Porta-voz da uma lulik	Foi veterano
3.	António Magno	M	61 anos	Ancião e Porta-voz tradicionais	É funcionário público
4.	Domingos Magno	M	60 anos	Líder comunitário e porta-voz tradicional	É agricultor
5.	Fernando Xavier	M	65 anos	Comissário da verificação dos veteranos e porta-voz da uma lulik	Foi veterano
6.	João da Silva	M	70 anos	Porta-voz da uma lulik	É agricultor
7.	Luís Marçal Magno	M	75 anos	Porta-voz da uma lulik	É agricultor
8.	Nuno Bianco Araújo	M	55 anos	Secção da cultura e líder tradicional	É funcionário público
9.	Rafael Pereira	M	70 anos	Catequista da comunidade	Foi veterano
10.	Carlos Filipe Ximenes Belo, SDB	M	65 anos	Bispo Católico timorense	Residência na cidade do Porto, em Portugal

Os entrevistados são, maioritariamente, educados e religiosos e têm bons conhecimentos sobre ciências e valores morais, os analfabetos são os praticantes do catolicismo e dos ritos.

## B. TEXTOS

Aqui serão apresentados os resultados das entrevistas de campo, nomeadamente os textos dos entrevistados sobre os rituais, o *lulik*, a história, as lendas e os mitos.

### TEXTO 1

Apresentamos, agora, outra história sobre um casal (*Tata man nor tata hin id, em mambae*), composto por um avô e uma avó, que moravam perto da planta *Kalik*. Como não havia fogo para cozinhar, o velho ordenou à velha que subisse lá a cima (céu) para ir buscar lume. No entanto, quando chegou lá, a avó encontrou uma multidão numa grande festa para assassinar uma menina grávida. A avó não aceitou que ela fosse assassinada, portanto, saiu e foi diretamente para o curral dos búfalos, onde encontrou um búfalo que estava a defecar e a urinar ouro e prata. Seguidamente, embrulhou e amarrou o ouro e a prata na cintura e voltou para junto da multidão, mas, como o ouro e a prata tinham um cheiro desagradável, as pessoas ordenaram-lhe que os deitasse fora. Ela disse que não o podia fazer, porque era um remédio, e perguntou-lhes onde estava a menina grávida. Responderam-lhes que a menina estava na cela e que iria ser morta, por ser muito malcheirosa. A velha decidiu visitá-la, sem saber porquê. Acabou por ajudar no parto da mulher e, quando o bebé nasceu, houve uma grande chuva, trovões e ventos, devastadores. O velho (avô), que estava à espera na terra achou que a avó estava a demorar muito, por isso, zangou-se, levantou-se e cortou a planta ou o *kalik talin (holou tali, em mambae)*. A partir desse momento, houve uma separação da terra e do céu, isto é, o céu ficou longe da terra, até ao presente.

Narrador : Alarico da Costa dos Reis

Tempo : tempo passado

Espaço : na casa

Personagens: *Tat man nor Tat hin* (o velho e a velha)

Característica: lenda/mito

Função : transmitir os valores daquela comunidade ou da nova geração.

### TEXTO 2.

Quando falamos sobre cultura, sabemos que há várias tradições. Aqui, queria abordar a prática do rito *tan-mat*, relacionando-o com a *fetosan-umane*. Quando uma filha se vai casar, significa que ela sairá para outra *uma lisan*; a casa sagrada do marido é chamada *fetosan*, e os pais e irmãos são chamados *umane*. Normalmente, uma filha, quando fica noiva, entrega muitas riquezas ao futuro marido, às quais chamamos *barlaque* (dote) o que, de acordo com a tradição, serve para estabelecer uma nova família. Quando eles têm filhos é maravilhoso, será um grande sucesso no progresso da geração das duas casas sagradas (*uma lisan*). Quando, um dia, a filha ou a mãe falece, o marido, os filhos e a família dentro da casa sagrada têm o dever de fazer o rito *Tan-mat*, para matarem o búfalo sagrado (*karau lulik*), de modo a entregarem-se o seu pescoço aos pais, como o símbolo do corpo que irá reintegrar a sua casa sagrada. É de notar que também se consideram sagradas outras duas partes do búfalo, como a orelha e a costela.

Quando os filhos morrem também se faz o rito do *tan-mat*: matam-se búfalos sagrados e entregam-se os pescoços aos tios e avós (que são chamados *umane*), com o sentido de os reintegrar na casa sagrada de onde a mãe vem. No ato de entregar do pescoço, das outras carnes e riquezas, os *umane sira* retribuem com os *fahi-tais* (porcos e roupas tradicionais). De acordo com o António, há três tipos de *umane*, nomeadamente os pais e irmãos (*umane* em 1º grau), que têm o direito ao pescoço do búfalo; os tios ou os irmãos da mãe (*umane* em 2º



grau), que têm o direito à orelha da carne; e o avô ou o tio da mãe (*umane* em 3º grau), que têm o direito à costeleta/ossos da carne.

Na visão dos *Mambae*, quando, numa família, morre a mãe, os seus filhos e marido fazem o ritual. Estes são recebidos pelo pai e irmãos da mãe/esposa com as seguintes palavras: agora que Deus chamou a vossa mãe/esposa para regressar à Sua casa, vocês trazem-na, assim como aos símbolos que são a carne sagrada e algumas riquezas, para a voltar a entregar na sua casa sagrada (*Um Hatbei*). Nós recebemos as vossas riquezas e respondemos com *fahi tais* (porco e roupas) e deitamos água fresca sobre a carne sagrada, com um símbolo de boas vindas e de desejo de um futuro próspero. Fazemos esta prática da tradição *fetosan-umane* de modo a respeitarmos-nos uns os outros, para seguir a tradição deixada pelos nossos antepassados, para que não a esqueçamos.

Usamos a palavra *fetosan-umane* para representar o reconhecimento das famílias que fazem parte de cada *uma lisan* – tio/tia, avô/avó, irmãos/irmãs –, sendo um sinal de eterno respeito entre as duas *uma lisan*.

Este ritual tradicional tem mais vantagens do que desvantagens, porque, através da *fetosan-umane* mantem-se o respeito no casamento, sendo respeitadas as regras. Quanto à desvantagem do ritual *tan-mat*, quando os filhos dos defuntos deixam de o praticar, os tios e avós vão pedem uma maldição (o *tertota*), porque acreditam que as almas dos defuntos continuam a viver mal no outro planeta, e os filhos têm a obrigação de fazer o rito. Ora, quando os tios e os avós fazem o *tertota* os filhos dos defuntos sofrem uma maldição e passarão a viver infelizes.

O *umane* que receber o pescoço do búfalo está a receber a cabeça do defunto. Neste caso, entrega-o utilizando um cavalo como transporte e tendo também uma faca que se chama *nerhati*, a qual será utilizada pelos tios para cortar a carne ou o pescoço do búfalo. A continuação da prática deste ritual depende da vontade dos mais velhos, isto é, se querem transmitir aos mais novos que a prática da tradição é uma obrigação. Na verdade, quando os timorenses não seguem a tradição, têm um grande sentimento de culpa.

Narrador : António de Araújo.

Morada : suco Mau-Ulo

Tópico : o ritual *Tan-Mat* é associado ao *Fetosan-Umane* + *Uma lisan*

Função : transmitir os valores positivos à futura geração e preservar a tradição.

### TEXTO 3

A nossa terra, o Suro Ainaro, tem a sua própria história, quando comparada com os outros distritos de Timor, porque antes da colonização portuguesa já tinha o seu governo tradicional, que se chamava *An hin Pat An man Pat* (quatro filhas e quatro filhos), estando estabelecidos os dois Reis, que eram o Rei *Metan* e o Rei *Mutin* (preto e branco), que começaram a sua governação nos sucos Suro-Craic, Soro, Nunu-Moge, Mau-ulo e Ainaro.

Naquele momento, viviam num ambiente apertado, numa pequena área com uma população limitada. Por isso, os avós tentavam dominar mais áreas através da guerra, de geração em geração, até à 7ª geração. Em relação à guerra, em *mambae*, diz-se que: *Funu rat nó gia od mai bua gia od kida*, o que significa que quando se começa uma guerra, se plantam, ao mesmo tempo, coqueiros e arequeiras é que, até as plantas velhas não darem mais frutos, a guerra permanecerá. O objetivo da guerra era o alargamento do território, o qual foi conseguido, pois, no final, foram incorporados mais dois sucos, nomeadamente o suco *Mau-Nuno* e o suco *Cassa*, que se juntaram ao *Assolaúsi* e ao *Builoko Berteli*. A seguir, no tempo da guerra de Dom Boaventura, Manufahi incorporou também a zona de Hato-Udo ao território de Ainaro. Portanto, *An hin Pat An man Pat* passou a ser composto por quatro reinos.

A cerimónia *Tan-mat* era uma prática baseada na crença dos gentios (animistas), segundo a qual quando uma pessoa falecia e não se fazia a cerimónia tradicional, o seu espírito seria transformado num animal selvagem, que roubaria os alimentos que estavam nos quintais. Mas os antepassados acreditavam que também existia a governação do *Maromak* (Deus), por isso, para o espírito de um defunto entrar no Seu reino, era preciso sacrificar animais, como o *karau lulik* (búfalo sagrado), e entregar as suas carnes sagradas a *Maromak* (Deus), como o pescoço e a orelha, e os ossos aos tios e às suas casas sagradas, de modo a que fossem perdoados os pecados cometidos em vida.

O rito *Tan-mat*, é um prejuízo, porque, hoje em dia, as pessoas praticam-no como uma forma de negócio, o qual tem muitas exigências em termos materiais e financeiros. De facto, os tios dos defuntos (*umane*) pedem muito dinheiro e materiais à *Fetosan* (tias, sobrinhos, irmãs ou genros), pedidos que estão, geralmente, fora das suas capacidades. Assim, há mais desvantagens do que vantagens na prática deste ritual, pois os vivos aproveitam-se muito dele, e os mortos acabam por ser vítimas.

No rito *Tan-Mat* existe a prática da *Fetosan-Umane* como uma forma de colaboração, ou seja, com o objetivo de haver cooperação e ajuda entre os que a praticam: *Titis ba malu no kous ba malu*, como se diz em tétum.

A *fetosan-Umane* tem a vantagem, para os timorenses de todo o território do país, de ser uma forma que permite estabelecer o respeito entre as gerações de uma casa sagrada, para se reconhecer a sua linhagem, do 1º até ao 7º ou 8º grau, ao contrário dos ocidentais, que só reconhecem os primeiros três graus de uma geração.

Deste modo, o António sugere a todos timorenses ou governantes que protejam os valores positivos da prática da *Fetosan Umane* e diminuam os seus valores negativos.

O António disse: que o *Saubatár*, atualmente, não é a prática do *lulik*, mas apenas de uma cerimónia, porque antes de colherem o milho os agricultores assavam sete milhos verdes e levavam-nos para a Igreja, de modo a oferecerem-nos a Deus. Também os levavam para o *Bosok Lulik*, para fazerem uma cerimónia ritual e, no fim, a cerimónia do *Saubatár*, na casa sagrada.

A prática da cerimónia do *Saubatár* pode ser vista em dois sentidos:

1. como a oferta do alimento a Deus;
2. como a avaliação da quantidade de produtos recolhidos em cada ano, isto é, para saber se a recolha de menos produtos se devia ao clima ou a uma incorreta prática do ritual.

O rito de *Orsaian* é para o filho primogénito (do sexo masculino), que tem uma cerimónia mais especializada do que os outros, sendo feito através de uma pequena guerra (ilustração) entre dois grupos, isto é, o grupo chefiado pelo pai e o grupo dos assaltantes/convidados. Conheçam por atirar uns aos outros dejetos de cavalos e, depois, frutas, como goiabas, mangas e *kamí* (avelã). Chegam mesmo a atirar pedras, o que faz com que, muitas vezes, fiquem feridos. O objetivo desta cerimónia é o de ensinar à criança uma maneira de se defender a si e à sua família, quando for adulta.

Narrador : António Magno

Tópico : história, governação local e ritos

Espaço : na casa

Personagens: praticantes

Característica : história e descrição da prática dos rituais

Função : transmitir a história e os valores da cultura aos novos e preservar a tradição.

## TEXTO 4

Com base na tradição da comunidade Ainaro, *Saubátar* significa pedir licença ao *lulik* para colher e comer os produtos agrícolas da época (depois de um ano de produção). A cerimónia ritual do *Saubátar* acontece em vários lugares, nomeadamente no *Bosok lulik* e na *Uma Lulik*. Na sua primeira etapa, realiza-se no *Bosok lulik*, para onde os crentes levam milho verde, galinhas e ovos para assar e é feito para pedir licença ao sobrenatural (invisível). Na segunda etapa, realiza-se na casa sagrada (*uma lulik*) e o milho verde representa todos os alimentos. Na cerimónia, sacrificam-se alguns animais, como porcos, galinhas e cabritos, e as bebidas preparadas dependem do que se tem. O objetivo do *saubátar* na *uma lulik* é a contagem da linha da geração, seja homem ou mulher.

A vantagem do rito se realizar na casa sagrada é a de permitir reunir a sua geração e, assim, fortalecer os laços familiares no futuro. Quanto à desvantagem, se não se praticar o rito será perigoso para a geração, porque

se trata de uma crença e de uma tradição que é preciso cumprir. Por outro lado, se o *Saubátar* não for realizado, as gerações não se vão conhecer e não vão saber as suas origens.

Sobre a continuidade deste ritual nas novas gerações, é preciso haver uma proteção do Governo ou de um ministério relevante para conservar a nossa cultura e tradição, porque, através delas, poder-se-á fortalecer a nossa unidade e manter a nossa identidade.

Como um povo tem uma cultura e uma religião, os seus porta-vozes tradicionais dizem que, na colheita do milho, se deve fazer, em primeiro lugar, o rito no *bosok lulik* e na *uma lulik*. Depois, leva-se o milho para a Igreja, porque Deus deu-nos a terra, a casa e o fogo sagrados (*rai, uma no ahi*). Dentro da *uma lulik* existe uma cozinha e um fogão a lenha a que o étnico *mambae* chama *um nor áp* que tem uma conotação espiritual: quando os velhos fazem uma veneração na casa sagrada, pedem graças e bênçãos ao espírito do *Um nor Áp, Hát nor Rae* (Casa e Fogo, Pedra e Terra). Como já tinha dito, o milho representa todas as refeições e, sobretudo, vem de terra, tal como os homens, que, no fim, retornam à terra.

Relativamente ao *Orsaian*, de acordo com a tradição do povo de Ainaro, três noites depois de um bebé nascer é preciso fazer uma cerimónia para lhe lavar olhos, para o bebé seguir a tradição dos antepassados durante a sua vida. Os materiais necessários para esta cerimónia são a lenha sagrada (*ai lulik*), a água sagrada (*bé lulik*), uma pulseira fina (*kelu mutin*), sete bételles e sete arecas (para servir aos convidados). Os convidados devem colocar a pulseira fina dentro da água sagrada para, depois, a esfregarem nos olhos, de modo a terem uma boa visão.

Este rito é feito para anunciar aos vizinhos o nascimento de um bebé numa casa sagrada (*uma lulik/uma lisan*). Esta é a tradição que não será perdida, porque é considerada como uma herança dos antepassados. Por isso, pedimos ao Governo para dar apoio aos praticantes, de modo a poder-se preservar esta tradição na sociedade étnica *Mambae*, de Ainaro.

A cerimónia *Tan-mat* estabelece uma relação entre os defuntos de uma casa sagrada e aqueles que ainda estão vivos. No início, os filhos dos defuntos estabelecem um horário determinado para se encontrarem, com o objetivo de traçarem um plano para a cerimónia. Durante o processo de preparação da cerimónia, a *fetosan*, composto pela *kai-mai* (a tia de mais idade) e os *an-hine* (filhas e maridos/genros) recolhem búfalos, cavalos, cabritos, dinheiro, ouro e prata para entregar na *uma lisan*, a casa sagrada de onde são. Por sua vez, os *umane* recolhem porcos, Tais (roupas tradicionais), alimentos, tais como arroz, milho, carne de porco, e vinho, e também preparam os lugares para receber a *fetosan*.

A vantagem é a de permitir saber quantos *cai-mai/fetosan, umane* (filhos/filhas ou gerações) existem dentro de cada casa sagrada. A desvantagem desta tradição é a perda de tempo e de riqueza, na medida em que têm de se fazer várias ofertas durante a sua prática. Considero que este rito precisa de ser promovido, porque é igual à Páscoa, no sentido em que se recordam defuntos, portanto, sugiro que o Governo, através do Secretário de Estado da Cultura, dê o seu apoio, para o melhorar.

Narrador : Fernando Xavier.

Tópico : ritos do *Saubatar, Tan-mat, Orsaian e Tertota*.

Personagens : praticantes

Característica : tradição e costume.

Função : transmitir valores positivos aos mais novos.

## TEXTO 5

Antigamente, os nossos antepassados ensinavam-nos a respeitar as coisas em que não podíamos mexer, ordem á qual tínhamos de obedecer, sem questionar. Esta educação e ensinamentos morais eram considerados *lulik*. Com a presença do catolicismo, os missionários ou sacerdotes ensinaram-nos a doutrina de Deus (os dez mandamentos da Lei de Deus), por isso, são chamados *Amo Lulik*. E a Igreja também é uma *Uma Lulik*, a casa sagrada de Deus. Por isso, temos a obrigação de obedecer, simultaneamente, à Igreja e à tradição.

Sobre a *Fetosan-umane*, esta é uma prática cultural que tem valores positivos, como a preservação de uma estrutura familiar, através da cooperação mútua em eventos tradicionais, como no rito *Tan-mat*. Neste ritual há um intercâmbio das riquezas entre as famílias, por isso, há uma grande colaboração dos seus membros, de modo a poderem compensar os tios dos defuntos, já que têm a crença de que os pecados são perdoados e as almas vão para a casa de Deus (no céu) através das casas sagradas dos avôs/tios *umane*. O *Fetosan-umane* existe para que as gerações se possam conhecer umas às outras, sem limites, e para que possam reconhecer as suas origens.

O *Saubatar*, que é uma prática ritual que consiste numa cerimónia para agradecer ao sobrenatural, aos defuntos e também a Deus, sendo um ritual obrigatório de cada casa sagrada e das suas gerações. Nesta cerimónia colhe-se milho, colheita que pode acontecer em dois locais sagrados, numa *uma lulik* e num *bosok lulik*.

Em primeiro lugar, a cerimónia acontece no *bosok lulik*, que é localizado num lugar aberto. Neste evento, os agricultores levam milho verde, para assar, e animais, tais como galinhas e porcos, para matar, os quais oferecerem ao sobrenatural. Ao mesmo tempo, gritam “ooooo os rae ulu rat la rae io, napai gia rat nei nora nor ai tmua”, que significa *hoje, neste território, seja uma aldeia ou seja um suco, o tempo chega e toda a gente tem liberdade para a começar a comer milho verde e a fazer a colheita*.

Na segunda etapa, a cerimónia do *Saubatar* realiza-se na casa sagrada (*uma lulik/uma lisan*). Os velhos e os novos, e os descendentes de uma casa sagrada (*uma lulik*), têm a obrigação de participar na realização da cerimónia dentro da casa sagrada, com a família nuclear ou a família real. O objetivo deste rito é o de reunir a família grande, ou seja, serve para os seus membros fazerem uma avaliação das suas vidas durante o ano anterior, sobre os acontecimentos bons e maus que tiveram, tais como a maldição, a boa sorte e o rendimento da família. E, mais importante ainda, sacrificam-se os animais e fazem-se as refeições para dar comida aos objetos sagrados e mágicos (riquezas ou heranças dos antepassados), que simbolizam os espíritos dos antepassados e o sobrenatural.

Quanto ao *Tertota*, este não é uma cerimónia, mas acontece em qualquer cerimónia ritual. São as palavras ditas pelos que fazem o ritual, que pode ser bom ou mau dependendo das necessidades.

Narradores : Domingos Magno, João da Silva, Luís Marçal Magno e Rafael Pereira

Espaço : numa aldeia, onde quatro narradores se reúnem; eles têm as mesmas

ideias relativamente aos ritos.

Personagens : praticantes e crentes.

Característica : ritos, *lulik* e *fetosan-umane*

Função : transmitir valores positivos às novas gerações.

## TEXTO 6

Infelizmente, os antepassados não sabiam contar os séculos, portanto algumas cerimónias tradicionais deixaram de ser praticadas por não terem sido passadas de geração em geração.

Falamos sobre a cultura em geral, a que vem dos nossos antepassados, antes da chegada dos portugueses a Timor, altura em que os nossos avôs já formavam as estruturas culturais. Na visão do étnico de *bunak*, a história, antes da independência, já acontecia, isto é, os nossos antepassados já tinham governado o país três vezes. A primeira governação, de *Loro*, começou em Cupão (Timor Ocidental) e estendia-se até Timor Oriental. A seguir, houve uma guerra civil, chamada *Sina Muti Malaka-Nai Teka Malaka*, em que dois reis disputaram os seus poderes; por causa disso, o *Sina Muti Malaka* foi até ao território *Oebiku Wehali*, onde alguns dos seus habitantes se esconderam, levou um homem e uma mulher. O *Sinamuti* foi derrotado na guerra e ficou refém na parte ocidental de Timor, onde casou com uma mulher e se tornou o pastorinho dos cabritos. Além disso, ele lavrou uma terra para cultivar e, ao mesmo tempo, rezou (fez um rito) a Deus, dizendo que, se ele fosse o rei, deveria chover, naquele instante, na sua planta, e não na planta de outros. A verdade é que só choveu na planta dele (em Timor Oriental) e as outras partes ficaram secas.

Na época do milho verde, quando as cacatuas e os corvos o comiam, *Sinamuti* começou a falar com os pássaros e disse-lhes que, em vez de comerem o milho, deveriam levá-lo à pessoas, porque havia um grupo que discutia sobre a seca, devido à falta da chuva. De repente, o corvo levou o milho verde e deixou-o ao grupo, o que fez com que os seus elementos perguntassem uns aos outros de onde vinha aquele milho verde. Foram procurar o lugar onde chovia e, depois de o encontrarem, pediram para a chuva parar, e a chuva parou. O *Sinamuti* pediu às pessoas para beberem água e para cantarem e dançarem; também pegou na água e começou a regar as pessoas e, assim, começou a chover. Choveu durante sete dias e sete noites, por isso, as pessoas chamavam-lhe *Loro Babulu*. Depois disso, ele casou outra vez com a filha do *Nai Tada Malaka* (o Rei) na zona ocidental, e começou a formar a *Feto ne'en Kaut ne'en* (seis mulheres que eram consideradas como seis sacos), que regressou a Timor Oriental, por isso, ainda hoje se mantêm muitas tradições. Foi com base nesta história que se começou, no tempo em não havia chuva, a fazer uma cerimónia ritual para haver chuva.

Na área de Bobonaro, até ao reino de *Naitada Malaka- Sina Muti Malaka*, as mulheres tinham mais direitos do que os homens, mas como o rei casou com a sua sobrinha, o sistema passou a ser patriarcal, isto é, os homens tinham mais direitos, e as mulheres só tinham o direito de guardar a casa sagrada. Quando falamos sobre a cultura de Ainaro, como *sergala*, *semanu*, *tebedai* e *dahur*, este sistema sempre existiu. Por que razão os antepassados o criaram? Para haver respeito entre os reis e os reinos (povos). É por isso que a atitude de respeito ainda se mantém até à data.

Também queremos referir a *Fetosaa-Umane*, que ainda é hoje praticada, quer no étnico de *Mambae*, quer no de *Bunak*. Este ritual diz respeito à morte, ou seja, quando uma pessoa falece, é preciso montar a cavalo para ir a casa do tio que, depois disso, também vai montar a cavalo para ir visitar o sobrinho que faleceu. Nesta altura, o tio pede uma compensação, à qual se dá o nome de *golepel*, em *bunak*, que significa respeito. Além disso, a cerimónia antes mencionada refere-se ao casamento, pois, quando um rapaz e uma rapariga querem casar, é necessário haver a barlaque (dote), que é constituída por milhares ou milhões de dólares, cavalos, búfalos, ouro e prata, de modo a que ela não se possa apaixonar por outro rapaz, porque é proibido pela tradição, e deve manter-se o respeito.

O sentido principal do *Saubatár* pode ser comparado, na religião Cristã Católica, à celebração do Natal e do Ano Novo. Consiste em levar obrigatoriamente, uma vez por ano, alimentos ao *bosok lulik*, *uma lulik/uma lisan* para fazer o rito. De acordo com o étnico *Bunak*, no *Saubatár* deve prender-se a corda de palma no braço, porque se a corda cair ou for cortada, pode apanhar-se uma doença ou pode acontecer um desastre (segundo o mito). É sugerido, então, aos mais novos que não se esqueçam de praticar este ritual que os antepassados deixaram, para crescerem seguindo a sua própria cultura.

Podemos comparar o rito do *Saubatár* à ação de levar o milho verde à Igreja, pois têm o mesmo sentido, isto é, o de percorrer o caminho para chegar Deus. A prática depende das pessoas, ou seja, aquelas que não têm disponibilidade ou que são preguiçosas escolhem o caminho mais curto, levando apenas o milho verde à igreja, em vez de praticarem a cerimónia ritual (*Saubatár*). No entanto, é melhor fazer os dois rituais, na medida em que, antigamente, os antepassados já os praticavam (antes da chegada dos missionários portugueses), sendo, por isso, considerados como uma herança que os avós deixaram, a qual é melhor dar continuidade.

O que significa o *bosok lulik* e a *uma lulik*? Ambos são os lugares que os antepassados usavam para honrar e rezar a Deus (*Maromak*). Faziam-no de uma maneira diferente, mas a crença em Deus era igual. É de notar que este ritual não se celebrava apenas com o milho, mas também com outros alimentos, como o arroz. Na verdade, na época da colheita do arroz dourado, os agricultores faziam sempre o rito, que consistia em prender o caule do arroz dourado, pois havia uma crença de que a respiração dos defuntos se podia inserir lá, de modo a dar mais arroz. Acreditava-se que se não se praticasse este rito haveria menos produtos, portanto, de acordo com a tradição do étnico *bunak*, o rito do *Saubatár* fazia-se para todos os alimentos, incluindo a fruta. Os rituais tinham mais vantagens para os antepassados, porque os avós não cultivavam grandes áreas, em hectares, só pequenas áreas, por isso, a prática de rituais permitia aumentar a quantidade de produtos recolhidos por ano. No futuro, se os mais velhos continuarem a praticar frequentemente os ritos, garantirão a sua sobrevivência.

No suco Mau-nuno há duas *uma lisan/fukun*, nomeadamente as *uma lisan metan* e *mutin* (preto e branco), a *Uma Leolegu Thilikapa Hotgol* e a *Uma Manehitu*. Nesta duas *uma lisan*, quando uma pessoa falece, os *Oromou-Aileu* e *Fatu-meta Daga Mesa* levam ouro e prata para oferecerem à *fetosan-umane*.

A *Uma fukun/lisan* tem relação com o *Rai fukun/saren* (uma divisão territorial), porque ambos são considerados sagrados. Deus dá as Suas graças na terra, através dos *fukun* (sagrados), como o *rai fukun* (terra sagrada), para que os homens possam respeitar uns aos outros.

A *Uma lulik* é o local da realização do *Saubatár* e de qualquer tipo de cerimónia. Quando acontecia algum problema na aldeia e não havia solução, ia-se para a *uma lisan* (inicialmente para a *uma fukun*, *uma lulik* e *uma lisan*), que tinha as suas regras para a prática de rituais.

Os antepassados acreditavam que havia uma relação entre eles e Deus, a qual permitia que colhessem maiores quantidades de milho. Assim, quando se perdiam produtos, e não sabiam quem é que os tinha tirado, teria sido *Maromak* (Deus) ou *Rainain* (poder sobrenatural). Esta história é passada de boca em boca e, segundo uma das versões, havia uma voz no céu que disse: “Vocês plantam uma horta ou cultivam milho e, quando colhem alguns produtos, têm de os levar para a cerimónia, porque lá está Deus.” Porém, os gentios (aqueles que não foram batizados) também sabem que os alimentos vêm de Deus, porque é Ele que oferece a terra e a chuva que os fazem crescer. Por isso, todos os anos, as pessoas ou os agricultores levam milho verde ao *bosok lulik* (altar tradicional e sagrado), de modo oferecerem os alimentos a Deus.

Queremos referir-nos ao curandeiro, figura que, antigamente, substituíra os médicos que não existiam como hoje em dia. O que fazia o curandeiro? Através dos alimentos que referimos anteriormente, fazia o rito do *Saubatár* e, assim, Deus dava-lhe o poder para descobrir e ver ao longe o que uma pessoa comum não conseguia ver. O curandeiro podia fazer a *urat*, uma prática supersticiosa através da qual se poderia conhecer a causa ou o resultado de uma doença e, além disso, as situações em que as pessoas não obedeciam às regras de Deus.

Narrador : Nuno Bianco de Araújo.

Espaço : em Ainaro.

Personagens : os antepassados

Característica : história e lenda

Função : transmitir os valores da história e as lendas às novas gerações.

Quando perguntamos o que são os ritos ou a prática dos rituais com base no *lulik*, os mais educados consideram que são as práticas do animismo dos nossos antepassados. Hoje em dia, só podemos manter e preservá-los como tradição e como parte da cultura não é como uma crença. Porque acreditamos em Deus e na religião católica. Por outro lado, podemos preservar os valores positivos que têm vantagens para a nossa sobrevivência, nomeadamente para as futuras gerações, e deixar as desvantagens.

Os líderes tradicionais (analfabetos) consideram que os rituais e o *lulik* estão conotados com o respeito. Os nossos antepassados proibiam, por exemplo, que mexêssemos em determinadas coisas, ordem à qual tínhamos que obedecer, por isso, o *lulik* estava ligado aos ritos, (quando o comparamos com a doutrina católica, podemos dizer que é o equivalente dos dez mandamentos da lei de Deus).

Concluindo, queremos alertar os leitores, para o facto de, já não haver mais purificação ou a preservação das origens no que respeita à prática dos rituais como crenças dos nossos antepassados. Assim, os novos só vão praticar os ritos como um símbolo da

cultura e tradição: porque há influências fortes de três aspetos, nomeadamente da cultura cristã (religião formal), da ciência e da tecnologia. Para além disso, é notória a aculturação de imigrantes e os casamentos de mistura.

As afirmações de Dom Ximenes Belo (bispo timorense):

A prática do timorense de adorar o *lulik* será, no futuro, apenas uma prática cultural. Por exemplo, o povo japonês é um povo desenvolvido nas vertentes da ciência, tecnologia e civilização, mas retorna às suas origens no que respeita à cultura, isto é, os japoneses seguem os seus usos tradicionais para demonstrarem a sua identidade como povo japonês. Por isso, os timorenses também têm estas tradições, mas precisam de as purificar e aperfeiçoar.

Quando perguntámos ao bispo qual era a sua visão sobre os objetos sagrados e as casas sagradas (*uma lulik*) que foram benzidos por sacerdotes, Dom Carlos referiu que considerava o ato como uma cerimónia. Por outro lado, em Timor ainda existe a crença no *lulik*, que não evita as doenças, os desastres ou incidentes, e a morte, portanto os timorenses têm, também, uma mentalidade pagã, o que faz com que as duas crenças existam paralelamente. De facto, existe o termo Malefício, que significa que ainda há um *lulik* que ameaça os timorenses, que faz com que eles tenham medo, este sentimento que os obriga a adorar o *lulik*, a cumprirem a tradição.

## TEXTO 7

A seguir damos um exemplo concreto do ritual *Tan-mat* tendo em conta a transcrição de uma filmagem da cerimónia.

A comemoração para os defuntos é uma tradição que os étnicos *Mambae* têm obrigação de fazer, embora os defuntos já tenham morrido há muitos anos. Os *Mambae* chamam a este ritual *Tan-mat*.

A cerimónia a que assistimos foi comemorada em 2011 por setes irmãos, os quais queriam devolver os pais que faleceram às suas casas de origem ou casas sagradas (*uma lisan*), de onde tinham vindo. A seguir descrevemos o processo da cerimónia,

A preparação deste ritual dura cerca de seis meses, apesar de um mês antes, começarem a ser preparados, por exemplo, os materiais e as refeições. Estes preparativos fazem-se para receber os *Umane* e *fetosan* (*manefoun*) genro. De acordo com a tradição de cada *manefoun*, pode haver a obrigação de levar ofertas, tais como búfalos, dinheiro, vinhos, entre outra, para participar na cerimónia. O *umane* prepara uma espécie de cajado (um pau utilizado para conduzir os búfalos) onde põe o montante de dinheiro (*ós arbau essa*, em *mambae*), o qual é entregue como uma recompensa às

*fetosan*. Quando os celebrantes (os filhos) recebem a corda do búfalo, agarram-na fortemente, para que o búfalo seja sagrado, simbolizando a comida das terras e dos reinos que se juntaram nas sete *uma lisan*, no Sabagu Leopat (uma aldeia do suco Ainaro vilha).

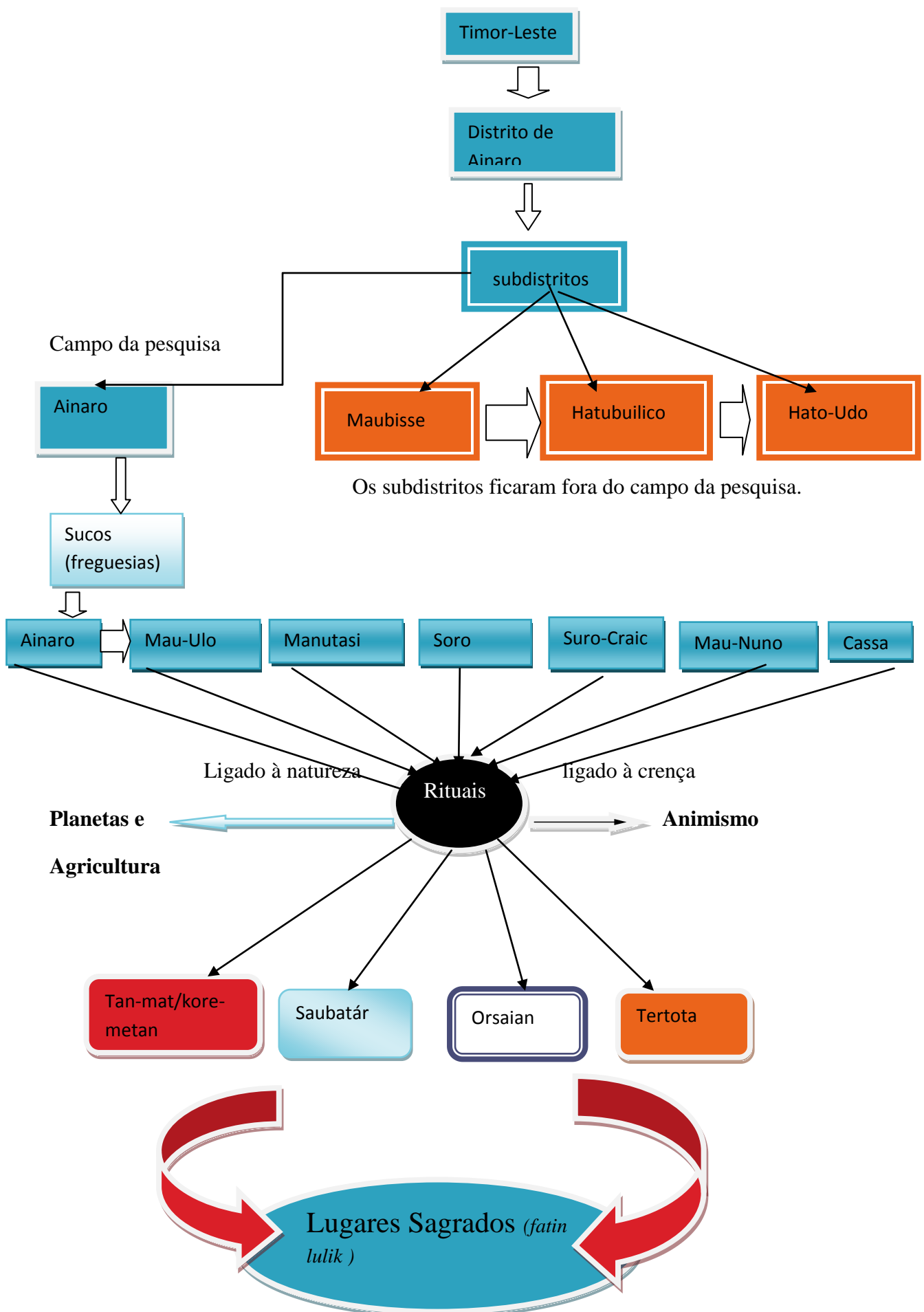
Depois de receberem os materiais, o *Umane* têm a obrigação de encaminhar a *fetosan* para os espaços que foram preparados e oferecem areca-bétele aos convidados, nomeadamente aos velhos e às crianças. A tradição de oferecer os materiais/coisas uns aos outros simboliza a consideração e o respeito. Depois de receberem as materiais, os celebrantes ou os filhos reconhecem as suas *fetosan*, dando-lhes refeições e carnes sagradas (*na'an talin lulik*) que foram preparadas previamente. Em cada bandeja estão sete pedaços de porco cortados, que representam os setes filhos, que querem demonstrar o seu respeito quando recebem as rainhas que apoiaram deram o seu apoio para a realização desta cerimónia ritual.

Quando acabaram as refeições, os irmãos celebrantes entregaram *Tais*, areca bétele à *fetosan* (irmãs), momento que corresponde à abertura da cerimónia, quando, os pratos dos defuntos ficam prontos para a prática do ritual. Após esta fase, os celebrantes vão chamar as *fetosan* uma por uma, ou em simultâneo, para apresentarem os materiais que levaram - como dinheiro e um medalhão de ouro (*belak mean*), chamada que obedecem a uma ordem: em primeiro lugar, a grande tia (*Kai-mai*), a seguir as irmãs ou os genros dos celebrantes (*manefoun*). Esta fase é realizada no primeiro dia da cerimónia, à meia-noite.

Na prática da *fetosan-umane* acontece uma negociação entre duas partes, por exemplo, se o *umane* pediu à *fetosan* para levar \$500, mas a *fetosan* apenas levou \$100, de acordo com as suas capacidades, não há qualquer problema. Por outro lado, se a *fetosan* considerar que o montante pedido pelo *umane* é demasiado elevado, os *umane sira* reconhecem-no. Se a negociação terminar à meia-noite é melhor, porque esta é a hora dos defuntos; em *mambae* diz-se *Lig nor maer, man it tou nam lao maer ni* (ligação aos defuntos, falamos sobre os defuntos). Na última parte da cerimónia/celebração, os celebrantes e os participantes acompanharam as carnes sagradas, o pescoço, a orelha e os ossos (costelas), à casa sagrada (*uma lisan*) dos tios e avôs, que era a casa de origem da mãe, o que simboliza o retorno dos defuntos à casa de Deus.



### C. O percurso da Pesquisa



O esquema acima apresentado indica o percurso da pesquisa e o alvo da investigação, a qual tem ligação com outros aspetos importantes.

No concerne aos lugares sagrados e aos materiais para a implementação dos cerimoniais rituais, apresentá-los-emos seguidamente:

O *Tan-Mat* e a *Kore-metan*, são cerimoniais rituais tradicionais, que consistem na comemoração do funeral de um defunto. Ambos têm lugar na casa sagrada (*uma lulik/uma lisan*), e a *kore-metan* termina no cemitério. Os materiais usados são os seguintes: animais, dinheiro, objetos mágicos, refeições, bebidas, entre outros.

O *Saubatár* é uma cerimónia ritual tradicional que acontece na época da colheita do milho, no *Bosok lulik* e na casa sagrada (*uma lulik/Uma lisan*). Os materiais necessários para a celebração são os animais, o milho verde, as refeições, as bebidas (que dependem do que se tem), as arecas, as bételes, as cales e os tabacos.

A *Orsaian* é uma cerimónia ritual tradicional que ocorre aquando do nascimento de um bebé, depois de três ou quatro dias. Celebra-se na *uma lulik* ou na casa da família, o que depende da situação e da condição que se tem. Os materiais usados são *ai lulik* (lenha sagrada), *be'e lulik* (água sagrada), as arecas, os bételes, as cales, a pulseira fina e as refeições para os convidados.

O *Tertota* é considerado como uma oração tradicional que se faz de modo a obter-se graças e sucesso. Formalmente, ocorre na *uma lulik*, *bosok lulik*, simultaneamente com as cerimónias dos ritos. Podemos dizer que a *tertota* significa rezar e rogar, onde e quando é necessário. Quando acontece na *uma lulik*, os velhos usam o *bua-malus* (areca-bétele) como o símbolo do espírito da *uma lulik* e dos antepassados.

#### D. Os aspetos positivos e negativos dos ritos

Número	Tipos dos Rituais		Aspetos positivos	Aspetos negativos	Observação
	Sociedade de Ainara	Sociedade norte-americana			
1.	O Saubatár		<p>1. Os espíritos sobrenaturais (invisíveis) sentem que têm a consideração humana;</p> <p>2. É benéfico para a colheita seguinte;</p> <p>3. Permite reunir as gerações na <i>uma lulik</i> para os seus elementos se conhecerem uns aos outros.</p>	Não há nenhuma desvantagem no ritual do <i>Saubatár</i> , mas, também não há nenhuma prova científica sobre a existência dos espíritos (invisíveis).	
2.	A Orsaian		<p>1. O bebé vai ser saudável, física e mentalmente, durante o seu crescimento;</p> <p>2. Os participantes vão ter uma boa visão.</p> <p>3. Reúnem-se os vizinhos para saberem que há um novo elemento na comunidade.</p>	Não há provas científicas sobre os pontos 1 e 2, por exemplo um teste de laboratório que examine física e mentalmente o bebé e os olhos das pessoas.	
3.	O Tan-mat/a Kore-metan		<p>1. Os filhos dos defuntos não se sentem sobrecarregados (sentem-se livres).</p> <p>2. Os pecados dos defuntos serão perdoados.</p>	<p>1. Perde-se muito tempo e gastam-se muitas riquezas na cerimónia;</p> <p>2. Pode ser um prejuízo devido ao que é pedido à <i>Fetosan</i> pelo <i>Umane</i>;</p> <p>3. Não há provas na Bíblia para justificar esta crença.</p>	
4.	A Tertota		<p>1. Acredita-se que garante a proteção do espírito invisível.</p> <p>2. Permite prevenir desastres e acidentes;</p> <p>3. Há esperança no sucesso;</p> <p>4. Há uma expectativa</p>	Depende da intenção do <i>Kukun nain</i> ou do orador. Quando havia uma intenção negativa, as maldições eram as seguintes: doenças, má sorte, infelicidade, entre outras.	

			de um futuro melhor		
5.		Eagle Dance (a Dança da Águia)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Criar amizade;</li> <li>2. Assegurar uma caça bem-sucedida;</li> <li>3. Garantir o sucesso na batalha;</li> <li>4. Curar as doenças;</li> <li>5. Criar a paz entre as tribos antagónicas.</li> </ol>	Não encontramos nenhum aspeto negativo nesta cerimónia.	
6.		Ghost Dance (a Dança Fantasma)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Acreditava que o uso das roupas iria dar proteção na batalha;</li> <li>2. Esta dança ritual unificava os povos indígenas, até mesmo as tribos com uma tradição de conflito.</li> <li>3. Sentia-se realmente a presença do espírito da dança.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A solidariedade de dos grupos assustou os oficiais do governo;</li> <li>2. Cheyennes e Sioux uniram-se para derrotar Custer;</li> <li>3. A maioria dos dançarinos do Espírito não abraçava o comportamento dos membros (bélicos).</li> <li>4. O governo também ficou com medo do poder espiritual da dança.</li> </ol>	
7.		The Sacred Pipe Ceremony (a Cerimónia do Cachimbo Sagrado)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Para obter ajuda e graças de <i>Wakan-Tanka</i> (o Grande Espírito).</li> <li>2. Para obter a paz e o amor, sobretudo para a sobrevivência humana.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Não há provas bíblicas sobre esta crença;</li> <li>2. Parece que haja é praticado no hinduísmo.</li> </ol>	

			3. De acordo com a lenda se orarem com o cachimbo sagrado, os nativos vão caminhar sobre a Terra, porque a terra é considerada como a avó ou a mãe sagrada. Assim, quando se reza quando rezar com o cachimbo, está se a horar por todas as pessoas.		
8.		Earth Healing Ceremony (a Cerimónia da Cura da Terra)	Através deste ritual pode-se curar qualquer doença, através do poder do espírito da natureza.	Há algumas evidências científicas que não suportam que através da cerimónia ritual se possa curar qualquer doença.	

De acordo com Dom Ximenes Belo, há vantagens nos rituais, por exemplo, quando estes se fazem há chuva, e as hortas e os campos de arroz dão bons produtos, em qualidade e quantidade. O mesmo existe na prática Cristã, que tem orações para pedir graças e a bênção de Deus para os produtos agrícolas. Neste sentido, ainda falta ser feito um estudo, especialmente dos sacerdotes, para analisar todas as questões relativas aos rituais, porque, até à data, do ponto de vista de Ximenes Belo, ainda ninguém aprofundou este aspeto.

Por outro lado, existem desvantagens. Apesar de os timorenses ainda praticarem as cerimónias rituais e ainda crerem no *lulik*, esta crença não evita as doenças, os desastres ou incidentes e a morte. Neste sentido, os timorenses têm uma mentalidade pagã, o que faz com que duas crenças existam paralelamente (a crença católica e a crença animista). De facto, existe o termo Malefício, que significa que ainda há um *lulik* que ameaça os timorenses, que faz com que eles tenham medo, sentimento que os obriga a adorarem o *lulik*, a cumprirem a tradição.

#### 4.1.2. As sequências, o tempo, os materiais, os espaços e as personagens da implementação dos ritos.

##### 4.1.2.1. Rituais cerimoniais do grupo étnico *Mambae* de Ainaro

###### a. O *Saubatár*

A sequência da cerimónia *Saubatár* é a seguinte: a primeira etapa acontece no início do cultivo do milho, entre outubro e novembro, sendo feita uma cerimónia simples dentro da horta ou no terreno de cultivo, durante três a quatro meses. Em segundo lugar, antes de se colher o produto, nos meses de março a abril, é preciso fazer uma cerimónia simples no *bosok lulik* (altar tradicional) com milho verde, galinhas, ovos e leitões, que são oferecidos de modo a ter licença do sobrenatural (invisível). Os participantes são os agricultores, na maioria homens, não se exigindo muito a participação da mulher. Em terceiro lugar, acontece a cerimónia final, realizada nas casas sagradas (*uma lulik/uma lisan sira*), a que chamamos *Saubatár*. Os participantes desta cerimónia são os velhos e as gerações de uma casa sagrada (*uma lulik/uma lisan*), nomeadamente os avôs, os tios, as tias, os pais, os/as irmãos/irmãs, os genros, as noras e as crianças. Para este ritual, é necessário levar animais, como porcos, galinhas e cabritos, arroz, milho verde, areca-bétele e cal (*bua-malus no ahu*) e dinheiro. Os objetos sagrados são as espadas e outros objetos mágicos que estejam na casa sagrada, que se chamam *KUKUN LULIK*, nos quais está um espírito vivo (invisível).

###### b. A *Orsaian*

A cerimónia da *Orsaian* é simples e é realizada quando o bebé nasce: três dias e três noites depois para o bebé do sexo feminino e quatro dias para o bebé do sexo masculino. Não há uma determinação da altura do ano em que deve ser feita, dependendo do nascimento do bebé. Os materiais necessários são o *ai-lulik* (lenha sagrada), *be'e lulik* (água sagrada), arecas, bételes, cal, tabaco, que formam um conjunto que é servido aos convidados. Os intervenientes nesta cerimónia ritual são o/a bebé, os pais, os/as irmão/irmãs, a pessoa que vai segurar no/na bebé, os tios e os avôs, não havendo vítimas.

###### d. O *Tan-mat/ a Kore-metan*

No que respeita à sequência deste ritual, normalmente as pessoas preferem realizá-lo no verão, porque está bom tempo para o *Tan-Mat*, mas, em relação à realização da *Kore-metan* depende, da altura em que ocorreu morte da pessoa, isto é, tem de acontecer um ano depois, no verão ou no inverno. Em primeiro lugar, os filhos dos defuntos reúnem-se na casa

sagrada para fazerem um plano da celebração. Em segundo lugar, de acordo com a reunião feita, fazem os convites ao *Fetosan* e *Umane* e, finalmente, realizam a cerimónia. Os participantes neste ritual são os celebrantes, tais como os filhos e as filhas dos defuntos, as irmãs e os maridos [*an hine nor manheu* (as filhas e os maridos) e as *Kai-mai* (as tias mais velhas e os seus maridos)], aos quais chamamos *Fetosan*, e os tios dos defuntos, que se chamam *Umane*. Saliente-se que os *umane* também poderão ser, por exemplo, os sogros dos filhos. Para além destes intervenientes referidos, há que destacar outros, nomeadamente as gerações das duas partes das casas sagradas de *Fetosan* e *Umane*, bem como convidados fora da linhagem. Os beneficiários deste ritual são os *Umane sira*, enquanto as vítimas são os filhos, filhas e irmãs dos defuntos, assim como os próprios defuntos.

De modo a saber melhor o significado dos termos *fetosan* e *umane*, vejamos a definição do Luís Costa,

*Fetosan* é parentesco por casamento; nome que a si mesmo dão os parentes do marido em relação aos da esposa. *Umane* é nome que a si mesmo dão os parentes da esposa em relação aos do marido. *Fetosan-Umane* é o conjunto de todos os parentes da esposa (que a si próprios se designam como *umane* do marido e de todos os seus parentes).// É o parentesco contraído entre duas famílias com o casamento.<sup>39</sup>

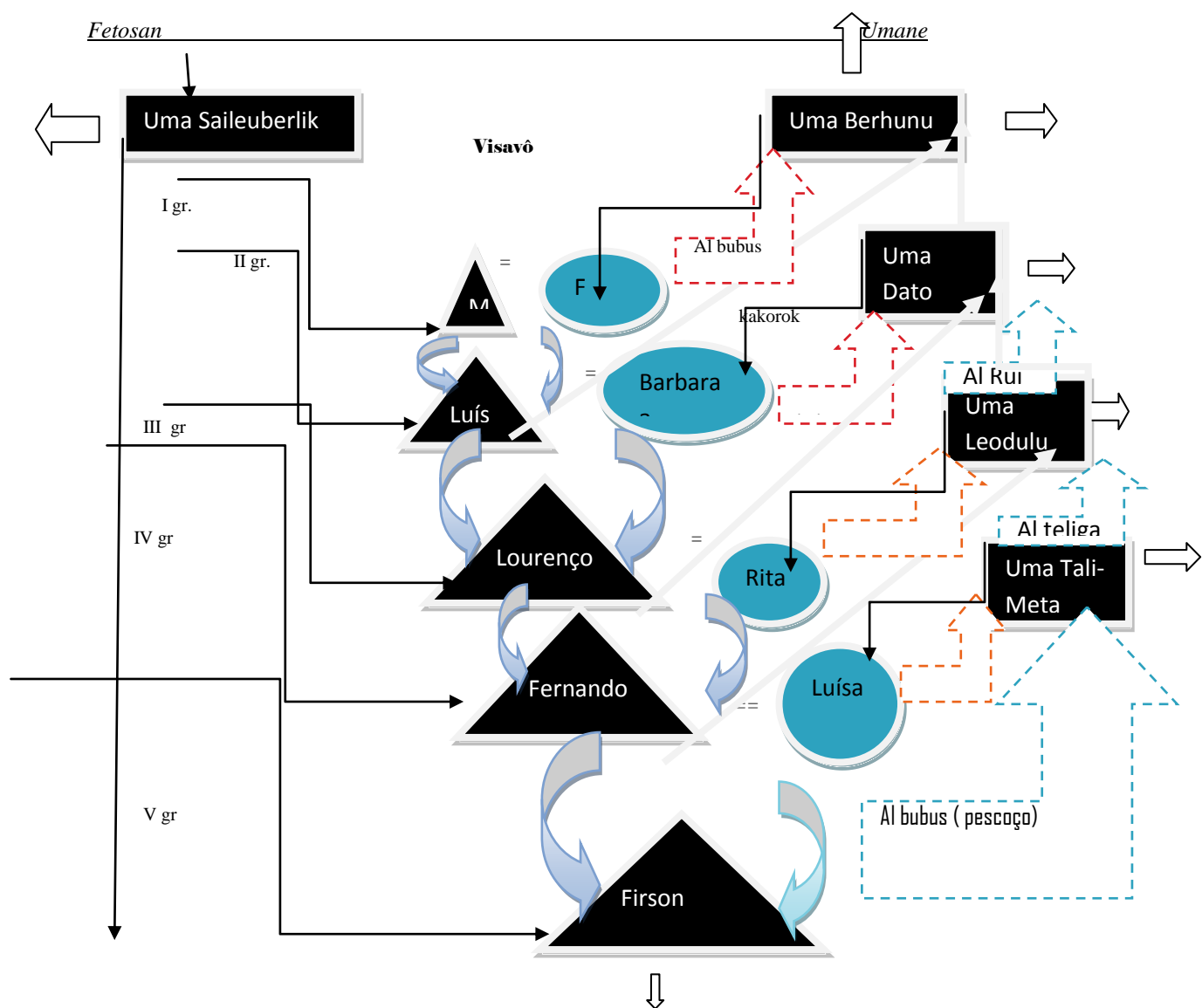
---

<sup>39</sup> COSTA, Luís. *Dicionário de Tétum-Português*. (Lisboa, Edições Colibri, 1945: 85 e 330).

O seguinte esquema mostra a sequência da prática da *fetosan* e do *umane* no rito de *Tan-mat /kore-metan*.

*Uma lisan/uma lulik*

*Uma lisan/uma lulik*



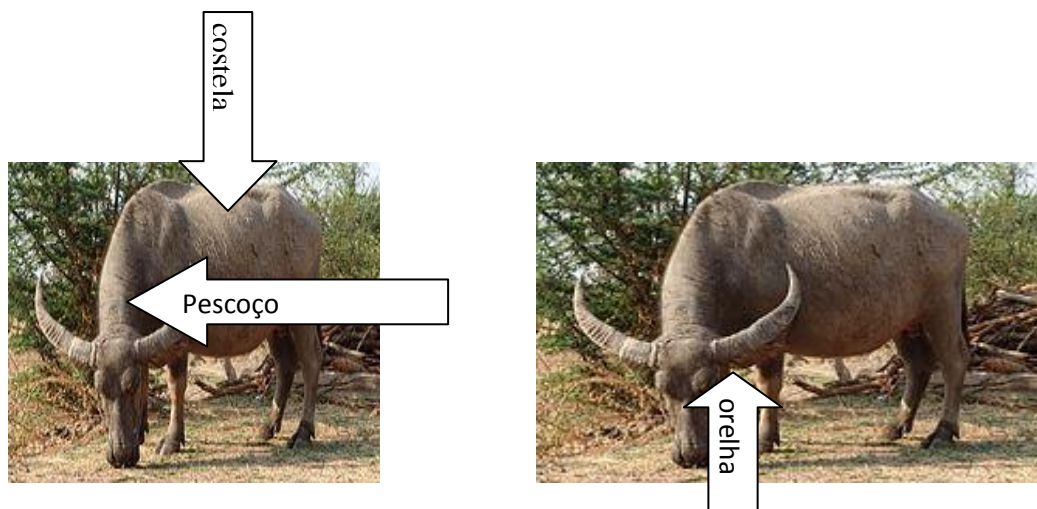
Para que serve esta estrutura? É para mostrar aos leitores e novas gerações como se pode identificar a linhagem apropriada para se entregarem as três partes da carne. A vantagem da prática do *Fetosan-Umane* é a de permitir que as novas gerações desta região conheçam os seus laços das famílias e que o reconheçam a linha da geração, de forma a manterem o respeito. Culturalmente, serve para saber quais são as casas sagradas do pai e da mãe.

Quando se pratica o rito *tan-mat*, o importante é matar o búfalo sagrado (*karau lulik*), que tem três partes importantes carne consideradas sagradas (*lulik*), nomeadamente o *al bubus* (em *mambae*, *simu na'an kakorok*, em tétum e recebe o pescoço, em Português), *al tliga*, (em *mambae*, *simu na'an tilun*, em tétum, recebe a orelha, em Português), *al rui* (em *mambae*,



*simu na'an ruin*, em tétum, recebe a costela, em Português). Para receber estas carnes sagradas estão presentes os três umane: *Nai bubus*, *nai teliga* e *nai rui*, em *mambae*.

Nas seguintes figuras do búfalo estão indica das três partes que constituem a carne sagrada:



Em baixo, surgem duas figuras que mostram as pessoas que levam o pescoço e a costela do búfalo aos avôs/tios *umane*, onde a *fetosan* está à espera para os receber.



e. A *Tertota* (*Liamulak*, em tétum) é uma oração que precisa de ser feita para pedir proteção, boa sorte e sucesso nas atividades diárias e felicidade para o futuro. Por outro lado, a oração faz-se de modo a parar os desastres naturais e a vencer uma batalha. Não há, por isso, uma altura estipulada para a realização deste ritual, depende das necessidades. As personagens que intervêm nesta cerimónia são os anciões da comunidade/líderes tradicionais, aqueles que guardam as casas sagradas (a que chamamos *Kukun-nain*) e os beneficiários. As vítimas deste ritual são aqueles que sofrem as consequências negativas de um ritual.

#### **4.2.2. As sequências, as necessidades, o tempo, o espaço e as personagens da atuação dos rituais cerimoniais dos nativos norte-americanos.**

##### **a. Eagle Dance Ceremony (a Cerimónia da Dança da Águia).**

A Dança da Águia fazia-se quando alguém de uma tribo sonhava com uma águia. Nesse caso, a comunidade organizava uma cerimónia logo que fosse possível, quando havia a necessidade de intervenção divina, nomeadamente para criar uma relação de amizade entre as tribos e para curar uma doença.

Os materiais utilizados eram as penas das águias e os tambores. A dança fazia-se em qualquer lugar e durante qualquer época do ano, sendo os intervenientes os elementos das tribos que acreditavam no poder do ritual, nos curandeiros e nos líderes espirituais. Os beneficiários do ritual eram as tribos, que se podiam tornar vítimas quando o espírito não aparecia para curar as doenças.

##### **b. Ghost Dance Ceremony (a Cerimónia da Dança do Espírito).**

A Dança do Espírito começou por ser uma cerimónia para a regeneração da terra e, posteriormente, passou a realizar-se para proporcionar aos cuidadores da terra a sua antiga vida de felicidade, isto é, realizava-se para deixar a vida antiga e passar a uma vida nova. Para além disso, através de um sonho, realizava-se para lembrar os irmãos e os parentes falecidos. Também se acreditava que, através desta dança, se podiam reunir os nativos que estavam no conflito e que se poderiam benzer os inimigos numa batalha.

Os materiais necessários para a cerimónia da dança eram camisas e vestidos usados por homens, mulheres e crianças. O ritual acontecia, preferencialmente, num quarto escuro, tendo como intervenientes todos os elementos das tribos – homens, mulheres e crianças, incluindo os anciões.

##### **c. The Sacred Pipe Ceremony (a Cerimónia do Cachimbo Sagrado).**

A cerimónia do Cachimbo Sagrado é muito simples. O tubo é carregado, através de uma pitada de cada vez, com tabaco ou tabaco misturado com ervas de cheiro doce, cascas e raízes, como *bayberry*, *bearberry*, artemísia, *lovage*, casca de salgueiro vermelho interior, casca de cereja selvagem, casca de salgueiro-branco, casca de bétula, e muitos outros materiais típicos de uma determinada área.

Nesta cerimónia, oferece-se uma oração para elevar as sagradas intenções ao Grande Espírito, ao Pai Céu e à Mãe Terra. As pessoas juntam-se para compartilhar o Cachimbo como uma poderosa medicina ancestral de cura; o tubo é passado de pessoa em pessoa, ao redor de um círculo, sendo o tabaco do cerimonial, normalmente, muito forte (é aquele que é usado na América do Norte).

Aquele que tem tubo, segura nele com a sua mão esquerda, na haste com a direita e aponta o tronco para o Oriente; asperge uma pequena quantidade de tabaco no chão, como oferta à Mãe Terra e ao Oriente; coloca uma pequena pitada de tabaco no cachimbo e diz algo como:

“O Oriente é vermelho, o Oriente é onde nasce a Estrela da Manhã, a Estrela do conhecimento, vermelha, e o Sol nascente, que nos traz um novo dia e uma nova oportunidade para aprender. Agradecemos ao Grande Espírito por cada dia em que nos é permitido viver na Terra Mãe sob o Céu Pai, *Tunkashila*. Oramos pelo conhecimento e pela paz.”

O titular do tubo vira-se para Sul e, novamente, dá o tabaco à Mãe Terra, continuando a carregar o cachimbo, e diz algo como:

"O Sul é amarelo. Amarelo é a cor da Primavera, do vento quente do Sul e do aro amarelo. Enquanto carregar este tubo, dou graças pela nossa força, crescimento e cura, que são trazidos pelo vento sul.

Usamos esta expressão na época de cultivar, de modo a que as sementes possam crescer para uma nova vida. "

As personagens deste ritual são os curandeiros e os membros das tribos (*Lakota*).

#### d. Earth Healing Ceremony (a Cerimónia da Cura da Terra).

Para este ritual, em primeiro lugar, faz-se uma preparação do lugar e dos materiais. Os materiais necessários são as ervas medicinais, as quais combinam religião (fé e crença) e espiritualidade. Os participantes deste ritual, que acontece nos lugares considerados sagrados (como a terra, a pedra, a montanha e o rio), são os curandeiros ou os oradores, enquanto as vítimas são as comunidades (as tribos): as crianças, os idosos, as famílias, os amigos, os prisioneiros, os doentes, os drogados, entre outras.

É importante identificar os lugares sagrados. Será que existirá ainda algum lugar para a tradição oral de rituais em Timor-Leste, no grupo étnico *Mambae* de Ainaro?

Acreditamos que sim, apesar da presença dos crentes nas religiões formais, tais como os Católicos, os Muçulmanos, os Protestantes e os Budistas, com os seus lugares sagrados para a prática dos cerimoniais, nomeadamente Igrejas, Mejid e Templos. Consideramos que estes lugares não são ameaças aos locais sagrados onde ocorrem as cerimoniais tradicionais

dos dois povos. Efetivamente, para o grupo étnico *Mambae*, de Ainaro, ainda existem lugares sagrados, nomeadamente a *Uma Lulik* (casa sagrada), onde acontecem os cerimoniais rituais do *Tan-mat*/da *Koremetan*, do *Saubatar*, da *Tertota* e da *Orsaian*.

O *Bosok Lulik* é um altar tradicional, construído em pedra, que está em frente de uma *Uma Lulik* ou na sombra de uma árvore. Serve para a cerimónia do milho verde, nomeadamente para o ato da *Tertota*. Além disso, as montanhas, as colinas, as rochas grandes, as figueiras são lugares sagrados para as orações aos Espíritos invisíveis, feitas, por exemplo, quando acontece um desastre natural, uma guerra, quando não há chuva ou quando o verão se prolonga. Hoje em dia, estes locais ainda são preservados como mostra e símbolo da cultura, sendo necessários, para além disso, para que se façam os rituais.

Além disso, para os timorenses em geral e para o grupo étnico *Mambae* em particular, como é que são consideradas as seguintes matérias: o tabaco, a areca, a bétele e cal juntos?

Estes componentes são considerados fundamentais na vida quotidiana em duas perspetivas. **Em primeiro lugar**, no aspeto ritual, os materiais são determinantes, tendo o sentido de oferta e de cumprimento ao poder da natureza e, para além disso, o respeito pela cultura e tradição do povo. Por outro lado, a areca e bétele são o símbolo do Espírito vivo para os crentes tradicionais.

**Em segundo lugar**, no aspeto social, os materiais são importantes para servir aos visitantes, amigos/colegas como forma de amizade e fraternidade, sendo utilizados de modo partilhado para mastigar e fumar. Antigamente, no encontro entre timorenses, em primeiro lugar eram mastigados e fumados estes materiais, depois bebia-se e comia-se.

#### 4.2.3. As Semelhanças e as diferenças

As semelhanças e as diferenças dos ritos da sociedade do subdistrito de Ainaro e dos índios nativos norte-americanos

Sociedade do subdistrito de Ainaro, TL	Sociedade dos índios nativos norte-americanos	Prática		Observação
		Semelhanças	Diferenças	
Saubatár Tertota	Eagle Dance	Existe um passáro, a Águia, que, em Timor, se chama <i>Makikit</i> ( <i>Naupai</i> , em <i>mambae</i> ), tal como na América do Norte, que se chama Eagle. As intenções da Dança da Águia são as seguintes: - criar amizades; - assegurar uma caça bem sucedida; - garantir o sucesso numa batalha ; -curar doenças. No ato da <i>Tertota</i> , as intenções também podem ser: -assegurar uma casa bem-sucedida; - pedir o sucesso numa batalha e; - curar doenças.	Para os nativos da América do Norte, a Águia é considerada como: - o Grande Pássaro Sagrado que tem o poder de Cura; - o animal telúrico, que tem conexão com o Mundo Divino; - o animal que tem uma influência material e espiritual. Por sua vez, para o grupo étnico <i>Mambae</i> de Ainaro, a Águia é considerada como um animal muito agressivo (rouba galinhas e leitões).	Para criar amizades e a paz entre as tribos e pessoas ou inimigos há outra tradição, que se chama “ Nahe Biti bot”.
<i>Orsaian</i>		Não há comparação.	Não há comparação.	Indígenas
<i>Tan-Mat</i>	The Sacred Pipe Ceremony	Existe um búfalo sagrado na lenda do Cachimbo Sagrado (na cerimónia ritual dos nativos da América do Norte) e também no ritual do <i>Tan-mat/Kore-metan</i> do grupo étnico <i>Mambae</i> de Ainaro.	No ritual <i>Tan-mat/kore-metan</i> , o búfalo sagrado é para sacrificar, enquanto na cerimónia do Sacred Pipe, o búfalo sagrado é considerado como o Deus ou o Grande Espírito, que oferece o tubo sagrado.	Ambos têm diferentes maneiras na sua prática.
<i>Tertota</i>	1.Earth Healing Ceremony	Na prática de ambos os rituais há atos de	Têm diferentes formas na sua	Indígenas

	2.Ghost Dance Ceremony	orar para pedir graças e forças ao Espírito de Deus, para garantir saúde e felicidade, e igual como o ato da <i>Tertota</i> .	prática. Por exemplo, no Ghost Dance (a Dança do Espírito) havia um conjunto de pessoas que dançavam e rodavam frequentemente. Mas, na <i>tertota</i> , o ancião ou o orador rezava ou orava e oferecia as coisas que eram necessárias no ritual, ou seja, não havia danças e os participantes apenas assistiam e ajudavam o ancião/orador.	
--	------------------------	---	---	--

As práticas rituais, têm o seu sentido religioso, mágico e mítico, de dois povos que têm vindo a ver as suas expressões de identidade grandemente ameaçadas pela globalização, em termos científicos e tecnológicos. De facto, nos séculos passados, ninguém pensava que, um dia, nas áreas remotas, haveria acesso facilitado aos meios de comunicação, à eletricidade, aos transportes e à construção moderna; além disso, não eram considerados os fenómenos de imigração e os casamentos de mistura. Ora, estas são circunstâncias que poderão ameaçar a pureza da cultura. Como é uma realidade da qual não nos podemos afastar, e como não é possível voltar atrás, há que encará-la e definir estratégias de preservação da cultura e identidade.

## CAPÍTULO V.

### CONCLUSÃO E SUGESTÕES

#### 5.1. CONCLUSÃO

A presente dissertação pretende ser um estudo comparativo entre os tipos de ritos cerimoniais tradicionais dos nativos da América do Norte e do grupo étnico *Mambae*, do subdistrito de Ainaro, em Timor-Leste (onde os antepassados eram animistas). Quando falamos sobre ritos, queremos conhecer mais profundamente os costumes e as tradições orais que talvez possam considerar-se como culturas indígenas, já que fazem parte da crença no animismo, pois os praticantes creem nos seus antepassados e no poder da natureza (dos espíritos invisíveis) através dos ritos tradicionais.

Além disso, foca-se nas práticas rituais, designadamente no seu sentido religioso, mágico e mítico, de dois povos que têm vindo a ver as suas expressões de identidade grandemente ameaçadas pela globalização, em termos científicos e tecnológicos.

Ao longo da nossa pesquisa, identificámos quatro tipos de ritos cerimoniais dos nativos da América do Norte, nomeadamente a Dança da Águia (Eagle Dance), a Dança do Espírito (Ghost Dance), a Cerimónia do Cachimbo Sagrado (The Sacred Pipe Ceremony) e a Cerimónia da Cura da Terra (Earth Healing Ceremony). Por outro lado, identificámos quatro tipos de ritos cerimoniais do grupo étnico *Mambae*, do subdistrito de Ainaro, como sendo os maiores rituais da sociedade, nomeadamente a cerimónia do *Saubatár*, a cerimónia da *Orsaian*, a cerimónia do *Tan-mat*/da *Kore-metan* e o ato da *Tertota*. Tínhamos o intuito de descobrir as principais semelhanças e diferenças entre as cerimónias, e chegámos à conclusão de que os ritos têm como semelhante a crença nos antepassados e nos espíritos do sobrenatural, que são considerados como os espíritos vivos (invisíveis), e que diferem nas formas como se praticam e nos materiais que são utilizados.

Do nosso ponto de vista, os cerimoniais rituais dos nativos norte-americanos são, naturalmente, algo que integra a tradição indígena, por isso, têm um papel importante na sobrevivência das tribos, quando comparadas com as outras tribos e grupos étnicos de outro continente ou região do mundo. Antigamente, os seus ancestrais eram animistas, conservadores e primitivos. Eram um povo independente, com os seus hábitos tradicionais, sem a influência de outros, que defendia fortemente a sua dignidade humana. Como povos animistas, têm uma relação íntima com a natureza, a qual é considerada como um fator

determinante em todas as vertentes, seja no aspeto físico, seja espiritualmente. Antigamente, os ritos eram considerados como atos e práticas religiosas dos nativos, de modo a venerar a poderosa natureza e os planetas que davam a vida. Acreditamos que, hoje em dia, algumas das tribos da América do Norte são Cristãos, católicas praticantes entre outra. Eles vão distinguir as diferenças entre as suas crenças ancestrais e tradicionais e o Cristianismo.

Na nossa investigação, identificámos que, nas cerimónias feitas na sociedade étnica, se mantinham os ritos tradicionais orais deixados pelos antepassados como heranças preciosas que não se poderiam abandonar. Porém, hoje em dia, os ritos são praticados de forma mais simples, não havendo uma purificação dos rituais como acontecia nos séculos passados.

No que respeita aos ritos timorenses, como o *Saubatár*, a *Orsaian*, o *Tan-mat/a Kore-metan* e a *Tertota*, estes são os rituais culturais que iluminam as atividades humanas relacionadas com as manifestações culturais de uma sociedade, neste caso do grupo étnico *Mambae*, do subdistrito de Ainaro. Na verdade, acreditamos que estas práticas rituais culturais estão relacionadas com os fenómenos da natureza, onde a beleza, a fertilidade, a chuva, entre outros, podem ser previstos através dos animais sacrificados, das arecas e bételes e dos objetos sagrados que são guardados nas *Uma Lulik sira*. Como não há provas científicas, estas cerimónias são vistas pelos estrangeiros, intelectuais e religiosos como atos estranhos e ilógicos, contra as doutrinas ou os ensinamentos da Igreja Católica. Assim, há duas visões diferentes, designadamente a dos letrados (intelectuais), neste caso da Igreja Católica (os religiosos), e a os não letrados, os praticantes dos ritos.

A prática dos ritos cerimoniais tem os seus pontos positivos e negativos. Os praticantes ou os crentes preservam os positivos como valores fundamentais da sua cultura e identidade, que devem ser transmitidos às futuras gerações, e deixam os negativos.

Finalmente, irão diminuir as práticas dos rituais no sentido religioso, mágica e mítico, porque as novas gerações consideram os ritos como manifestações da cultura e da identidade, e não como manifestação da crença em religiões formais.

## 5.2. SUGESTÕES

Os ritos são muito importantes para as tribos dos nativos norte-americanos e para o grupo étnico *Mambae* de Ainaro, em Timor-Leste, porque representam os valores fundamentais da cultura e da identidade de ambos os países. Portanto, pessoalmente, queremos aproveitar esta oportunidade para solicitar aos académicos que façam mais



investigações profundas nas áreas da cultura e literatura oral, para que os valores culturais não sejam extintos. De facto, apesar de Timor-Leste ser um país novo e pequeno, tem a sua cultura nas várias tradições étnicas. Solicitamos, então, a atenção e o apoio dos governos nas pesquisas e uma boa cooperação entre os académicos e intervenientes nas investigações científicas.

Aconselhamos, igualmente, que os praticantes (crentes) deixem as partes negativas das práticas dos rituais e preservem e desenvolvam os aspetos positivos para os transmitirem às futuras gerações como marcas da identidade de um povo.

## Bibliografia

- AMARANTE, Eduardo. *Universo Mágico e Simbólico de Portugal*. Projet Apeiron, Lda. Portugal, Portimão-Algarve, 1ª Edição-janeiro, 2013.
- BELO, Dom Carlos Filipe Ximenes. *Os Antigos Reinos de Timor-Leste. Reis de Lorosay e Reis de Lorothoba, Coronéis e Dados*. Porto Editora, 2013.
- BELO, D. Carlos Filipe Ximenes Belo. *DOM FREI MANUEL DE SANTO ANTÓNIO (Bispo Dominicano Expulso de Timor)*. Porto, Edições Salesianas, 2013.
- BROSS, Kristina. *Dry Bones. AND INDIAN SERMONS, Praying Indians in Colonial America*. New York, Cornell University Press, 2004.
- BROWN, Dee Alexandre. *BURY MY HEART AT WOUNDED KNEE. An Indian History of The American West*. New York, An Owl Book Henry Holt and Company, 1970.
- BROWN, Joseph Epes. *THE SACRED PIPE. Black Elk's Account of the Seven Rites of the Oglala Sioux*. London, The University of Oklahoma Press, seventh printing, 1988.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE. DILI, Direcção Nacional dos Direitos de Cidadania, 2007.
- COSTA, Luís. *Dicionário de Tétum-Português*. Lisboa, Edições Colibri, 2000.
- DOWD, Gregory Evans. *A Spirited Resistance. The North American Struggle for Unity, 1745-1815*. Baltimore and London. The Johns Hopkins University Studies in Historical and Political Science 109<sup>th</sup> Series, 1991.
- DURAND, Frédéric. *HISTÓRIA DE TIMOR-LESTE DA PRÉ-HISTÓRIA À ACTUALIDADE*. LISBOA-PORTO. Lidel-Edições técnicas,lda, segunda edição, 2009.
- DURAND, Frédéric. Traduzido por MENDES, Pedro Rosa. *TIMOR-LESTE PAÍS NO CRUZAMENTO DA ÁSIA E DO PACÍFICO. UM ATLAS HISTÓRICO-GEOGRÁFICO*. LISBOA-PORTO. Lidel-Edições técnicas,lda.. 2010.
- DURAND, Frédéric. *TIMOR-LESTE no Mundu, e o Mundo, and the World*. Dili, Timor-Aid Editions Arkuiris, 2012.
- ERDOES, Richard and ORTIZ Alfonso. *AMERICAN INDIAN MYTHS AND LEGENDS*. New York. Pantheon Books, a division of Random House, Inc. 1939.
- ERIC FONER & JOHN A. Garraty. *The Reader's Companion to American History*. Boston. Thoughton, Miffling Co, 1991.
- ESPERANÇA, João Paulo T. *Primavera de 1996*. Ópio—Revista da Associação da Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1996.
- GENNEP, Arnold Van. *THE RITES OF PASSAGE*. Translated by MONIKA B. VIZEDOM and GABRIELLE L. CAFFEE. Chicago. The University of Chicago Press. 1960.

- GUNN, Geofferey C. *HISTORICAL DICTIONARY OF EAST TIMOR*. Toronto, UK. The Scarecrow Press, Inc., 2011.
- HAUPTMAN, Laurence M and WHERRY, James D. *THE PEQUOTS IN SOUTHERN NEW ENGLAND. Rise of an American Indian Nation*. Norman and London. University of Oklahoma Press: first edition, 1990.
- HAVELOCK, Aric Alfred. *The Muse Learns to Write. Reflections on Orality and Literacy from Antiquity to the Present*. New Haven. Yale University Press, 1986.
- HICKS, David. *ROH ORANG TETUM DI TIMOR-TIMUR, Titlo original: TETUM GHOST AND KIN*: Jakarta. Penerbit Sinar Harapan, Mayfield Publishing Company, 1976.
- HORTA, José Ramos. *FUNU. The Unfinished Saga of East Timor*. Trenton .The Red Sea Press, 1996.
- LEANDRO, Garcia, Tem. Gen. et al. *TIMOR UM PAÍS PARA O SÉC. XXI*. Porto . Instituto de Altos Estudos Militares-Universidade Católica Portuguesa, 2000.
- LOWENSTEIN, Tom. *Mother Earth Father Sky, Native American Myth*. London. Duncan Baird Publishers, 1997
- OLIVEIRA, Luna de. *TIMOR na História de Portugal*. Lisboa. Fundação Oriente, Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD), Volume I, 2004.
- OLIVEIRA, Luna de. *TIMOR na História de Portugal*. Lisboa. FUNDAÇÃO ORIENTE. Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD), Volume II, 2004.
- OLIVEIRA, Luna de. *TIMOR na História de Portugal*. Lisboa. Fundação Oriente. Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD), Volume III, 2004.
- ONG, Walter J . *Orality and Literacy, The Technolizing of the Word*. New York, T.J.Press , 1982.
- ONG, Walter. J. *Orality and Literacy*. London. Methuen & Co. Ltd., 1988.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais Ontem e Hoje/Mariza Peirano-Rio de Janeiro*. Brazil. Jorge Zahar Ed, 2003.
- RAMÍREZ, Susan Berry Brill. *Contemporary American Indian Literatures & the Oral Tradition*. Tucson. The University of Arizona Press, 1999.
- TASHAKKORI, Abbas, TEDDLIE, Charles. *Handbook of Mixed Methods in Social & Behavioral Research*. California. Sage Publication, Inc., 2002.
- TRAUBE, Elizabeth G. *Cosmology and Social Life: Ritual Exchange Among the Mambae of East-Timor*. Chicago and London. The University of Chicago Press, 1986.
- TURNER, Frederick. *THE PORTABLE NORTH AMERICAN INDIAN READER*. London. Penguin Books Ltd, 1977.
- TURNER, Victor. *The Ritual Process. Structure and Anti-Strucutre*. New York, Aldine de Gruyter, 1969.

WIGET, Andrew. *Native American Literature*. New Mexico State University. Boston. G.K. Hall & Company, 1985.

Artigos / Documentos Online:


- BRANDÃO, Constantino da C.C.X. Escollano. Culture and its Impact on Social & Community life. A Case Study of Timor-Leste. Belun & Center for International Conflict Resolution. 2008,p. 6, 16-17. Fonte: <http://www.cicr-columbia.org/wp.content/uploads/2>. Acesso em 20 de Novembro de 2012.
- HULL, Geoffrey. *The Languages of East Timor*. Instituto Nacional de Linguística Universidade Nacional de Timor Lorosa'e. Some Basic facts. (Revised 9.2.2002).  
Fonte:[http://www.portphillip.vic.gov.au/default/CommunityGovernanceDocuments/ The Languages of East Timor Some Basic Facts.pdf](http://www.portphillip.vic.gov.au/default/CommunityGovernanceDocuments/The%20Languages%20of%20East%20Timor%20Some%20Basic%20Facts.pdf). Acesso em: 5 de novembro de 2012.
- RAMOS, José Luís Costa e MENEZES, Maria do Rosário. *Ritual do Cuidar de Idosos com Demência de Alzheimer*. Revista de Divulgação (2 de setembro de 2010:62). Fonte: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>. Acesso em 6 de maio de 2013.
- TASHAKKORI, Abbas & TEDDLIE, Charles. *Handbook of Mixed Methods in Social & Behavioral Research*. (SAGE Publication, Inc. California. 1998). Fonte: <http://www.google.com/books>. Acesso em: 17 de novembro de 2011.

## Anexos.


### Síntese e justificação dos anexos

Nota: Julgamos importante, para uma melhor compreensão do leitor, fazer aqui um breve apontamento dos anexos.

### O texto das entrevistas

N ú.	(Nome) Informadores	Ritos		Opiniões/narrações	Fotografias
		Quantidade	O tipo de rito		
1.	António Araújo	1	<b><i>O ritual do Tan-mat/da Kore- metan</i></b>	<p>Quando falamos sobre cultura, sabemos que há várias tradições. Aqui, queria abordar a prática do rito <i>tan-mat</i>, relacionando-o com a <i>fetosan-umane</i>. Quando uma filha se vai casar, significa que ela sairá para outra <i>uma lisan</i>; a casa sagrada do marido é chamada <i>fetosan</i>, e os pais e irmãos são chamados <i>umane</i>. Normalmente, uma filha, quando fica noiva, entrega muitas riquezas ao futuro marido, às quais chamamos <i>barlaque</i> (dote) o que, de acordo com a tradição, serve para estabelecer uma nova família. Quando eles têm filhos é maravilhoso, será um grande sucesso no progresso da geração das duas casas sagradas (<i>uma lisan</i>). Quando, um dia, a filha ou a mãe falece, o marido, os filhos e a família dentro da casa sagrada têm o dever de fazer o rito <i>Tan-mat</i>, para matarem o búfalo sagrado (<i>karau lulik</i>), de modo a entregarem-se o seu pescoço aos pais, como o símbolo do corpo que irá reintegrar a sua casa sagrada. É de notar que também se consideram sagradas outras duas partes do búfalo, como a orelha e a costela.</p> <p>Quando os filhos morrem também se faz o rito do <i>tan-mat</i>: matam-se búfalos sagrados e entregam-se os pescoços aos tios e avós (que são</p>	 Educado


			<p>chamados <i>umane</i>), com o sentido de os reintegrar na casa sagrada de onde a mãe vem. No ato de entregar do pescoço, das outras carnes e riquezas, os <i>umane sira</i> retribuem com os <i>fahi-tais</i> (porcos e roupas tradicionais). De acordo com o António, há três tipos de <i>umane</i>, nomeadamente os pais e irmãos (<i>umane</i> em 1º grau), que têm o direito ao pescoço do búfalo; os tios ou os irmãos da mãe (<i>umane</i> em 2º grau), que têm o direito à orelha da carne; e o avô ou o tio da mãe (<i>umane</i> em 3º grau), que têm o direito à costeleta/ossos da carne.</p> <p>Na visão dos <i>Mambae</i>, quando, numa família, morre a mãe, os seus filhos e marido fazem o ritual. Estes são recebidos pelo pai e irmãos da mãe/esposa com as seguintes palavras: agora que Deus chamou a vossa mãe/esposa para regressar à Sua casa, vocês trazem-na, assim como aos símbolos que são a carne sagrada e algumas riquezas, para a voltar a entregar na sua casa sagrada (<i>Um Hatbei</i>). Nós recebemos as vossas riquezas e respondemos com <i>fahi tais</i> (porco e roupas) e deitamos água fresca sobre a carne sagrada, com um símbolo de boas vindas e de desejo de um futuro próspero. Fazemos esta prática da tradição <i>fetosan-umane</i> de modo a respeitarmo-nos uns os outros, para seguir a tradição deixada pelos nossos antepassados, para que não a esqueçamos.</p> <p>Usamos a palavra <i>fetosan-umane</i> para representar o reconhecimento das famílias que fazem parte de cada <i>uma lisan</i> – tio/tia, avô/avó, irmãos/irmãs –, sendo um sinal de eterno respeito entre as duas <i>uma lisan</i>.</p> <p>Este ritual tradicional tem mais vantagens do que desvantagens, porque, através da <i>fetosan-umane</i> mantem-se o respeito no casamento, sendo respeitadas as regras. Quanto à desvantagem do ritual <i>tan-mat</i>, quando os filhos dos defuntos deixam de o praticar, os tios e avôs vão pedem uma maldição (o <i>tertota</i>), porque acreditam que as almas dos defuntos continuam a viver mal no</p>	
--	--	--	--	--


				<p>outro planeta, e os filhos têm a obrigação de fazer o rito. Ora, quando os tios e os avôs fazem o <i>tertota</i> os filhos dos defuntos sofrem uma maldição e passarão a viver infelizes.</p> <p>O <i>umane</i> que receber o pescoço do búfalo está a receber a cabeça do defunto. Neste caso, entrega-o utilizando um cavalo como transporte e tendo também uma faca que se chama <i>nerhati</i>, a qual será utilizada pelos tios para cortar a carne ou o pescoço do búfalo. A continuação da prática deste ritual depende da vontade dos mais velhos, isto é, se querem transmitir aos mais novos que a prática da tradição é uma obrigação. Na verdade, quando os timorenses não seguem a tradição, têm um grande sentimento de culpa.</p>	
2.	António Magno	4	<b>História de Ainaro.</b>	<p>A nossa terra, o Suro Ainaro, tem a sua própria história, quando comparada com os outros distritos de Timor, porque antes da colonização portuguesa já tinha o seu governo tradicional, que se chamava <i>An hin Pat An man Pat</i> (quatro filhas e quatro filhos), estando estabelecidos os dois Reis, que eram o Rei <i>Metan</i> e o Rei <i>Mutin</i> (preto e branco), que começaram a sua governação nos sucos Suro-Craic, Soro, Nunu-Moge, Mau-ulo e Ainaro.</p> <p>Naquele momento, viviam num ambiente apertado, numa pequena área com uma população limitada. Por isso, os avôs tentavam dominar mais áreas através da guerra, de geração em geração, até à 7ª geração. Em relação à guerra, em <i>mambae</i>, diz-se que: <i>Funu rat nó gia od mai bua gia od kida</i>, o que significa que quando se começa uma guerra, se plantam, ao mesmo tempo, coqueiros e arequeiras é que, até as plantas velhas não darem mais frutas, a guerra permanecerá. O objetivo da guerra era o alargamento do território, o qual foi conseguido, pois, no final, foram</p>	 <p>Educado</p>

			<p>incorporados mais dois sucos, nomeadamente o suco <i>Mau-Nuno</i> e o suco <i>Cassa</i>, que se juntaram ao <i>Assolaúsi</i> e ao <i>Builoko Berteli</i>. A seguir, no tempo da guerra de Dom Boaventura, Manufahi incorporou também a zona de Hato-Udo ao território de Ainaro. Portanto, <i>An hin Pat An man Pat</i> passou a ser composto por quatro reinos.</p> <p><b>O ritual do Tan-mat.</b></p> <p>A cerimónia <i>Tan-mat</i> era uma prática baseada na crença dos gentios (animistas), segundo a qual quando uma pessoa falecia e não se fazia a cerimónia tradicional, o seu espírito seria transformado num animal selvagem, que roubaria os alimentos que estavam nos quintais. Mas os antepassados acreditavam que também existia a governação do <i>Maromak</i> (Deus), por isso, para o espírito de um defunto entrar no Seu reino, era preciso sacrificar animais, como o <i>karau lulik</i> (búfalo sagrado), e entregar as suas carnes sagradas a <i>Maromak</i> (Deus), como o pescoço e a orelha, e os ossos aos tios e às suas casas sagradas, de modo a que fossem perdoados os pecados cometidos em vida.</p> <p>O rito <i>Tan-mat</i>, é um prejuízo, porque, hoje em dia, as pessoas praticam-no como uma forma de negócio, o qual tem muitas exigências em termos materiais e financeiros. De facto, os tios dos defuntos (<i>umane</i>) pedem muito dinheiro e materiais à <i>Fetosan</i> (tias, sobrinhos, irmãs ou genros), pedidos que estão, geralmente, fora das suas capacidades. Assim, há mais desvantagens do que vantagens na prática deste ritual, pois os vivos aproveitam-se muito dele, e os</p>	
--	--	--	---	--




			<p>mortos acabam por ser vítimas.</p> <p>No rito <i>Tan-Mat</i> existe a prática da <i>Fetosan-Umane</i> como uma forma de colaboração, ou seja, com o objetivo de haver cooperação e ajuda entre os que a praticam: <i>Titis ba malu no kous ba malu</i>, como se diz em tétum.</p> <p>A <i>fetosan-Umane</i> tem a vantagem, para os timorenses de todo o território do país, de ser uma forma que permite estabelecer o respeito entre as gerações de uma casa sagrada, para se reconhecer a sua linhagem, do 1º até ao 7º ou 8º graus, ao contrário dos ocidentais, que só reconhecem os primeiros três graus de uma geração.</p> <p>Deste modo, o António sugere a todos timorenses ou governantes que protejam os valores positivos da prática da <i>Fetosan Umane</i> e diminuam os seus valores negativos.</p> <p>O António disse: que o <i>Saubatár</i>, atualmente, não é a prática do <i>lulik</i>, mas apenas de uma cerimónia, porque antes de colherem o milho os agricultores assavam sete milhos verdes e levavam-nos para a Igreja, de modo a oferecerem-nos a Deus. Também os levavam para o <i>Bosok Lulik</i>, para fazerem uma cerimónia ritual e, no fim, a cerimónia do <i>Saubatár</i>, na casa sagrada.</p> <p>A prática da cerimónia do <i>Saubatár</i> pode ser vista em dois sentidos:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. como a oferta do alimento a Deus;</li> <li>2. como a avaliação da quantidade de produtos recolhidos em cada ano, isto é, para saber se a recolha de menos produtos se devia ao clima ou a uma</li> </ol>	
--	--	--	---	--

			<b>O ritual da Orsaian</b>	<p>incorreta prática do ritual.</p> <p>O rito de <i>Orsaian</i> é para o filho primogénito (do sexo masculino), que tem uma cerimónia mais especializada do que os outros, sendo feito através de uma pequena guerra (ilustração) entre dois grupos, isto é, o grupo chefiado pelo pai e o grupo dos assaltantes/convidados. Conheçam por atirar uns aos outros dejetos de cavalos e, depois, frutas, como goiabas, mangas e <i>kamí</i> (avelã). Chegam mesmo a atirar pedras, o que faz com que, muitas vezes, fiquem feridos. O objetivo desta cerimónia é o de ensinar à criança uma maneira de se defender a si e à sua família, quando for adulta.</p>	
3.	Alarido dos Reis	2	<b>A governação indígena antes da presença do governo português</b>	<p>Antes da colonização portuguesa, já existia a governação indígena, aliás, um governo tradicional. No distrito de Ainaro, começou com o Regulo do Rei Mal-meta (Tais-metan, em tétum, que significa roupa preta). Como a sua governação era muito rigorosa e ditatorial, os líderes comunitários decidiram substituí-lo pelo Rei Mal-buti (Tais-mutin, em tétum, que significa roupa branca) até à implementação da governação moderna, como a portuguesa e a indonésia.</p>	 <p>Educado</p>
			<b>Lenda/mito</b>	<p>Apresentamos, agora, outra história sobre um casal (<i>Tata man nor tata hin id, em mambae</i>), composto por um avô e uma avó, que moravam perto da planta <i>Kalik</i>. Como não havia fogo para cozinhar, o velho ordenou à velha que subisse lá a cima (céu) para ir buscar lume. No entanto, quando chegou lá, a avó encontrou uma multidão numa grande festa para assassinar uma menina grávida. A avó não aceitou que ela fosse assassinada, portanto, saiu e foi diretamente para o curral dos búfalos,</p>	


				<p>onde encontrou um búfalo que estava a defecar e a urinar ouro e prata. Seguidamente, embrulhou e amarrou o ouro e a prata na cintura e voltou para junto da multidão, mas, como o ouro e a prata tinham um cheiro desagradável, as pessoas ordenaram-lhe que os deitasse fora. Ela disse que não o podia fazer, porque era um remédio, e perguntou-lhes onde estava a menina grávida. Responderam-lhes que a menina estava na cela e que iria ser morta, por ser muito malcheirosa. A velha decidiu visitá-la, sem saber porquê. Acabou por ajudar no parto da mulher e, quando o bebé nasceu, houve uma grande chuva, trovões e ventos, devastadores. O velho (avô), que estava à espera na terra achou que a avó estava a demorar muito, por isso, zangou-se, levantou-se e cortou a planta ou o <i>kalik talin</i> (<i>holou tali</i>, em <i>mambae</i>). A partir desse momento, houve uma separação da terra e do céu, isto é, o céu ficou longe da terra, até ao presente.</p>	
4.	Domingos Magno	1	<p><b>O <i>lulik</i>, <i>Tan-mat</i> e o <i>Fetosan-Umane</i>.</b></p>	<p>Antigamente, os nossos antepassados ensinavam-nos a respeitar as coisas em que não podíamos mexer, ordem á qual tínhamos de obedecer, sem questionar. Esta educação e ensinamentos morais eram considerados <i>lulik</i>. Com a presença do catolicismo, os missionários ou sacerdotes ensinaram-nos a doutrina de Deus (os dez mandamentos da Lei de Deus), por isso, são chamados <i>Amo Lulik</i>. E a Igreja também é uma <i>Uma Lulik</i>, a casa sagrada de Deus. Por isso, temos a obrigação de obedecer, simultaneamente, à Igreja e à tradição.</p> <p>Sobre a <i>Fetosaa-umane</i>, esta é uma prática cultural que tem valores positivos, como a preservação de uma estrutura familiar, através da cooperação mútua em eventos tradicionais, como no rito <i>Tan-mat</i>. Neste ritual há um intercâmbio das riquezas entre as famílias, por isso, há uma grande</p>	 <p>Analfabeto</p>

			colaboração dos seus membros, de modo a poderem compensar os tios dos defuntos, já que têm a crença de que os pecados são perdoados e as almas vão para a casa de Deus (no céu) através das casas sagradas dos avôs/tios <i>umane</i> . O <i>Fetosaa-umane</i> existe para que as gerações se possam conhecer umas às outras, sem limites, e para que possam reconhecer as suas origens.	
		<b>O ritual do Saubatár</b>	<p>O <i>Saubatar</i>, que é uma prática ritual que consiste numa cerimónia para agradecer ao sobrenatural, aos defuntos e também a Deus, sendo um ritual obrigatório de cada casa sagrada e das suas gerações. Nesta cerimónia colhe-se milho, colheita que pode acontecer em dois locais sagrados, numa <i>uma lulik</i> e num <i>bosok lulik</i>.</p> <p>Em primeiro lugar, a cerimónia acontece no <i>bosok lulik</i>, que é localizado num lugar aberto. Neste evento, os agricultores levam milho verde, para assar, e animais, tais como galinhas e porcos, para matar, os quais oferecerem ao sobrenatural. Ao mesmo tempo, gritam “ooooo os rae ulu rat la rae io, napai gia rat nei nora nor ai tmua”, que significa <i>hoje, neste território, seja uma aldeia ou seja um suco, o tempo chega e toda a gente tem liberdade para a começar a comer milho verde e a fazer a colheita</i>.</p> <p>Na segunda etapa, a cerimónia do <i>Saubatar</i> realiza-se na casa sagrada (<i>uma lulik/uma lisan</i>). Os velhos e os novos, e os descendentes de uma casa sagrada (<i>uma lulik</i>), têm a obrigação de participar na realização da cerimónia dentro da casa sagrada, com a família nuclear ou a família real. O objetivo deste rito é o de reunir a família grande, ou seja, serve para os seus membros fazerem uma avaliação das suas vidas durante o ano anterior, sobre os acontecimentos bons e maus que tiveram, tais como a maldição, a boa sorte e o rendimento da família. E, mais importante ainda, sacrificam-se os animais e fazem-se as refeições para dar comida aos objetos sagrados e mágicos (riquezas ou heranças dos antepassados), que simbolizam os espíritos dos antepassados e o sobrenatural.</p>	
		<b>O Ato da Tertota</b>	Quanto ao <i>Tertota</i> , este não é uma cerimónia, mas acontece em	

				qualquer cerimónia ritual. São as palavras ditas pelos que fazem o ritual, que pode ser bom ou mau dependendo das necessidades.	
5.	Fernando Xavier	4	<b>O ritual do Saubatár</b>	<p>Com base na tradição da comunidade Ainaro, <i>Saubátar</i> significa pedir licença ao <i>lulik</i> para colher e comer os produtos agrícolas da época (depois de um ano de produção). A cerimónia ritual do <i>Saubátar</i> acontece em vários lugares, nomeadamente no <i>Bosok lulik</i> e na <i>Uma Lulik</i>. Na sua primeira etapa, realiza-se no <i>Bosok lulik</i>, para onde os crentes levam milho verde, galinhas e ovos para assar e é feito para pedir licença ao sobrenatural (invisível). Na segunda etapa, realiza-se na casa sagrada (<i>uma lulik</i>) e o milho verde representa todos os alimentos. Na cerimónia, sacrificam-se alguns animais, como porcos, galinhas e cabritos, e as bebidas preparadas dependem do que se tem. O objetivo do <i>saubátar</i> na <i>uma lulik</i> é a contagem da linha da geração, seja homem ou mulher.</p> <p>A vantagem do rito se realizar na casa sagrada é a de permitir reunir a sua geração e, assim, fortalecer os laços familiares no futuro. Quanto à desvantagem, se não se praticar o rito será perigoso para a geração, porque se trata de uma crença e de uma tradição que é preciso cumprir. Por outro lado, se o <i>Saubátar</i> não for realizado, as gerações não se vão conhecer e não vão saber as suas origens.</p> <p>Sobre a continuidade deste ritual nas novas gerações, é preciso haver uma proteção do Governo ou de um ministério relevante para conservar a nossa cultura e tradição, porque, através delas, poder-se-á fortalecer a nossa unidade e manter a nossa identidade.</p> <p>Como um povo tem uma cultura e uma religião, os seus porta-vozes tradicionais dizem que, na colheita do milho, se deve fazer, em primeiro lugar, o rito no <i>bosok lulik</i> e na <i>uma lulik</i>. Depois, leva-se o milho para a Igreja, porque Deus deu-nos a terra, a casa e o fogo sagrados (<i>rai, uma no ahi</i>). Dentro da <i>uma lulik</i> existe uma cozinha e um fogão a lenha a que o étnico <i>mambae</i> chama <i>um nor áp</i> que tem uma conotação espiritual: quando os velhos fazem uma veneração na casa sagrada,</p>	 <p>Educado</p>


				pedem graças e bênçãos ao espírito do <i>Um nor Áp, Hát nor Rae</i> (Casa e Fogo, Pedra e Terra). Como já tinha dito, o milho representa todas as refeições e, sobretudo, vem de terra, tal como os homens, que, no fim, retornam à terra.	
			<b>A cerimónia da Orsaian</b>	<p>Relativamente ao <i>Orsaian</i>, de acordo com a tradição do povo de Ainaro, três noites depois de um bebé nascer é preciso fazer uma cerimónia para lhe lavar olhos, para o bebé seguir a tradição dos antepassados durante a sua vida. Os materiais necessários para esta cerimónia são a lenha sagrada (<i>ai lulik</i>), a água sagrada (<i>bé lulik</i>), uma pulseira fina (<i>kelu mutin</i>), sete bételes e sete arecas (para servir aos convidados). Os convidados devem colocar a pulseira fina dentro da água sagrada para, depois, a esfregarem nos olhos, de modo a terem uma boa visão.</p> <p>Este rito é feito para anunciar aos vizinhos o nascimento de um bebé numa casa sagrada (<i>uma lulik/uma lisan</i>). Esta é a tradição que não será perdida, porque é considerada como uma herança dos antepassados. Por isso, pedimos ao Governo para dar apoio aos praticantes, de modo a poder-se preservar esta tradição na sociedade étnica <i>Mambae</i>, de Ainaro.</p>	

			<p><b>O ritual do Tan-Mat</b></p>	<p>A cerimónia <i>Tan-mat</i> estabelece uma relação entre os defuntos de uma casa sagrada e aqueles que ainda estão vivos. No início, os filhos dos defuntos estabelecem um horário determinado para se encontrarem, com o objetivo de traçarem um plano para a cerimónia. Durante o processo de preparação da cerimónia, a <i>fetosan</i>, composto pela <i>kai-mai</i> (a tia de mais idade) e os <i>an-hine</i> (filhas e maridos/genros) recolhem búfalos, cavalos, cabritos, dinheiro, ouro e prata para entregar na <i>uma lisan</i>, a casa sagrada de onde são. Por sua vez, os <i>umane</i> recolhem porcos, Tais (roupas tradicionais), alimentos, tais como arroz, milho, carne de porco, e vinho, e também preparam os lugares para receber a <i>fetosan</i>.</p> <p>A vantagem é a de permitir saber quantos <i>cai-mai/fetosan</i>, <i>umane</i> (filhos/filhas ou gerações) existem dentro de cada casa sagrada. A desvantagem desta tradição é a perda de tempo e de riqueza, na medida em que têm de se fazer várias ofertas durante a sua prática. Considero que este rito precisa de ser promovido, porque é igual á Páscoa, no sentido em que se recordam defuntos, portanto, sugiro que o Governo, através do Secretário de Estado da Cultura, dê o seu apoio, para o melhorar.</p>	
			<p><b>O ato da Tertota</b></p>	<p>O <i>Tertota</i> é uma prática de rogar, talvez por uma pessoa que esteja descontente ou zangada com outra. Há, porém, outra opinião acerca da realização deste ritual, isto é, considera-se que é feito ao <i>fatuk lulik</i>, <i>rai lulik</i>, <i>uma lulik</i> e <i>matebean</i> (pedra sagrada,</p>	


				terra sagrada, casa sagrada e defuntos) para pedir uma maldição. Por outro lado, o <i>tertota</i> também pode ser feito para pedir sorte e sucesso. Normalmente, o <i>tertota</i> é feito pelos curandeiros, porta-voz de uma <i>lulik</i> , pelos avôs, tios e pais. Por exemplo, durante o tempo da resistência contra a ocupação dos indonésios, os mais velhos faziam sempre o <i>tertota</i> quando os filhos estavam a combater com os inimigos. Neste caso, fazia-se o <i>tertota</i> para pedir uma força a Deus e à sobrenatural ou aos defuntos.	
6.	João da Silva	2	<b>O <i>lulik</i>, o rito <i>Tan-mat</i> são ligados com o <i>Fetosan-Umane</i>.</b>	<p>Antigamente, os nossos antepassados ensinavam-nos a respeitar as coisas em que não podíamos mexer, ordem á qual tínhamos de obedecer, sem questionar. Esta educação e ensinamentos morais eram considerados <i>lulik</i>. Com a presença do catolicismo, os missionários ou sacerdotes ensinaram-nos a doutrina de Deus (os dez mandamentos da Lei de Deus), por isso, são chamados <i>Amo Lulik</i>. E a Igreja também é uma <i>Uma Lulik</i>, a casa sagrada de Deus. Por isso, temos a obrigação de obedecer, simultaneamente, à Igreja e à tradição.</p> <p>Sobre a <i>Fetosaa-umane</i>, esta é uma prática cultural que tem valores positivos, como a preservação de uma estrutura familiar, através da cooperação mútua em eventos tradicionais, como no rito <i>Tan-mat</i>. Neste ritual há um intercâmbio das riquezas entre as famílias, por isso, há uma grande colaboração dos seus membros, de modo a poderem compensar os tios dos defuntos, já que têm a crença de que os pecados são perdoados e as almas vão para a casa de Deus (no céu) através das casas sagradas dos avôs/tios <i>umane</i>. O <i>Fetosaa-umane</i> existe para que as gerações se possam conhecer umas às outras, sem limites, e para que possam reconhecer as suas origens.</p>	 Analfabeto



			<b>O rito do Saubatár.</b>	<p>O <i>Saubatar</i>, que é uma prática ritual que consiste numa cerimónia para agradecer ao sobrenatural, aos defuntos e também a Deus, sendo um ritual obrigatório de cada casa sagrada e das suas gerações. Nesta cerimónia colhe-se milho, colheita que pode acontecer em dois locais sagrados, numa <i>uma lulik</i> e num <i>bosok lulik</i>.</p> <p>Em primeiro lugar, a cerimónia acontece no <i>bosok lulik</i>, que é localizado num lugar aberto. Neste evento, os agricultores levam milho verde, para assar, e animais, tais como galinhas e porcos, para matar, os quais oferecerem ao sobrenatural. Ao mesmo tempo, gritam “ooooo os rae ulu rat la rae io, napai gia rat nei nora nor ai tmua”, que significa <i>hoje, neste território, seja uma aldeia ou seja um suco, o tempo chega e toda a gente tem liberdade para a começar a comer milho verde e a fazer a colheita</i>.</p> <p>Na segunda etapa, a cerimónia do <i>Saubatar</i> realiza-se na casa sagrada (<i>uma lulik/uma lisan</i>). Os velhos e os</p>	

				<p>novos, e os descendentes de uma casa sagrada (<i>uma lulik</i>), têm a obrigação de participar na realização da cerimónia dentro da casa sagrada, com a família nuclear ou a família real. O objetivo deste rito é o de reunir a família grande, ou seja, serve para os seus membros fazerem uma avaliação das suas vidas durante o ano anterior, sobre os acontecimentos bons e maus que tiveram, tais como a maldição, a boa sorte e o rendimento da família. E, mais importante ainda, sacrificam-se os animais e fazem-se as refeições para dar comida aos objetos sagrados e mágicos (riquezas ou heranças dos antepassados), que simbolizam os espíritos dos antepassados e o sobrenatural.</p>	
			<b>O Ato da Tertota</b>	<p>Quanto ao <i>Tertota</i>, este não é uma cerimónia, mas acontece em qualquer cerimónia ritual. São as palavras ditas pelos que fazem o ritual, que pode ser bom ou mau dependendo das necessidades.</p>	
7.	Luís Marçal Magno	3	<b>O lulik, o rito do Tan-mat é ligado com o Fetosan-Umane</b>	<p>Antigamente, os nossos antepassados ensinavam-nos a respeitar as coisas em que não podíamos mexer, ordem á qual tínhamos de obedecer, sem questionar. Esta educação e ensinamentos morais eram considerados <i>lulik</i>. Com a presença do catolicismo, os missionários ou sacerdotes ensinaram-nos a doutrina de Deus (os dez mandamentos da Lei de Deus), por isso, são chamados <i>Amo Lulik</i>. E a Igreja também é uma <i>Uma</i></p> 	


				<p><i>Lulik</i>, a casa sagrada de Deus. Por isso, temos a obrigação de obedecer, simultaneamente, à Igreja e à tradição.</p> <p>Sobre a <i>Fetosaa-umane</i>, esta é uma prática cultural que tem valores positivos, como a preservação de uma estrutura familiar, através da cooperação mútua em eventos tradicionais, como no rito <i>Tan-mat</i>. Neste ritual há um intercâmbio das riquezas entre as famílias, por isso, há uma grande colaboração dos seus membros, de modo a poderem compensar os tios dos defuntos, já que têm a crença de que os pecados são perdoados e as almas vão para a casa de Deus (no céu) através das casas sagradas dos avôs/tios <i>umane</i>. O <i>Fetosaa-umane</i> existe para que as gerações se possam conhecer umas às outras, sem limites, e para que possam reconhecer as suas origens.</p>	Educado
			<p><b>O irtual do Saubátar</b></p>	<p>O <i>Saubatar</i>, que é uma prática ritual que consiste numa cerimónia para agradecer ao sobrenatural, aos defuntos e também a Deus, sendo um ritual obrigatório de cada casa sagrada e das suas gerações. Nesta cerimónia colhe-se milho, colheita que pode acontecer em dois locais sagrados, numa <i>uma lulik</i> e num <i>bosok lulik</i>.</p> <p>Em primeiro lugar, a cerimónia acontece no <i>bosok lulik</i>, que é localizado num lugar aberto. Neste evento, os agricultores levam milho verde, para assar, e animais, tais como galinhas e porcos, para matar, os quais oferecerem ao sobrenatural. Ao mesmo tempo, gritam “ooooo os rae ulu rat la rae io, napai gia rat nei nora nor ai tmua”, que significa <i>hoje, neste território, seja uma aldeia ou seja um suco, o tempo chega e toda a gente tem liberdade para a começar a comer milho verde e a fazer a colheita</i>.</p> <p>Na segunda etapa, a cerimónia do <i>Saubatar</i> realiza-se na casa sagrada (<i>uma lulik/uma lisan</i>). Os velhos e os novos, e os descendentes de uma casa sagrada (<i>uma lulik</i>), têm a obrigação de participar na realização da cerimónia dentro da casa sagrada, com a família nuclear ou a família real. O objetivo deste rito é o de reunir a família grande, ou seja, serve para os seus membros fazerem uma avaliação das suas vidas durante o ano anterior, sobre os acontecimentos bons e maus que</p>	

				tiveram, tais como a maldição, a boa sorte e o rendimento da família. E, mais importante ainda, sacrificam-se os animais e fazem-se as refeições para dar comida aos objetos sagrados e mágicos (riquezas ou heranças dos antepassados), que simbolizam os espíritos dos antepassados e o sobrenatural.	
			<b>O ato da Tertota</b>	Quanto ao <i>tertota</i> , este não é uma cerimónia, mas acontece em qualquer cerimónia ritual. O <i>tertota</i> é uma expressão palavras são expressado pelos que fazem ritual. Na prática do <i>tertota</i> pode ser bom e mal depende das necessidades.	
8.	Nuno Araújo	Bianco	3	<p><b>A história e a cultura dos timorenses em geral.</b></p> <p>Infelizmente, os antepassados não sabiam contar os séculos, portanto algumas cerimoniais tradicionais deixaram de ser praticadas por não terem sido passadas de geração em geração.</p> <p>Falamos sobre a cultura em geral, a que vem dos nossos antepassados, antes da chegada dos portugueses a Timor, altura em que os nossos avós já formavam as estruturas culturais. Na visão do étnico de <i>bunak</i>, a história, antes da independência, já acontecia, isto é, os nossos antepassados já tinham governado o país três vezes. A primeira governação, de <i>Loro</i>, começou</p>	 <p>Educado</p>

			<p>em Cupão (Timor Ocidental) e estendia-se até Timor Oriental. A seguir, houve uma guerra civil, chamada <i>Sina Muti Malaka-Nai Teka Malaka</i>, em que dois reis disputaram os seus poderes; por causa disso, o <i>Sina Muti Malaka</i> foi até ao território <i>Oebiku Wehali</i>, onde alguns dos seus habitantes se esconderam, levou um homem e uma mulher. O <i>Sinamuti</i> foi derrotado na guerra e ficou refém na parte ocidental de Timor, onde casou com uma mulher e se tornou o pastorinho dos cabritos. Além disso, ele lavrou uma terra para cultivar e, ao mesmo tempo, rezou (fez um rito) a Deus, dizendo que, se ele fosse o rei, deveria chover, naquele instante, na sua planta, e não na planta de outros. A verdade é que só choveu na planta dele (em Timor Oriental) e as outras partes ficaram secas.</p> <p>Na época do milho verde, quando as cacatuas e os corvos o comiam, <i>Sinamuti</i> começou a falar com os pássaros e disse-lhes que, em vez de comerem o milho, deveriam levá-lo à pessoas, porque havia um grupo que discutia sobre a seca, devido à falta da chuva. De repente, o corvo levou o milho verde e deixou-o ao grupo, o que fez com que os seus elementos perguntassem uns aos outros de onde vinha aquele milho verde. Foram procurar o lugar onde chovia e, depois de o encontrarem, pediram para a chuva parar, e a chuva parou. O <i>Sinamuti</i> pediu às pessoas para beberem água e para cantarem e dançarem; também pegou na água e começou a regar as pessoas e, assim, começou a chover. Choveu durante sete dias e sete noites, por isso, as pessoas chamavam-lhe <i>Loro Babulu</i>. Depois disso, ele casou outra vez com a filha do <i>Nai Tada Malaka</i> (o Rei) na zona ocidental, e começou a formar a <i>Feto ne'en Kaut ne'en</i> (seis mulheres que eram consideradas como seis sacos), que regressou a Timor Oriental, por isso, ainda hoje se mantêm muitas tradições. Foi com base nesta história que se começou, no tempo em não havia chuva,</p>	
--	--	--	--	--

				<p>a fazer uma cerimónia ritual para haver chuva.</p> <p>Na área de Bobonaro, até ao reino de <i>Naitada Malaka- Sina Muti Malaka</i>, as mulheres tinham mais direitos do que os homens, mas como o rei casou com a sua sobrinha, o sistema passou a ser patriarcal, isto é, os homens tinham mais direitos, e as mulheres só tinham o direito de guardar a casa sagrada.</p>	
			<b>O ritual e fetosan-umane</b>	<p>Também queremos referir a <i>Fetosaa-Umane</i>, que ainda é hoje praticada, quer no étnico de <i>Mambae</i>, quer no de <i>Bunak</i>. Este ritual diz respeito à morte, ou seja, quando uma pessoa falece, é preciso montar a cavalo para ir a casa do tio que, depois disso, também vai montar a cavalo para ir visitar o sobrinho que faleceu. Nesta altura, o tio pede uma compensação, à qual se dá o nome de <i>golepel</i>, em <i>bunak</i>, que significa respeito. Além disso, a cerimónia antes mencionada refere-se ao casamento, pois, quando um rapaz e uma rapariga querem casar, é necessário haver a barlaque (dote), que é constituída por milhares ou milhões de dólares, cavalos, búfalos, ouro e prata, de modo a que ela não se possa apaixonar por outro rapaz, porque é proibido pela tradição, e deve manter-se o respeito.</p>	
			<b>A história e a lenda do ritual do Saubatár</b>	<p>Na época do milho verde, quando as cacatuas e os corvos o comiam, <i>Sinamuti</i> começou a falar com os pássaros e disse-lhes que, em vez de comerem o milho, deveriam levá-lo à pessoas, porque havia um grupo que discutia sobre a seca, dividido à falta da chuva. De repente, o corvo levou o milho verde e deixou-o ao grupo, o que fez com que os seus elementos perguntassem uns aos outros de onde vinha aquele milho verde. Foram procurar o lugar onde chovia e, depois de o encontrarem, pediram para a chuva parar, e a chuva parou. O <i>Sinamuti</i> pediu às pessoas para beberem água e para cantarem e dançarem; também pegou na água e começou a regar as pessoas e, assim, começou a chover. Choveu durante sete dias e sete noites, por isso, as pessoas chamavam-lhe <i>Loro Babulu</i>. Depois disso, ele casou outra vez com a filha do <i>Nai Tada Malaka</i> (o Rei) na zona ocidental, e começou a formar a <i>Feto ne'en Kaut ne'en</i> (seis mulheres</p>	

			<p>que eram consideradas como seis sacos), que regressou a Timor Oriental, por isso, ainda hoje se mantêm muitas tradições. Foi com base nesta história que se começou, no tempo em não havia chuva, a fazer uma cerimónia ritual para haver chuva.</p> <p>Na área de Bobonaro, até ao reino de <i>Naitada Malaka- Sina Muti Malaka</i>, as mulheres tinham mais direitos do que os homens, mas como o rei casou com a sua sobrinha, o sistema passou a ser patriarcal, isto é, os homens tinham mais direitos, e as mulheres só tinham o direito de guardar a casa sagrada. Quando falamos sobre a cultura de Ainaro, como <i>sergala</i>, <i>semanu</i>, <i>tebedai</i> e <i>dahur</i>, este sistema sempre existiu. Por que razão os antepassados o criaram? Para haver respeito entre os reis e os reinos (povos). É por isso que a atitude de respeito ainda se mantém até à data.</p> <p>Também queremos referir a <i>Fetosaa-Umane</i>, que ainda é hoje praticada, quer no étnico de <i>Mambae</i>, quer no de <i>Bunak</i>. Este ritual diz respeito à morte, ou seja, quando uma pessoa falece, é preciso montar a cavalo para ir a casa do tio que, depois disso, também vai montar a cavalo para ir visitar o sobrinho que faleceu. Nesta altura, o tio pede uma compensação, à qual se dá o nome de <i>golepel</i>, em <i>bunak</i>, que significa respeito. Além disso, a cerimónia antes mencionada refere-se ao casamento, pois, quando um rapaz e uma rapariga querem casar, é necessário haver a barlaque (dote), que é constituída por milhares ou milhões de dólares, cavalos, búfalos, ouro e prata, de modo a que ela não se possa apaixonar por outro rapaz, porque é proibido pela tradição, e deve manter-se o respeito.</p> <p>O sentido principal do <i>Saubatár</i> pode ser comparado, na religião Cristã Católica, à celebração do Natal e do Ano Novo. Consiste em levar obrigatoriamente, uma vez por ano, alimentos ao <i>bosok lulik</i>, <i>uma lulik/uma lisan</i> para fazer o rito. De acordo com o étnico <i>Bunak</i>, no <i>Saubatár</i> deve prender-se a corda de palma no braço, porque se a corda cair ou for cortada, pode apanhar-se uma doença ou pode acontecer um desastre (segundo o mito). É sugerido, então, aos mais novos que não se esqueçam de praticar este ritual que os antepassados deixaram, para crescerem seguindo a sua própria cultura.</p> <p>Podemos comparar o rito do</p>	
--	--	--	---	--

				<p><i>Saubatár</i> à ação de levar o milho verde à Igreja, pois têm o mesmo sentido, isto é, o de percorrer o caminho para chegar Deus. A prática depende das pessoas, ou seja, aquelas que não têm disponibilidade ou que são preguiçosas escolhem o caminho mais curto, levando apenas o milho verde à igreja, em vez de praticarem a cerimônia ritual (<i>Saubatár</i>). No entanto, é melhor fazer os dois rituais, na medida em que, antigamente, os antepassados já os praticavam (antes da chegada dos missionários portugueses), sendo, por isso, considerados como uma herança que os avós deixaram, a qual é melhor dar continuidade.</p> <p>O que significa o <i>bosok lulik</i> e a <i>uma lulik</i>? Ambos são os lugares que os antepassados usavam para honrar e rezar a Deus (<i>Maromak</i>). Faziam-no de uma maneira diferente, mas a crença em Deus era igual. É de notar que este ritual não se celebrava apenas com o milho, mas também com outros alimentos, como o arroz. Na verdade, na época da colheita do arroz dourado, os agricultores faziam sempre o rito, que consistia em prender o caule do arroz dourado, pois havia uma crença de que a respiração dos defuntos se podia inserir lá, de modo a dar mais arroz. Acreditava-se que se não se praticasse este rito haveria menos produtos, portanto, de acordo com a tradição do étnico <i>bunak</i>, o rito do <i>Saubatár</i> fazia-se para todos os alimentos, incluindo a fruta. Os rituais tinham mais vantagens para os antepassados, porque os avós não cultivavam grandes áreas, em hectares, só pequenas áreas, por isso, a prática de rituais permitia aumentar a quantidade de produtos recolhidos por ano. No futuro, se os mais velhos continuarem a praticar frequentemente os ritos, garantirão a sua sobrevivência.</p>	
9.	Rafael Pereira	3	<b>Cultura em timorenses em geral</b>	<p>Antigamente os nossos antepassados ensinaram-nos a termos respeito pelas coisas em que não podemos mexer, ensinamento ao qual tínhamos de obedecer, sem questionar. Esta educação e ensinamentos morais eram considerados <i>lulik</i>. Com a presença do catolicismo, os missionários ou</p>	 Analfabeto



				sacerdotes ensinaram-nos doutrina de Deus (os dez mandamentos da Lei de Deus), por isso, são chamados <i>Amo Lulik</i> . E a Igreja também é uma <i>Uma Lulik</i> , a casa sagrada de Deus. Por isso, temos a obrigação de obedecer à Igreja e à tradição simultaneamente.	
			<b>O ato da Tertota</b>	Quanto ao <i>tertota</i> , este não é uma cerimónia, mas acontece em qualquer cerimónia ritual. O <i>tertota</i> é uma expressão palavras são expressado pelos que fazem ritual. Na prática do <i>tertota</i> pode ser bom e mal depende das necessidades.	
			<b>O ritual do Saubátar</b>	<p>O <i>Saubatar</i>, que é uma prática ritual que consiste numa cerimónia para agradecer ao sobrenatural, aos defuntos e também a Deus, sendo um ritual obrigatório de cada casa sagrada e das suas gerações. Nesta cerimónia colhe-se milho, colheita que pode acontecer em dois locais sagrados, numa <i>uma lulik</i> e num <i>bosok lulik</i>.</p> <p>Em primeiro lugar, a cerimónia acontece no <i>bosok lulik</i>, que é localizado num lugar aberto. Neste evento, os agricultores levam milho verde, para assar, e animais, tais como galinhas e porcos, para matar, os quais oferecerem ao sobrenatural. Ao mesmo tempo, gritam “ooooo os rae ulu rat la rae io, napai gia rat nei nora nor ai tmua”, que significa <i>hoje, neste território, seja uma aldeia ou seja um suco, o tempo chega e toda a gente tem liberdade para a começar a comer milho verde e a fazer a colheita</i>.</p> <p>Na segunda etapa, a cerimónia</p>	

				<p>do <i>Saubatar</i> realiza-se na casa sagrada (<i>uma lulik/uma lisan</i>). Os velhos e os novos, e os descendentes de uma casa sagrada (<i>uma lulik</i>), têm a obrigação de participar na realização da cerimónia dentro da casa sagrada, com a família nuclear ou a família real. O objetivo deste rito é o de reunir a família grande, ou seja, serve para os seus membros fazerem uma avaliação das suas vidas durante o ano anterior, sobre os acontecimentos bons e maus que tiveram, tais como a maldição, a boa sorte e o rendimento da família. E, mais importante ainda, sacrificam-se os animais e fazem-se as refeições para dar comida aos objetos sagrados e mágicos (riquezas ou heranças dos antepassados), que simbolizam os espíritos dos antepassados e o sobrenatural.</p>	
			<p><b>A cerimónia da Orsaian</b></p>	<p>Relativamente ao <i>orsaian</i> é uma cerimónia normal, como uma tradição da étnicos <i>mambae</i>, mas não é uma prática do <i>lulik</i>. Normalmente, este costume é feito com o objetivo de o bebé ter uma mente e um corpo saudáveis durante o seu crescimento. Esta cerimónia tem a duração de três dias para a criança do sexo feminino – a <i>lalean tolu</i> (<i>tolu</i> significa 3) –, porque dentro da casa sagrada há uma cozinha, e a tarefa de cozinhar cabe às mulheres; e de quatro dias para a criança do sexo masculino, que simbolizam as quatro colunas da casa sagrada (<i>ri'i mera pat</i>, em <i>mambae</i>), porque, de acordo com a tradição do grupo étnico de <i>mambae</i> Ainaro, a construção de uma casa é uma tarefa do homem, só ele é que tem força para a construir.</p> <p>No processo da cerimónia, os</p>	

				<p>pais preparam comida e bebidas, tabaco e <i>areca-bétel</i> para os convidados; põem, também, água numa chapa e uma pulseira fina dentro dela. Os visitantes ou as pessoas que assistem à cerimónia têm a obrigação de tirar a pulseira fina da mão e de ver o sol nascer, esfregando os olhos depois disso, para terem uma boa visão.</p>	

Na filmagem da cerimónia ritual *Tan-mat*, observámos que na *Uma Lisan Aimal* os celebrantes oferecerem materiais e dinheiro, sendo o mais importante o pescoço de búfalo (*bubus*, em *mambae*; *na'an kakorok*, em *tétum*), à *Uma lisan Lak-meta*. Os processos descritos detalhadamente em seguida.

A cerimónia é a uma comemoração para os defuntos. É uma tradição que os étnicos *mambae* têm obrigação de fazer, embora os defuntos já tenham morrido há muitos anos. Os *mambaes* chamam a este ritual *Tan-mat*. Esta cerimónia foi comemorada em 2011 por setes irmãos, os quais queriam devolver os pais que faleceram às suas casas de origem ou casas sagradas (*uma lisan*), de onde eles tinham vindo.

Normalmente, a preparação para este ritual dura cerca de seis meses. No entanto, um mês antes, começaram a ser preparados, por exemplo, materiais e refeições. Estes preparativos fazem-se para receber os *Umane* e *fetosaa* (*manefoun*). De acordo com a tradição de cada *manefoun*, pode haver a obrigação de levar ofertas, tais como búfalos, dinheiro, vinhos, entre outra, para participar na cerimónia. O *umane* prepara uma espécie de cajado (um pau utilizado para conduzir os búfalos) onde põe o montante de dinheiro (*ós arbau essa*, em *mambae*), o qual é entregue como uma recompensa às *fetosaa*. Quando os celebrantes (os filhos) recebem a corda do búfalo, agarram-na fortemente, para que o búfalo seja sagrado, simbolizando a comida das terras e dos reinos que se juntaram nas sete *uma lisan*, no Sabagu Leopat.

Depois de receberem os materiais, os *Umanes* têm a obrigação de encaminhar as *fetosaa* para os espaços que foram preparados e oferecem areca-bétel aos convidados, nomeadamente aos velhos e às crianças. A tradição de oferecer materiais/coisas uns aos outros simboliza a consideração e o respeito. Depois de receberem as materiais, os celebrantes ou os filhos reconhecem as suas *fetosaa*, dando-lhes refeições e carnes sagradas (*na'an talin lulik*) que foram preparadas. Em cada bandeja

estão sete pedaços de porcos cortados, que representam os setes filhos, os quais querem demonstrar o seu respeito quando recebem as rainhas que deram o seu apoio para a realização desta cerimónia ritual.

Quando acabaram as refeições, os irmãos celebrantes entregaram *Tais* e areca bétel à *fetosaa* (convidados). Este momento é a abertura da cerimónia, ou seja, os pratos dos defuntos ficam prontos para a prática do ritual. Após esta fase, os celebrantes vão chamar as *fetosaa* uma por uma, ou em simultâneo, para apresentarem os materiais que levaram - como dinheiro e um medalhão de ouro (*belak mean*), a chamada da *fetosaa* obedece a uma ordem: em primeiro lugar, a grande tia (*Kai-mai*), a seguir as irmãs ou os genros dos celebrantes (*manefoun*). Esta fase é realizada no primeiro dia da cerimónia, à meia-noite.

Na prática da *fetosaa-umane* acontece uma negociação entre duas partes, por exemplo, se o *umane* pediu à *fetosaa* para levar \$500, mas a *fetosaa* apenas levou \$100, de acordo com as suas capacidades, não há qualquer problema. Por outro lado, se a *fetosaa* considerar que o montante pedido pelo *umane* é demasiado elevado, os *umane sira* reconhecem-no. Se a negociação terminar à meia-noite é melhor, porque esta hora é a hora dos defuntos; em *mambae* diz-se *Lig nor maer, man it tou nam lao maer ni* (ligação aos defuntos, falamos sobre os defuntos).



Carlos Filipe Ximenes Belo é um bispo católico timorense que, em conjunto com José Ramos-Horta, foi agraciado com o Nobel da Paz de 1996, pelo seu trabalho "em prol de uma solução justa e pacífica para o conflito em Timor-Leste"

O resultado de uma entrevista com a Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, SDB, na sua residência Biblioteca Dom Bosco, Rua Alves Veiga, número 124 Porto, Portugal no dia 27 de dezembro de 2012.

Numa entrevista que fizemos, um entrevistado referiu que os nossos antepassados praticavam o *lulik* através do sacrifício de animais no *Bosok lulik* (a construção das pedras), que é como um altar para a cerimónia ritual, de acordo com o Antigo Testamento, como o profeta Abrão fez. Dom Ximenes Belo, diz que o Antigo Testamento já passou, com a presença de Cristo o antigo testamento perdeu-se. Com a presença de Jesus Cristo, nós também temos um novo sacrifício, um novo altar e temos de deixar o passado, porque Cristo é um novo homem, uma nova cultura e tradição, por isso, é preciso ter uma renovação forte.

Para os timorenses, a crença no catolicismo tem sempre uma vertente cultural, pois através dela podem purificar-se. Para além disso, no que respeita à cultura dos timorenses, há alguns aspetos que têm valores positivos, que lhes permitem melhorar para poderem ser perfeitos, portanto, isto depende dos antropólogos, humanistas e religiosos, a longo prazo. Por

exemplo, neste momento, em Timor, estão a construir as *uma lulik sira*, e as autoridades civis e religiosas estão envolvidas, o que podemos ver.

É de notar, neste contexto, que na frente da igreja de Maubisse foi construído o *Bosok lulik* (altar tradicional) e dentro da igreja há um altar característico da religião católica. Como é que se podem relacionar os dois altares? De acordo com Dom Ximenes, há aqui uma função pedagógica é um modo de entregar a natureza timorense ao catolicismo; é uma maneira que a igreja pode aceitar para, conseqüentemente, ir atraindo os praticantes a adorarem o altar que existe dentro da igreja em vez de adorarem o que está no seu exterior.

De acordo com a nossa hipótese e análise, a prática do timorense de adorar o *lulik* será, no futuro, apenas uma prática cultural, e Dom Ximenes aceitou que será atingido este objetivo. Por exemplo, o povo japonês é um povo desenvolvido nas vertentes da ciência, tecnologia e civilização, mas retorna às suas origens no que respeita à cultura, isto é, os japoneses seguem os seus usos tradicionais para demonstrarem a sua identidade como povo japonês. Por isso, os timorenses também têm estas tradições, mas precisam de se purificar e de as aperfeiçoar

Quando perguntámos ao bispo qual era a sua visão sobre os objetos sagrados e as cassas sagradas (*uma lulik*) que foram benzidos por sacerdotes, Dom Carlos referiu que o considerava como uma cerimónia. Por outro lado, em Timor ainda existir a crença no *lulik*, que não evita as doenças, as desastres ou incidentes e a morte, portanto os timorenses têm, também, uma mentalidade pagã, o que faz com que as duas crenças existam paralelamente. De facto, existi o termo Malefício, que significa que ainda há um *lulik* que ameaça os timorenses, que faz com que eles tenham medo. Este sentimento obrigue-as para adoram, a cumprirem a tradição.

Por outro lado, há vantagens nas rituais: por exemplo, quando estes se fazem há chuva, e as hortas e os campos de arroz dão bons produtos, em qualidade e quantidade. O mesmo existe na tradição Cristã, que tem orações para pedir graças e a bênção de Deus para os produtos agrícolas, entre outros. Neste sentido, ainda falta um estudo, especialmente dos sacerdotes, incluindo eu, para analisar todas as questões, porque, até a data, no meu ponto de vista, ainda ninguém aprofundou isto.

Há outra opinião sobre a relação entre as práticas rituais e o catolicismo, na realidade os praticantes têm mais medo da tradição do que da religião católica: por exemplo, os timorenses obedecem à prática dos ritos e da *fetosan-umane* e não se importam com a eucaristia e com o ato de rezar na igreja. Dom Ximenes salientou que é preciso haver uma prova científica que evidencie que se não praticarem os ritos e o *fetosan-umane*, os crentes não vão ter doenças, isto para não sentirem a pressão psicológica, avergonha e o ato como obrigatório.

Chamamos Simbologia à mistura entre crença em Deus e na prática dos ritos ou do *lulik*, por exemplo, os timorenses rezam o terço todos os dias a Nossa Senhora, Mãe de Deus, mas, por outro lado, levam coisas mágicas, como *aikulit* (casca de árvore) e *aiabut* (raízes de

árvore), para que os espíritos do *lulik* os acompanhem. Esta é a mentalidade dos timorenses e não sabemos quando é que eles a vão mudar.

Saliente-se outro ponto de vista, nomeadamente sobre o rito *Tan-mat*, em que se mata o búfalo sagrado para entregar as suas partes sagradas e outras riquezas aos tios (*umane*), com o intuito de se poderem compensar os pecados dos defuntos. De acordo com Dom Ximenes, esta é uma prática cultural e não há, por isso, nenhuma contradição com a religião. Assim, não há qualquer problema, porque não é necessário haver uma definição científica para justificar que se não se praticar o *tan-mat* as pessoas vão sofrer. Porém, apesar de a prática do *tan-mat* ser apenas uma crença cultural, quando as pessoas não a respeitam e lhes acontece, ao mesmo tempo, algo inesperado, concluem que esse acontecimento foi uma consequência do facto de não terem praticado o rito

Há que destacar, ainda, o facto de, na crença, as pessoas são fanáticas, seja na religião ou na tradição. Embora não haja provas científicas, baseiam-se nas suas experiências que consideram verdadeiras. Dom Ximenes diz que é preciso haver liberdade, paz e tranquilidade interior; não deve haver pressão, não se deve viver dominado nem com medo, o importante é apenas crer em Jesus Cristo.



“Através da cultura sabemos a nossa identidade” Cartaz junto à Biblioteca Xanana Gusmão (Xanana Reading Room).





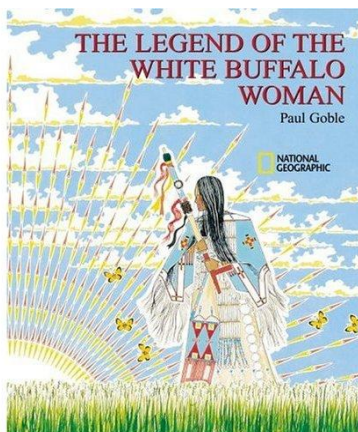
Vestido tradicional nativos Índios norte-americanos



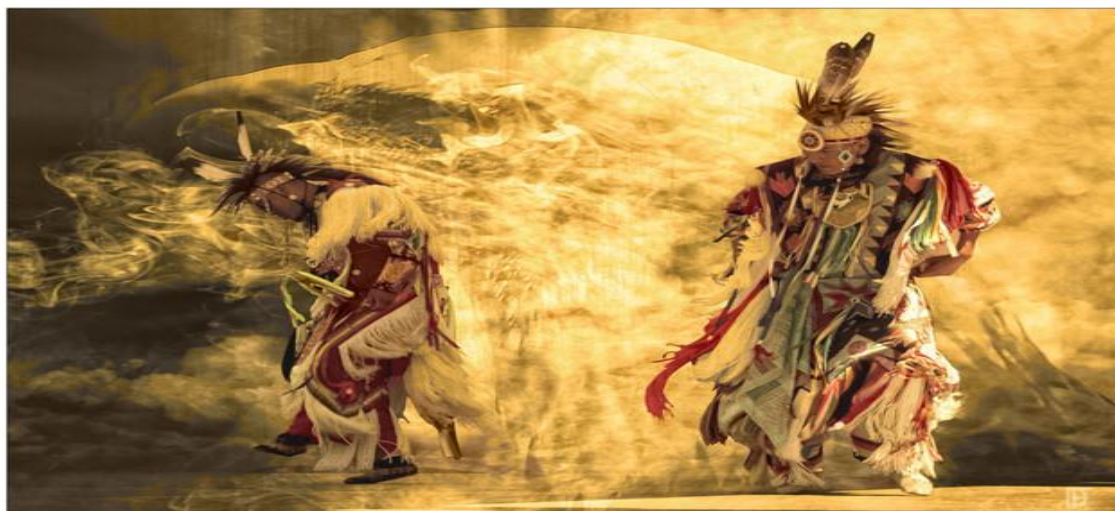
Vestido tradicional timorense ( Ainaro)



Vestido na cerimónia formal do estado.



O símbolo era o Búfalo Branco transformou-se como uma mulher com o cachimbo sagrado.



A demonstração da Dança da Água.



*Uma lulik* na Flecha paz parte de distrito Ainaro, tem uma boa construção das pedras chama se o “*Bosok lulì*” é como a altar sagrada para a cerimónia ritual.



A cidade, a paisagem e a panorama do distrito e subdistrito de Ainaro

